

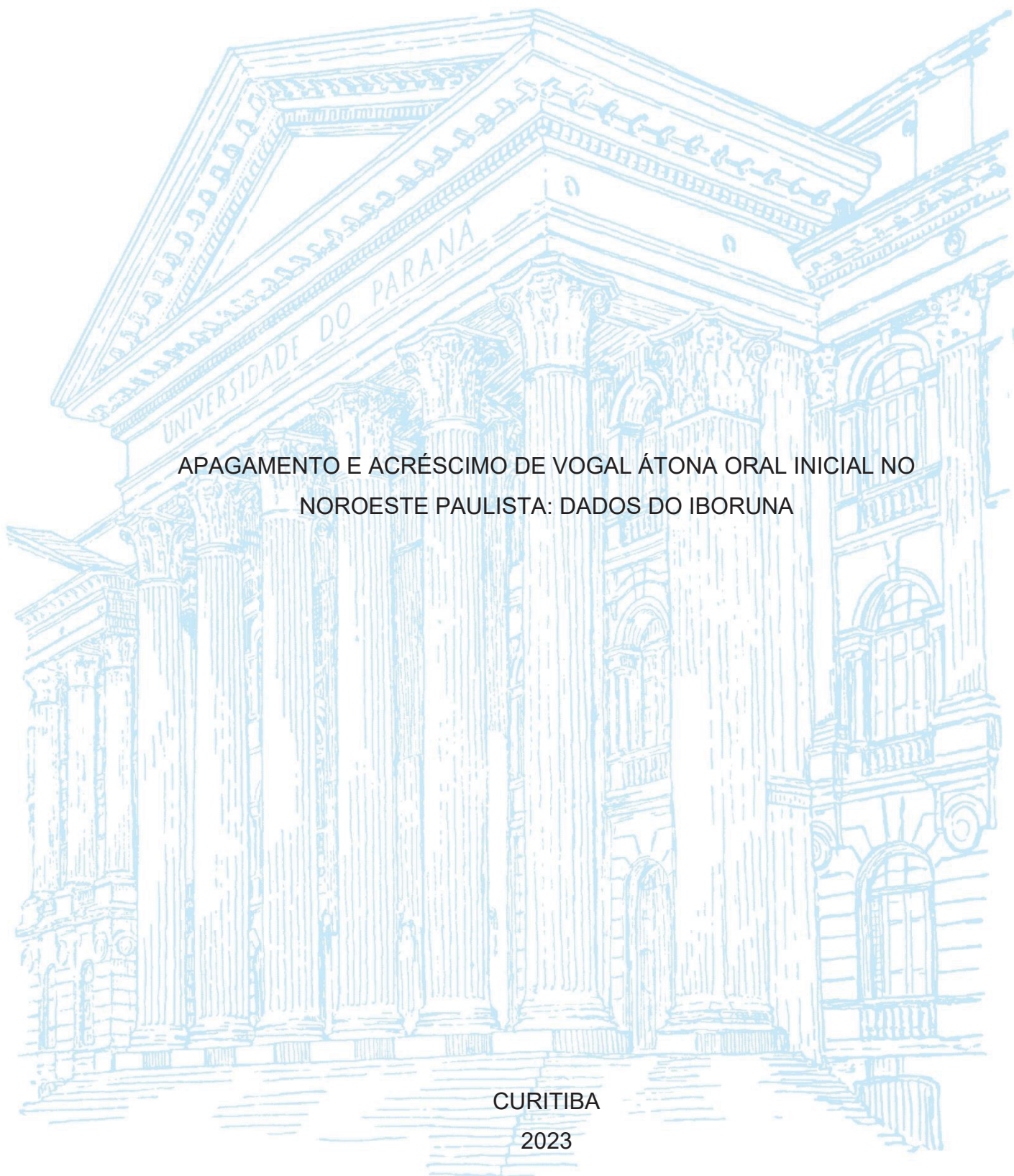
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JHENIFFER AMANDA DIAS

APAGAMENTO E ACRÉSCIMO DE VOGAL ÁTONA ORAL INICIAL NO  
NOROESTE PAULISTA: DADOS DO IBORUNA

CURITIBA

2023



JHENIFFER AMANDA DIAS

APAGAMENTO E ACRÉSCIMO DE VOGAL ÁTONA ORAL INICIAL NO  
NOROESTE PAULISTA: DADOS DO IBORUNA

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Dias, Jheniffer Amanda Dias

Apagamento e acréscimo de vogal átona oral inicial no noroeste paulista : dados do IBORUNA. / Jheniffer Amanda Dias. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Mestrado (Dissertação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Odete Pereira da Silva Menon.

1. Língua portuguesa – Análise linguística. 2. Língua portuguesa – Vogais. 3. Mudanças linguísticas. 4. IBORUNA (Banco de dados). I. Menon, Odete Pereira da Silva, 1953-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras.  
III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607



## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **JHENIFFER AMANDA DIAS** intitulada: **Apagamento e acréscimo de vogal átona inicial no noroeste paulista: dados do Iboruna**, sob orientação da Profa. Dra. ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica

28/09/2023 15:57:34.0

ODETE PEREIRA DA SILVA MENON

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

31/08/2023 13:50:08.0

GUSTAVO NISHIDA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO  
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/09/2023 16:12:33.0

VALERIA NETO DE OLIVEIRA MONARETTO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
SUL)

Assinatura Eletrônica

29/08/2023 17:58:55.0

MÁRCIA CRISTINA DO CARMO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por guiar o meu caminho e me abençoar todos os dias da minha vida.

À minha família, pelo apoio, incentivo, por acreditarem em mim mais do que eu mesma e nunca imporem limites aos meus sonhos.

Aos meus amigos, que me apoiaram durante todo este processo e compreenderam os momentos em que estive ausente. Em especial a Dayane Pontes e Karla Daiane Martins, por estarem presentes em todos os momentos me ouvindo, apoiando, ajudando e aconselhando.

A Amanda Berce e Igor Ferreira Strogenski, amizades que surgiram durante o mestrado, pela ajuda e dicas que me auxiliaram na realização deste trabalho.

À minha orientadora, professora Odete Pereira da Silva Menon, pela paciência, dedicação, suporte, por todos os ensinamentos e direcionamentos.

Às professoras Valéria Neto de Oliveira Monaretto e Márcia Cristina do Carmo pela disponibilidade e pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

A todos que participaram da constituição do banco de dados IBORUNA e ao professor Sebastião Carlos Leite Gonçalves por disponibilizar o IBORUNA, possibilitando, assim, a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento.

A todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho analisou o apagamento, como em *obrigado* ~ *Øbrigado*, e o acréscimo, como *\_voar* ~ *avovar*, de vogal átona oral na estrutura silábica V, em início de palavra. Os processos de apagamento e acréscimo da vogal átona inicial são denominados aférese e prótese, respectivamente, e são evidenciados diacronicamente e sincronicamente, podendo encontrar casos tanto no período de aquisição da linguagem quanto de variação. Apesar desses processos estarem presentes na língua e serem abordados em diversas gramáticas, são poucos os estudos que tratam desse tema mais detalhadamente e que consideram tanto os contextos linguísticos como os extralinguísticos. A partir disso, esta pesquisa foi metodologicamente fundamentada nos pressupostos da *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]; LABOV, 2008 [1972]), que compreende a língua como um sistema heterogêneo, variável e social. Com base nisso, este estudo teve como objetivos: (i) investigar se há o apagamento e o acréscimo da vogal átona oral inicial; (ii) verificar qual vogal é mais propensa a aplicação dos fenômenos; (iii) analisar a influência de variáveis linguísticas e sociais para a realização dos processos; e (iv) contribuir para a descrição sociolinguística do Português Brasileiro. Sendo assim, para a realização deste trabalho, foram analisadas amostras de fala do interior paulista extraídas do banco de dados IBORUNA (GONÇALVES, 2022 [2007]), resultado do Projeto ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6), que conta com amostras de fala espontânea de informantes de sete dos 96 municípios que compõem a região administrativa de São José do Rio Preto. Os 152 informantes são estratificados quanto a *dois sexos/gêneros* (feminino/masculino), *cinco faixas etárias* (7-15 anos, 16-25 anos, 26-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos) e *quatro escolaridades* (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Como variáveis linguísticas investigadas, têm-se: (i) *posição da sílaba em relação à tônica*; (ii) *contexto fônico precedente*; (iii) *contexto fônico seguinte*; (iv) *classe gramatical do vocábulo*; (v) *características articulatórias da vogal*; e (vi) *paradigma*. Por meio dos arquivos de transcrição ortográfica e dos arquivos sonoros disponibilizados pelo banco de dados, foi realizada uma análise de oitiva dos arquivos sonoros. Coletadas todas as ocorrências de apagamento e de acréscimo de vogal átona oral na estrutura silábica V presentes nas entrevistas, procedeu-se à tabulação dos dados e à análise por meio do programa estatístico *Goldvarb X*. Como resultado, obtiveram-se 43 casos de acréscimo da vogal e 4.420 de apagamento da vogal analisada, em um corpus de 24.803 vocábulos iniciados por vogais átonas oral em estrutura silábica V. Dos casos de *aférese*, a variável relevante para aplicação do processo foi a *classe gramatical*, seguida da *variável posição da sílaba em relação à tônica*. Por fim, os casos de *prótese* não se mostraram um processo produtivo na variedade de São José do Rio Preto, com ocorrências em apenas 10 vocábulos.

Palavras-chave: Aférese. IBORUNA. Prótese. Variação e mudança linguística. Vogal.

## ABSTRACT

The present study analyzed the deletion, as in *obrigado* ~ Øbrigado ('thank you'), and the addition, as in *\_voar* ~ "avoar" ('to fly'), of unstressed oral vowels in the syllabic structure V, at the beginning of words. The processes of deletion and addition of the initial unstressed vowel are referred to as apheresis and prothesis, respectively, and are evidenced diachronically and synchronically, occurring in both language acquisition and variation contexts. Despite these processes being present in the language and addressed in various grammars, there are few studies that delve into this topic in more detail, considering both linguistic and extralinguistic contexts. Therefore, this research was methodologically grounded in the assumptions of the Linguistic Variation and Change Theory (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]; LABOV, 2008 [1972]), which views language as a heterogeneous, variable, and social system. Based on this, the study aimed to: (i) investigate whether there is deletion and addition of the initial unstressed oral vowel; (ii) determine which vowel is more prone to these phenomena; (iii) analyze the influence of linguistic and social variables on the occurrence of these processes; and (iv) contribute to the sociolinguistic description of Brazilian Portuguese. To accomplish this work, speech samples from the interior of São Paulo were analyzed, extracted from the IBORUNA database (GONÇALVES, 2022 [2007]), a result of the ALIP Project (Proc. FAPESP 03/08058-6). The database includes spontaneous speech samples from informants in seven out of the 96 municipalities that make up the administrative region of São José do Rio Preto. The 152 informants are stratified by two genders (female/male), five age groups (7-15 years, 16-25 years, 26-35 years, 36-55 years, and over 55 years), and four levels of education (1st Cycle of Elementary School, 2nd Cycle of Elementary School, High School, and Higher Education). The linguistic variables investigated include: (i) syllable position in relation to the tonic; (ii) preceding phonetic context; (iii) following phonetic context; (iv) grammatical class of the word; (v) articulatory characteristics of the vowel; and (vi) paradigm. Through the orthographic transcription files and sound files provided by the database, a listening analysis of the sound files was conducted. All occurrences of deletion and addition of unstressed oral vowels in the syllabic structure V present in the interviews were collected, and the data were tabulated and analyzed using the Goldvarb X statistical program. As a result, 43 cases of vowel addition and 4,420 cases of vowel deletion were obtained, in a corpus of 24,803 words beginning with unstressed oral vowels in syllabic structure V. For apheresis cases, the relevant variable for the application of the process was the grammatical class, followed by the syllable position variable in relation to the tonic. Finally, prothesis cases were not shown to be a productive process in the São José do Rio Preto variety, occurring in only 10 words.

Keywords: Apheresis. IBORUNA. Prosthesis. Linguistic Variation and Change Theory. Vowel.

## RESUMEN

El presente trabajo analizó la supresión, como en obligado ~ Øbrigado ('*gracias*'), y la adición, como en \_voar ~ avoar ('*volar*'), de una vocal oral átona en la estructura silábica V, al inicio de una palabra. Los procesos de supresión y adición de la vocal átona inicial se denominan aféresis y prótesis, respectivamente, y se evidencian diacrónica y sincrónicamente, pudiendo encontrarse casos tanto en el período de adquisición del lenguaje como en el proceso de variación. Si bien estos procesos están presentes en la lengua y son abordados en diferentes gramáticas, existen pocos estudios que aborden este tema con más detalle y que consideren contextos tanto lingüísticos como extralingüísticos. A partir de esto, esta investigación se basó metodológicamente en los supuestos de la Teoría de la Variación y el Cambio Lingüístico (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975]; LABOV, 2008 [1972]), que entiende la lengua como un sistema heterogéneo, variable y social. Con base en esto, este estudio tuvo como objetivos: (i) investigar si existe supresión y adición de la vocal oral átona inicial; (ii) verificar qué vocal tiene más probabilidades de aplicar el fenómeno; (iii) analizar la influencia de variables lingüísticas y sociales para la realización de los procesos; y (iv) contribuir a la descripción sociolingüística del portugués brasileño. Por lo tanto, para realizar este trabajo se analizaron muestras de habla del interior de São Paulo, extraídas de la base de datos IBORUNA (GONÇALVES, 2022 [2007]), resultado del Proyecto ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6), que cuenta con muestras de discurso espontáneo de informantes de siete de los 96 municipios que componen la región administrativa de São José do Rio Preto. Los 152 informantes están estratificados en dos sexos/géneros (femenino/masculino), cinco grupos de edad (7-15 años, 16-25 años, 26-35 años, 36-55 años y más de 55 años) y cuatro niveles educativos (1º Ciclo de Educación Primaria, 2º Ciclo de Educación Primaria, Educación Secundaria y Educación Superior). Las variables lingüísticas investigadas incluyen: (i) posición de la sílaba en relación a la tónica; (ii) contexto fónico anterior; (iii) seguir el contexto fónico; (iv) clase gramatical de la palabra; (v) características articulatorias de la vocal; y (vi) paradigma. Utilizando los archivos de transcripción ortográfica y los archivos de sonido disponibles en la base de datos, se realizó un análisis auditivo de los archivos sonoros. Una vez recolectadas todas las ocurrencias de supresión y adición de una vocal oral átona en esa posición presentes en las entrevistas, los datos fueron tabulados y analizados utilizando el programa estadístico Goldvarb X. Como resultado, se identificaron 43 casos de adición de la vocal y 4.420 supresión de la vocal analizada, en un corpus de 24.803 palabras que comienzan con vocales orales átonas en estructura silábica V. De los casos de aféresis, la variable relevante para aplicar el proceso fue la clase gramatical, seguida de la variable posición de la sílaba con respecto a la tónica. Finalmente, los casos de prótesis no resultaron ser un proceso productivo en la variedad São José do Rio Preto, con ocurrencias en sólo 10 palabras.

Palabras clave: Aféresis. IBORUNA. Prótesis. Variación y cambio lingüístico. Vocal.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Exemplos de crase .....	22
Figura 2- Exemplos de aférese apresentados por Pereira (1935) .....	22
Figura 3- Exemplos de prótese apresentados por Pereira (1935) .....	22
Figura 4- As vogais em posição tônica no PB .....	38
Figura 5- Vogais pretônicas .....	39
Figura 6- Vogais postônicas não-finais .....	39
Figura 7- Vogais postônicas finais .....	39
Figura 8- Estrutura silábica com base em Câmara Jr. (1969) .....	43
Figura 9- Escala de sonoridade .....	44
Figura 10- Escala prosódica .....	44
Figura 11- Mapa dos municípios da região de São José do Rio Preto .....	55
Figura 12- Mapa dos municípios que compõem o IBORUNA .....	56

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Síntese da presença dos fenômenos nas gramáticas .....	27
Quadro 2- Vogais pretônicas .....	40
Quadro 3- Vogais nasais .....	42
Quadro 4- Pares de obstruintes + Líquidas permitidas no português, na posição de ataque complexo .....	43
Quadro 5- Entrevistas que compõem a AC do banco de dados Iboruna .....	58
Quadro 6- Distribuição do número de casos e palavras por vogal .....	67
Quadro 7- Relação das classes gramaticais .....	67
Quadro 8- Variáveis selecionadas .....	78
Quadro 9- Comparativo entre os resultados de Gonçalves (1992) e desta pesquisa .....	81

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Aférese de acordo com classe gramatical e ano na variedade do Rio de Janeiro .....	31
Tabela 2- Prótese de acordo com classe gramatical e ano na variedade do Rio de Janeiro .....	31
Tabela 3- Resultado de Carmo (2019) para alçamento de [e] em relação à estrutura silábica .....	65
Tabela 4- Resultados dos casos de alçamento vocálico .....	66
Tabela 5- Distribuição das ocorrências na variável classe gramatical .....	79
Tabela 6- Comparativo entre os resultados de Gonçalves (1992) e desta pesquisa .....	81
Tabela 7- Distribuição das ocorrências na variável posição da sílaba em relação à tônica.....	82
Tabela 8- Distribuição das ocorrências na variável contexto fônico seguinte.....	85
Tabela 9- Distribuição das ocorrências na variável faixa etária .....	86
Tabela 10- Cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária .....	87
Tabela 11- Distribuição das ocorrências na variável contexto fônico precedente..	88
Tabela 12- Distribuição das ocorrências na variável características articulatórias da vogal .....	93
Tabela 13- Distribuição das ocorrências na variável paradigma .....	95
Tabela 14- Variável sexo/gênero.....	100
Tabela 15- Variável escolaridade.....	101

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	17
1.1 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS.....	17
1.2 A VOGAL ÁTONA INICIAL .....	28
1.3 O SISTEMA SILÁBICO E VOCÁLICO DO PORTUGUÊS.....	38
1.3.1 O sistema silábico e a palavra fonológica .....	42
1.4 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	46
<b>2. MATERIAIS E METODOLOGIA</b> .....	53
2.1 A COMUNIDADE DE FALA.....	53
2.2 O BANCO DE DADOS .....	56
2.3 AS VARIÁVEIS .....	59
2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
<b>3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	64
3.1 CASOS ESPECIAIS.....	70
3.1.1 <i>Aonde e onde</i> .....	71
3.1.2 <i>Baixar e abaixar</i> .....	71
3.1.3 <i>Avó ~ vó e avô ~ vô</i> .....	72
3.2 PRÓTESE.....	72
3.3 AFÉRESE .....	77
3.3.1 Variável Classe Gramatical.....	79
3.3.2 Variável Posição da Sílabas em Relação à tônica.....	82
3.3.3 Variável Contexto Fônico Seguinte .....	85
3.3.4 Variável Faixa Etária.....	86
3.3.5 Variável Contexto Fônico Precedente.....	88
3.3.6 Variável Características Articulatorias da Vogal.....	92

3.3.7	Variável Paradigma.....	94
3.5	MARCADORES DISCURSIVOS .....	96
3.5	NOCAUTES .....	97
3.6	OBSERVAÇÕES .....	101
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>103</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>107</b>
	<b>APÊNDICE</b> .....	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Mestrado<sup>1</sup> estuda o apagamento, como em *obrigado* ~ Ø*brigado*, *apanhar* ~ Ø*panhar*, e o acréscimo, como em *\_celofone* ~ *acelofane* e *\_voar* ~ *avoar*, variável da vogal oral inicial átona na estrutura silábica **V**.<sup>2</sup> Os processos de apagamento e acréscimo da vogal átona inicial são denominados *aférese* e *prótese*, respectivamente, e há menções desses fenômenos em diferentes gramáticas ao longo dos séculos, como, por exemplo, em *Compendio da grammica portuguesa*, de Duarte (1829), *Compendio de Grammatica da Lingua Portugueza*, de Rabello (1872) e *Nova Gramática Portuguesa*, de Cortesão (1907).

No Dicionário Houaiss (2019), *aférese* é definida como a “supressão de fonema(s) no princípio de palavra”, por exemplo *enamorar* ~ Ø*namorar* (2019, p. 22); e a *prótese* é o “acrécimo de fonema(s) no início de palavra, sem alteração de significado”, por exemplo *\_soprar* ~ *assoprar* (2019, p. 657). Esses processos citados foram denominados por autores de gramáticas históricas como “metaplasmos” e, como explica Maciel (1914), metaplasmos são alterações prosódicas e fonéticas que ocorrem na formação de uma língua. O dicionário Aurélio (2004) descreve metaplasmos como uma “designação comum a todas as figuras que acrescentam, suprimem, permutam ou transpõem fonemas nas palavras” e apresenta como exemplos as palavras: *enamorar*; *muito* ~ *mui*; *cuidadoso* ~ *cuidoso*; *desvario* ~ *desvairo*.

Mollica *et al.* (1998) argumentam que o processo de *aférese* está entre os fenômenos diacrônicos mais produtivos de mudança e, atualmente, mantém-se como variação no Português Brasileiro (doravante, PB). Porém, apesar de os processos de *aférese* e *prótese* estarem presentes na língua e serem abordados em diversas gramáticas, são poucos os estudos que tratam desse tema mais detalhadamente e que consideram tanto os contextos linguísticos como os extralinguísticos. Como explica Vieira (2012), em sua pesquisa sobre as metodologias nas pesquisas linguísticas, o fenômeno de apagamento foi objeto de análise de vários autores que estudaram o PB por um viés histórico durante o século XX: entretanto, “percebe-se

---

<sup>1</sup> Realizado com o apoio e financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

<sup>2</sup> Nos exemplos apresentados neste trabalho, o símbolo ~ indica variação. Nos casos de *prótese*, o local onde é inserida a vogal é marcado pelo símbolo *\_*. Nos casos de *aférese*, o símbolo Ø representa a ausência do segmento.

que, na literatura dos estudos linguísticos, a grande maioria dos estudiosos dedicou pouquíssimas linhas ao assunto” (Vieira, 2012, p. 93).

Com base nisso, esta pesquisa analisa esses processos considerando os contextos linguísticos e extralinguísticos, fundamentada teórico-metodologicamente na Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por William Labov (2008 [1972])<sup>3</sup> e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

O fenômeno de aférese possui uma ampla possibilidade de contextos de aplicação, podendo ocorrer em sílabas preenchidas apenas por vogais, como em *apanhar* ~ Ø*panhar*, ou em sílabas preenchidas por vogais e consoantes, como em *estar* ~ Ø*tá*. Por sua vez, a prótese tem sua maior aplicação no contexto silábico em que apenas vogais são acrescentadas, por exemplo em \_ *figurar* ~ *a**figurar* e \_ *lâmpada* ~ *alâmpada*, como demonstra Leite (1887). A partir disso, optou-se por fazer um recorte metodológico e ter como objeto de análise o apagamento e o acréscimo da vogal oral inicial átona na estrutura silábica **V**.

Cabe destacar que, a depender do contexto fônico precedente, os vocábulos iniciados por sílabas de estruturas V estão sujeitos ao processo de ressilabação correspondente aos fenômenos de *sândi* externo. Dentre os casos de *sândi* externo, são considerados por esta pesquisa as ocorrências de *degeminação* (ou *crase*), que, de acordo com Bisol (1992), é a fusão de duas vogais iguais no encontro de duas palavras, como em “leque **e** escuro > lequ[i]scuro”, afetando a vogal analisada.

Como córpus,<sup>4</sup> são analisadas amostras de fala espontânea de São José do Rio Preto que compõem o banco de dados IBORUNA (Gonçalves, 2019 [2007]), resultado do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP – Proc. FAPESP 03/08058-6). A escolha pela variedade do noroeste paulista e, conseqüentemente, pela utilização desse banco de dados busca preencher a lacuna existente em relação a estudos de aférese e prótese naquela região.

Do banco de dados IBORUNA, são analisados, neste estudo, dois sexos/gêneros (feminino e masculino); cinco faixas etárias (de 7 a 15 anos, 16-25 anos, 26-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos); e quatro escolaridades (1º Ciclo do Ensino Fundamental, 2º Ciclo do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino

<sup>3</sup> A disposição dos anos entre colchetes refere-se à data da primeira edição das obras.

<sup>4</sup> Optou-se por usar a forma portuguesa da palavra latina *corpus*.

Superior). A partir da combinação desses fatores sociais (2 x 5 x 4 x 4), totalizaram-se 152 entrevistas analisadas.<sup>5</sup>

Com a condução desta pesquisa, busca-se verificar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos para as ocorrências de aférese e prótese na fala espontânea do noroeste paulista, com base na hipótese inicial de que o apagamento e o acréscimo irão ocorrer com mais probabilidade na fala de informantes menos escolarizados, visto que os falantes com alta escolarização tendem a usar a variante padrão, dependendo da situação comunicativa. A variante considerada padrão é a classificada como conservadora e que possui prestígio social na comunidade de fala, geralmente utilizada por falantes com acesso a uma alta escolarização.

Para isso, os objetivos deste estudo são: (i) observar se há o apagamento e o acréscimo de vogal átona inicial; (ii) verificar qual vogal é mais propensa à aplicação dos fenômenos; (iii) analisar a influência de variáveis linguísticas e sociais para a realização dos processos; e (iv) contribuir para o mapeamento dos processos fonético-fonológicos nessa região e, de modo mais abrangente, do PB.

Portanto, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, revisão da literatura, apresenta-se o arcabouço teórico acerca dos processos de apagamento e acréscimo de vogal, a caracterização das vogais e da sílaba no PB e a Teoria da Variação e Mudança Linguística. No capítulo dois, materiais e metodologia, são descritos a comunidade de fala, o banco de dados utilizado, as variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas e os passos metodológicos efetuados durante a realização deste trabalho. No capítulo três, descrição e análise dos dados, são apresentados os dados levantados e a análise dos resultados obtidos, seguido pelas considerações finais e pelas referências bibliográficas.

---

<sup>5</sup> Devido à inexistência de informantes de 7-15 anos com ensino superior, o conjunto de inquiridos dessa faixa etária possui 8 entrevistas a menos do que as outras faixas etárias.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, são apresentados os conceitos fundamentais sobre o arcabouço teórico que embasa o presente trabalho. Dessa forma, na primeira seção (1.1), é realizado um levantamento dos processos analisados nas gramáticas e manuais de língua portuguesa. Na seção seguinte (1.2), apresenta-se a caracterização dos fenômenos estudados nesta pesquisa. Posteriormente, na seção (1.3), é exposta uma descrição do sistema silábico e do sistema vocálico do PB, abordando também noções de pé métrico e palavra fonológica. Por fim, na seção (1.4), discorre-se sobre a *Teoria da Variação e da Mudança Linguística*, também denominada *Sociolinguística Variacionista*, proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) e Labov (2008 [1972]), a qual serve de arcabouço teórico à análise quantitativa realizada.

### 1.1 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS

Os processos fonológicos atuam na língua ao longo dos séculos, sendo encontrados casos desde a passagem do latim para o português. Dentre esses fenômenos, este trabalho busca analisar o apagamento e o acréscimo de vogal átona em início de palavra, denominados pelos gramáticos como *aférese* e *prótese*, respectivamente. Cabe destacar que, quando entre duas palavras o contexto fônico precedente for uma vogal, os vocábulos iniciados por sílabas de estruturas VC e V estão sujeitos ao processo de ressilabação correspondente aos fenômenos de *sândi* externo. Com base nisso, faz-se necessário observar como os autores tratam esses processos fonético-fonológicos.

Na gramática de Duarte (1829), intitulada *Compendio da grammatica portuguesa*, os processos de aférese, prótese e sinalefa<sup>6</sup> são postos no tópico “Figuras de dicção”, assim como feito por Rabello (1872) em *Compendio de Grammatica da Lingua Portugeza*, argumentando que são figuras que atendem a

---

<sup>6</sup> Segundo Rabello (1872) sinalefa ocorre quando uma palavra termina em vogal e a palavra seguinte começa com uma vogal. A vogal final da primeira palavra é suprimida e a consoante final é ligada à vogal inicial da palavra seguinte, formando uma única sílaba, como em *de este ~ d’este*. A literatura atual classifica os fenômenos de *Sinalefa*, *Elisão*, *Ditongação* e *Degeminação* (ou *Crase*) como *Sândi*.

maior brevidade e facilidade da pronúncia. Alguns dos exemplos apresentados nos textos estão a seguir.<sup>7</sup>

<b>Prótese</b>	<b>aférese</b>	<b>Sinalefa</b>
_credor ~ <b>acredor</b>	abobedas ~ Øbobedas	de esse ~ <b>desse</b>
_levantar ~ <b>alevantar</b>	imaginação ~ Ømaginação	de elle ~ <b>delle</b>

No final da seção, Duarte explica que essas alterações são autorizadas pelo uso e que surgem do desejo de fazer linguagem fácil, agradável e harmoniosa, evitando a ocorrência de consoantes “ásperas”, cacofonias e hiatos, que tornam a linguagem “fatigante” (1829, p.17). Por fim, ele trata da importância de evitar o “barbarismo”, definido como ato de privar as palavras dos sons e/ou do acento como devem ser pronunciadas.

Said Ali (1966 [1923]) também justifica a aplicação desses fenômenos pela necessidade de facilitar a pronúncia. Além disso, Said Ali acrescenta que muitas se mantêm pela tradição, pela lei da inércia e outras surgem pela lei da analogia.

Duarte (1829) e Said Ali (1966 [1923]), ao qualificarem esses processos como ferramentas para facilitar a pronúncia e produzir uma linguagem fácil, agradável e harmoniosa, estão praticando um juízo de valor sobre as formas da língua, classificando determinadas formas como melhores ou piores. Como será abordado na seção 1.4, a língua muda e novas formas surgem, não para tornar a língua mais agradável, mas porque a mudança é um processo natural.

A gramática de Frei Caneca (2018 [1876]), *Breve Compendio de Grammatica Portugueza*, apresenta os processos de aférese e prótese no tópico “Parte terceira Prosodia: Lição XI Da leitura ou pronúncia”. Segundo o autor, a prosódia é a parte da gramática que ensina a ler com perfeição e divide-se em: acentos e figuras. Os processos abordados pelo autor nesse tópico estão categorizados como “figuras”, que são caracterizadas como certo modo de escrever e pronunciar diferentes regras estabelecidas.

Em *Grammatica Portugueza*, Julio Ribeiro (1885 [1881], p. 21), para ilustrar as ocorrências de prótese e aférese, apresenta o conceito e um exemplo: *credor* ~ *acredor* para prótese e *alliança* ~ *liança* para aférese. No que tange aos casos de

<sup>7</sup> Nos exemplos extraídos das gramáticas, as grafias dos originais serão respeitadas.

sândi, o gramático traz informações apenas sobre sinalefa e menciona duas características do processo, sendo elas: (i) uma restrição para aplicação da sinalefa é a presença do acento tônico na última sílaba da palavra; (ii) outro contexto que impede a sinalefa são verbos que sofreram a inserção de *tmese*<sup>8</sup> de pronomes; e (iii) a sinalefa é mais frequente no português de Portugal do que no português do Brasil, porém é “de rigor na leitura corrente, bem como a ligação dos vocábulos quando seus elementos permitem” (RIBEIRO, 1885 [1881], p. 27).

O autor da gramática *Grammatica dos Lyceus*, Leite (1887), coloca os processos de *prótese*, *aférese*, *crase* e *sinalefa* na seção “sintaxe figurada”. Para ele, essa seção trata das irregularidades que têm por fim tornar os períodos mais breves, enérgicos e harmoniosos, mais especificamente no tópico “figuras de palavras”. A seguir os exemplos apresentados por Leite (1887, p. 202-204, negrito, itálico, sublinhado e símbolo zero acrescentados).

<b>Prótese</b>	<b>Aférese<sup>9</sup></b>	<b>Sinalefa</b>
<i>_cypreste ~ acypreste</i>	<i>aconselhar ~ Øconselhar</i>	<i>de este ~ d'este</i>
<i>_teimar ~ ateimar</i>	<i>inimigo ~ Øimigo</i>	<i>de esta ~ d'esta</i>
<i>_baixar ~ abaixar</i>	<i>irmão ~ Ømano<sup>10</sup></i>	<i>de isto ~ d'isto</i>
<i>_sentra ~ assentar</i>	<i>menina ~ Ønina</i>	<i>este outro ~ est'outro</i>
<i>_credor ~ acredor</i>	<i>agora ~ Øora</i>	<i>entre abrir ~ entr'abrir, com</i>
<i>_metade ~ ametade</i>	<i>deante ~ Øante</i>	<i>o ~ co'ó</i>
<i>_lâmpada ~ alampada</i>	<i>apraz ~ Øpraz</i>	<i>com a ~ co'a</i>
<i>disseram - _o ~ disseram- no</i>	<i>icterícia ~ Øtericia</i>	<i>com os ~ co'os</i>
		<i>com as ~ co'as</i>
		<i>me a ~ m'a</i>
		<i>me o ~ m'ó</i>
		<i>me os ~ m'os</i>
		<i>me as ~ m'as</i>

João Ribeiro (1920 [1887]), em *Grammatica Portugueza: curso superior*, aborda os processos prótese, aférese e elisão no tópico “alterações fonéticas”,

<sup>8</sup> Por exemplo em *ouvir-te-ei*.

<sup>9</sup> Cabe destacar que o autor apresenta casos de aférese em diferentes contextos silábicos.

<sup>10</sup> Relação com *hermano* do espanhol.

também denominado figuras de dicção. Para ele, os casos de prótese nas palavras que começam com “l” e que receberam o “a” são resultado, provavelmente, de analogia<sup>11</sup> e da reminiscência das palavras árabes prefixadas de *al*, como em *\_lanterna ~ alanterna* e *\_lagóa ~ alagóa*.

Paula (2018), em seu trabalho intitulado “*O morfema al nas palavras da língua portuguesa: gramaticalização ou desgramaticalização?*”, discorre sobre o *al* nas palavras portuguesas que são de origem árabe. A autora explica que o *al* em árabe é um artigo definido e invariável, usado como feminino ou masculino, diferentemente de João Ribeiro (1920 [1887]), que classifica essa forma como um prefixo.

Paula (2018) explica que esse artigo é uma forma única, sendo transcrita junto com o substantivo ou a palavra que substantiva. Ela argumenta que, devido às influências do contato entre falantes do português com falantes do árabe, algumas palavras desta língua foram acrescentadas ao português.

A língua árabe foi considerada como um adstrato, pois ela conviveu com a língua portuguesa em territórios portugueses e espanhóis, fazendo com que o vocabulário fosse mais facilmente absorvido do que necessariamente a própria língua árabe, o que não levou à sobreposição de uma língua em relação à outra. De acordo com Cunha e Cintra (2008), em português, o léxico de origem árabe tem sido estimado entre quatrocentos mil termos [...] (Paula, 2018, p. 147).

Desses termos acrescentados, na passagem para o português o artigo *al* foi reanalisado como parte palavra, formando um vocábulo único, como radical das palavras. Nesse processo, o *al* deixou de ter valor gramatical e mudou para uma categoria lexical, como explica Paula (2018). Sendo assim, essa forma na língua portuguesa não possui nenhum significado semântico e funcional quando aparece separado do radical.

Muitas palavras de origem latina sofreram o processo de prótese na passagem do português, como explica Ribeiro (1920[1887], p. 303), como, por exemplo, *\_speciem ~ espécie*, *\_spasmus ~ espasmo* e *\_scribere ~ escrever*.

Cabe destacar que os exemplos citados anteriormente de Ribeiro (1920 [1887], p. 303) são de vocábulos iniciados apenas por /s/. No português, como demonstrado no tópico 1.3, é obrigatório que a posição de núcleo da sílaba seja

---

<sup>11</sup> Segundo o dicionário Houaiss (2019), analogia é o processo de mudança linguística que consiste na alteração de uma palavra, morfema, construção sintática, significado etc., para se adaptar a um modelo preexistente.

preenchida e não é possível formar um ataque com a estrutura /sc/. A partir disso, entende-se que os exemplos *\_speciem*, *\_spasmus* e *\_scribere* apresentam uma sílaba inicial que não é característica do português, justificando a inserção do /e/ antes do /S/.

No que tange à aférese, o gramático observa a aplicação do fenômeno em diversos vocábulos de origem latina, como em *spasmus* ~ Ø*pasmo*, *apothecam* ~ Ø*botica* e *acumem* ~ Ø*gume*. Ademais, observa que:

um fato digno de nota é a aférese dos elementos *o*, *a* e *l*. Estas letras, como se sabe, representam o artigo vernáculo: *o*, *a* e a forma arcaica de *lo*. D’ahi, os resultados de *bodega*, por *abodega*; *bispo*, por *obispo* (como no castelhano), *onça*, por *lonça* (no lat. *Lyncem*), *azul*, por *lazul* (pers. *lazuerd*), etc. Essa conjectura não é destituída de fundamento, pois deve-se ter em conta que o *l* é a única consoante que sofre apherese nos raros casos em que não se ligam à vogal, e constituem um grupo bárbaro, quase impronunciável, v. g.: *pt* em *ptisana* (Ribeiro, 1920 [1887] p. 305-306).

O autor apresenta a elisão e sinalefa como sinônimos e como um caso especial de apócope, caracterizando tanto a elisão como a sinalefa como a subtração da vogal final quando está seguida de outra palavra iniciada por vogal. Outra particularidade presente na gramática é a definição de *ectlipse* como sinalefa, afirmando que “é a própria synalepha, e dá-se quando a vogal que termina o vocábulo é nasal” (Ribeiro, 1920 [1887], p.333).

Cortesão (1907), em *Nova Gramática Portuguesa*, coloca os fenômenos de aférese, prótese, crase e sinalefa na seção “Modificação dos sons e das letras”. O autor explica que esse estudo pertence à fonética histórica e que é conveniente mencioná-lo para melhor compreender o emprego de formas antiquadas e modernas. Além disso, ele acrescenta, em nota de rodapé, que essas alterações surgem pela lei da menor ação, ou seja, evitar o esforço.

Na *Grammatica Descriptiva*, Maciel (1914) traz no tópico “metaplasmos” os processos de *aférese*, *prótese* e *sinalefa*. O autor explicita que os metaplasmos são alterações prosódicas e fonéticas efetuadas na formação de qualquer língua e destaca que é necessário que as formas alteradas por metaplasmo estejam presentes na linguagem culta e “autorizada”, senão devem ser consideradas *cacoepias* e *plebeísmo*, “que não compadecem com as condições da sã linguagem nas suas manifestações literárias e científicas” (Maciel, 1914, p. 43 em nota de rodapé). Ao tratar de prótese, Maciel a define como “reforço” exercido por um fonema no início da

palavra, por exemplo *alevantar*, *abaixar*, *ainda*, *até*, *espaço* e *estar*. Em relação às ocorrências de aférese e sinalefa, o gramático fornece os exemplos *eno* ~ *Øno*, *desertão* ~ *Øsertão*,<sup>12</sup> *enisto* ~ *Ønisto*, *psalmo* ~ *Øsalmo*, *phtisica* ~ *Øtisica* e *enamorar* ~ *Ønamorar* para aférese e *de este* ~ *d'este*, *de onde* ~ *d'onde* e *de alva* ~ *d'alva* para sinalefa. Na obra *Syntaxe histórica portuguesa*, Dias (1918) apenas cita a aférese quando trata de pronome demonstrativo, especificamente a respeito de “outro que”.

Outro autor que traz os processos no tópico “metaplasmos” é Eduardo Carlos Pereira, em *A Gramática Histórica* (1935 [1916]). Segundo o autor, metaplasmos são alterações fonéticas ou modificações acidentais do sistema fonético. Essas transformações se realizam sob o império das leis glóticas e têm por fim a eufonia ou o ritmo da linguagem. Como caso de permuta, ele define a *crase* como a fusão ou contração de duas vogais idênticas que estão em contato pela perda da consoante medial, como os casos a seguir:

Figura 1- exemplos de crase

Pedem	→→→	pee	→→→	pé
Vide	→→→	vee	→→→	vê
Fidem	→→→	fee	→→→	fê
Avunculum(?)	→→→	avoo	→→→	avô
Colorem	→→→	coor	→→→	côr
Dolorem	→→→	door	→→→	dôr
Funiles	→→→	*funies	→→→	funis

Fonte: Pereira (1935, p. 56)

No que se refere à aférese, Pereira (1935) argumenta que a vogal tônica e as consoantes iniciais não apagam, havendo raros exemplos de queda da consoante, como mostra a figura 2. Em relação à prótese, o gramático destaca o acréscimo de /e/ ou queda do /s/ quando os vocábulos se iniciam com /s/, como exemplificado na figura 3.

Figura 2- exemplos de aférese apresentados por Pereira (1935)

Apothecam	→→→	bodega
Episcopum	→→→	bispo
Horologium	→→→	relogio
Ptisanam	→→→	tisana
Spasumum	→→→	pasmo
Acumen	→→→	gume
Lyncem	→→→	onça
Germanum	→→→	irmão

Fonte: Pereira (1935, p. 59)

Figura 3- exemplos de prótese apresentados por Pereira (1935)

<sup>12</sup> De acordo com o dicionário Houaiss (2019), a origem da palavra “sertão” é incerta. Alguns autores argumentam que “sertão” vem do latim “desertānu-”, outros defendem que vem de “sertānu-”.

Stylum	→	estyllo
Strictum	→	estricfo
Spiritum	→	espírito
Scribere	→	escrever
Spasmmum	→	espasmo e pasmo
Sciencia	→	(s)ciencia

Fonte: Pereira (1935, p. 61)

Assim como Ribeiro (1920 [1887]), os exemplos de prótese apresentados por Pereira (1935) são de vocábulos que sofrem a prótese do /e/ para tornar a sílaba inicial uma estrutura silábica possível no português.

Mendonça (2012 [1933]), em seu livro intitulado *A influência Africana no Português do Brasil*, trata da relação entre língua e raça, afirmando que ambas evoluem concomitantemente, visto que “língua e raça formam dois elementos que têm evolução paralela a ponto de serem muitas vezes confundidos” (Mendonça, 2012, p. 79). O autor argumenta que o PB apresenta características resultantes do contato linguístico com os povos africanos, posto que “um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambos fenômenos de osmose” (Mendonça, 2012, p. 80). À vista disso, Mendonça (2012, p. 82) aborda a aférese como um dos processos de origem africana, assegurando que “aos negros se atribuem aféreses violentas”, como em *estar ~ Øtá*, *você ~ Øocê*, *acabar ~ Øcabá* e *Sebastião ~ ØBastião*. A atribuição dos casos de aférese citados pelo autor às influências africanas é passível de questionamento, uma vez que há registros de realizações, como *Sebastião ~ ØBastião*, em textos portugueses antigos, anteriores à colonização do Brasil<sup>13</sup>, como exemplificado abaixo.<sup>14</sup>

Dada em Lisboa a vinte e coatro de Julho, **Bastião Lamego** a fez anno do nascimento de nosso *senhor* Jesus Christo de mil e quinhentos e vinte e oito annos. (Carta de Priuillegios, *apud* Fenix I, p. 251; itálicos do original; negrito acrescentado).

E visto pelo *dito* Juis a *dita* sentença ser San e Limpa sem raspadura, nem enterlinha, nem vicio algũ *que* fizesse duuida antes de todocorrída, e asinada pelo lecuciado Ruy de Saa segundo sua forma por Nuno **Martins**, Fernando Affonso, e **Bastião Dias** tableõeões do *dito* juizo me antrepos, e deu sua authuridade a mi tabelião abaixo nomeado pera *que* passasse o dito instrumento. (Carta de confirmação de privilégios, 07.06.1408, *apud* Fenix I, p. 252; itálicos do original; negrito acrescentado).

<sup>13</sup> Conforme comunicação pessoal da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon (UFPR).

<sup>14</sup> Exemplos fornecidos pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon (UFPR).

Coutinho (1972 [1938], p. 147) caracteriza a aférese como um fenômeno recorrente ao dizer que “no antigo português, eram muito comuns os casos de aférese”. Williams (1973), que aborda a fonologia e morfologia do português ao longo dos séculos, define a aférese como um processo comum e realizado em variados contextos fonológicos iniciais, ou seja, em diversas formações de sílabas, principalmente em contexto de perda da vogal inicial, como em *aliança* ~ Ø*liança* e *adulterium* ~ Ø*dulterio* (Williams, 1973).

Silveira Bueno (1946, p.178, 181 e 185), ao discorrer sobre as vogais átonas, explicita que esses segmentos sofrem aférese quando formam sílabas próprias no início de palavras, por exemplo em *apothecam* ~ *bodega*, *abatina* ~ *batina*, *amavioso* ~ *mavioso*, *hebdômada* ~ *edoma* ~ *doma*, *Emérita* ~ *Mérida*, *Olissiponam* ~ *Lisboa*, *homenagem* ~ *menagem* e *opacium* ~ *baço*. Assim como os autores já citados, Williams (1973) classifica as ocorrências de aférese, prótese e sândi como metaplasmos.

Na *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*, de Cegalla (2007 [1964]), os processos de elisão, aférese e crase estão no capítulo de estilística/língua e arte literária, na parte em que fala sobre versificação e métrica, mais especificamente na seção *processos para a redução de sílabas métricas*. A mesma organização foi encontrada na gramática de Lima (2011 [1957]), em que só há informações sobre elisão no capítulo “noções de versificação”; no manual de Amaral *et al.* (1991), *Redação, gramática, literatura e interpretação de texto*; e na *Gramática Objetiva da Língua Portuguesa* de Aquino (2007).

Evanildo Bechara (2009 [1999]), em *Moderna Gramática Portuguesa*, traz elisão, crase e sinalefa no capítulo “Noções de versificação” e no tópico “Ortoépia ou Ortoepia” que, segundo o autor, é a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas e:

preocupa-se não apenas com o conhecimento exato dos valores fonéticos dos fonemas que entram na estrutura dos vocábulos, considerados isoladamente ou ligados na enunciação da oração, mais ainda com o ritmo, a entonação e expressão convenientes à boa elocução (Bechara, 2009 [1999] p. 58).

Bechara (2009 [1999]) explica que pode ocorrer *hiato*, *ditongo*, *crase* ou *elisão* quando a vogal final de uma palavra e a inicial do vocábulo seguinte forem átonas. Os contextos abordados para ocorrência desses processos são: (*i*) átona final /a/ e a

inicial /a/ ou /ã/, por exemplo em *casa amarela* ~ *casãmarela* ~ *casamarela*; (ii) átona final for /a/ e a inicial /e/, /ê/, /õ/ e /o/, por exemplo *roda esportiva* ~ *rodesportiva*; (iii) átona final /a/ e a inicial for /i/, /ĩ/, /u/ e /ũ/, como em *certa idade* ~ *certaidade* ~ *cartidade*; (iv) átona final for /i/ e a inicial for qualquer uma, exceto /i/, como em *júri amigo* ~ *juriamigo*; (v) átona final for /i/ e a inicial for /i/ ou /ĩ/, por exemplo *livre imprensa* ~ *livrinpresa* ~ *livrĩnpresa*; (vi) átona final /u/, como em *santo Antônio* ~ *santoantônio* ~ *santantônio*; e (vii) átona final for /u/ e a inicial /u/, por exemplo em *velho humano* ~ *velhumano* ~ *velhũmano*.<sup>15</sup>

Ao tratar sobre a leitura de versos em textos literários, o gramático define *sinalefa* como a perda de autonomia de uma vogal se tornando semivogal e constituindo um ditongo com a vogal seguinte; *elisão* como o desaparecimento de uma vogal quando pronunciada junto de outra vogal diferente; e crase como a fusão de dois ou mais sons iguais, independentemente da tonicidade. Bechara (2009 [1999]) destaca que “a pronúncia rápida dos portugueses leva mais frequentemente à realização de elisões do que a pronúncia mais lenta dos brasileiros” (Bechara, 2009 [1999], p. 537) e que a elisão nem sempre é marcada graficamente.

No capítulo “Fonética e Fonologia”, Bechara (2009 [1999]) aborda a crase, argumentando que crase e a ditongação são mecanismos utilizados para evitar o hiato. Em seguida, apresenta instruções sobre a pronúncia do /a/ resultante da crase, informando que esse /a/ não deve ser alongado, possuindo a mesma pronúncia do /a/ artigo, preposição e pronome. Ainda tratando de crase, explicita as regras para o uso de acentuação gráfica dos casos de crase.<sup>16</sup> O artigo “Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos”, escrito por Hudinilson Urbano, presente em *A Gramática do Português falado*, organizada por Maria Helena Moura Neves (1999), descreve o processo de aférese. No entanto, a menção desse processo é feita exclusivamente para falar da expressão *esta ~ ta*.

Dentro da obra *Fundamentos de gramática do Português*, de José Carlos de Azeredo (2002 [2000]), há um capítulo dedicado à variação linguística. Nesse capítulo, encontra-se o tópico “processos fonológicos”, no qual são apresentados alguns fenômenos. Mas, dentre os casos estudados neste trabalho, somente a aférese é

<sup>15</sup> Cabe salientar que Bechara (2009 [1999]) utiliza como base a variedade carioca para exemplificar os processos.

<sup>16</sup> É importante destacar que, ao tratar das regras de acentuação, o autor usa o termo “crase” para se referir ao acento empregado nos casos em que há o processo de crase, mas “crase” se refere apenas ao fenômeno fonético-fonológico presente nas vogais.

abordada. O gramático caracteriza aférese como a queda no início do vocábulo e exemplifica com as formas verbais de *estar*: *está ~ tá, estou ~ tô, estão ~ tão, esteve ~ teve e estava ~ tava*. Sarmiento (2015 [2012]) apresenta a mesma organização, porém não há menção aos processos de aférese e prótese. É importante destacar que Sarmiento (2015 [2012]) aborda a crase, um fenômeno de sândi externo, por um viés normativo, tratando apenas das regras para a aplicação do acento gráfico.

Na *Gramática metódica da língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida (2009 [1997]), são mencionados os casos *aférese, prótese e sinalefa* no capítulo 6, “Metaplasmos”. Ele inicia o capítulo discorrendo sobre a importância de estudar a parte da gramática histórica relativa às transformações ou alterações sofridas pelos vocábulos sem alterar o sentido e salienta que “essas transformações, também denominadas figuras de dicção, não se fazem à revelia, por esta ou aquela pessoa, mas, sim, pelo uso generalizado. Os metaplasmos, além de limitados pelo uso, são restritos a certas palavras [...]” (Almeida, 2009, p. 62). A seguir, são listados os exemplos dados por Almeida (2009 [1997]) dos processos abordados.

<b>Prótese</b>	<b>Aférese</b>	<b>Sinalefa</b>
<i>_figurar ~ afigurar</i>	<i>até ~ Øté</i>	<i>de o ~ do</i>
<i>_lâmpada ~ alâmpada</i>	<i>José ~ Øzé</i>	<i>lhe o ~ lhe</i>
<i>_lanterna ~ alanterna</i>	<i>ainda ~ Øinda</i>	<i>minha alma ~ minh´alma</i>
<i>_lembrar ~ alembrar</i>		<i>este outro ~ estoutro</i>
<i>_levantar ~ alevantar</i>		<i>nesta ultima ~ nestúltima</i>
<i>_limpar ~ alimpar</i>		
<i>_renegar ~ arrenegar</i>		
<i>_rodear ~ arrodear</i>		
<i>_soalho ~ assoalho</i>		
<i>_voar ~ avoar</i>		

Em *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2017), no capítulo “Noções de versificação”, há detalhes sobre *aférese, sinalefa, elisão* e *crase*. Os autores dizem que, para que um encontro vocálico intervocabular possa ser pronunciado em uma sílaba, é necessário que a sua primeira vogal seja átona, ou capaz de atonificar-se pela próclise. Sendo tônica, a solução normal é o hiato com a vogal seguinte, seja esta tônica ou átona. Contudo, os estudos linguísticos, como Bisol (1996), mostram que não há restrição para o encontro vocálico intervocabular quando

as vogais são iguais e a primeira vogal é tônica, por exemplo em *araçá azedo* > *ara[sa]zédo*.

Os gramáticos definem *sinalefa* como o processo em que a vogal final perde a autonomia silábica, tornando-se uma semivogal, e forma um ditongo com a vogal seguinte; e a *elisão* como o apagamento da vogal final quando diante de outra vogal de natureza diversa e a *crase* como a fusão de duas vogais iguais. Em seguida, eles salientam que *sinalefa* e *elisão* são comumente empregados como sinônimos: contudo é necessário distingui-los, “como fazem os modernos estudiosos de versificação românica” (Cunha; Cintra, 2017, p. 689). É importante destacar a observação feita pelos autores em relação à presença da crase ao longo dos séculos, demonstrando haver ocorrências de crase desde o português antigo, como em *paadeiro* ~ *padeiro*, *esqueecer* ~ *esquecer* e *coorar* ~ *corar*.

No quadro a seguir, pode-se observar a relação das gramáticas apresentadas e quais processos fonológicos são expostos em cada uma delas. É relevante salientar que, nas obras mais antigas, é predominante a ocorrência exclusiva da *sinalefa* entre os fenômenos de *sândi*. Não foram incluídos na sistematização os casos em que a crase é tratada nos tópicos que apresentam as regras para acento gráfico, como em Sarmiento (2015 [2012]), visto que esta pesquisa aborda as questões modalidade oral da língua.

**Quadro 1-** síntese da presença dos fenômenos nas gramáticas

Gramática	Aférese	Prótese	Sândi <sup>17</sup> (Sinalefa/Elisão/Crase)
Duarte (1829)			
Rabello (1872)			
Frei Caneca (2018 [1876])			
Julio Ribeiro (1885 [1881])			
Leite (1887)			
João Ribeiro (1920 [1887])			
Cortesão (1907)			
Maciel (1914)			
Dias (1918)			

<sup>17</sup> A nomenclatura “sândi” não é utilizada nas obras mais antigas, sendo empregada apenas em estudos mais recentes de linguística, como Bisol (1992).

Said Ali (1966 [1923])			
Pereira (1935 [1916])			
Mendonça (2012 [1933])			
Coutinho (1972 [1938])			
Williams (1973)			
Silveira Bueno (1946)			
Cegalla (2007 [1964])			
Lima (2011 [1957])			
Amaral <i>et al.</i> (1991)			
Neves (1999)			
Azevedo (2002 [2000])			
Aquino (2007)			
Bechara (2009)			
Almeida (2009 [1997])			
Sarmiento (2015 [2012])			
Cunha e Cintra (2017)			

\* Célula sombreada indica a presença.

\* Célula em branco indica a ausência.

Fonte: Elaboração própria

Nota-se que o processo de aférese está presente em quase todas as gramáticas e que há uma diminuição da abordagem de prótese e sândi a partir dos anos 30. Apesar de as obras registrarem que os processos estão atuando na língua ao longo dos anos, os autores mais recentes discorrem sobre esses fenômenos voltando-se às questões literárias, trazendo, por exemplo, os processos como regras de versificação. Com o avanço dos estudos linguísticos, espera-se que processos fonológicos deixem de ser apenas apresentados com o objetivo de corrigir a pronúncia e como aspectos literários, e sejam tratados como fenômenos naturais da língua. A partir disso, destaca-se a importância de estudos sobre tais processos e a propagação do conhecimento resultado desses estudos.

## 1.2 A VOGAL ÁTONA INICIAL

Esta pesquisa analisa o *apagamento* e o *acréscimo* da *vogal átona inicial* na estrutura silábica **V**, como em: *obrigado* ~ *Øbrigado* e *\_levantar* ~ *alevantar*, respectivamente. Segundo Roberto (2016), com base em estudos anteriores, apagamento equivale à supressão de um segmento fonético, e o acréscimo consiste na adição de um segmento no vocábulo. A autora afirma que o apagamento e o acréscimo de vogal na posição inicial de um vocábulo podem ser evidenciados sincrônica e diacronicamente, podendo se encontrar casos tanto no período de aquisição da linguagem quanto em variação.

Como explica Cristóvão Silva (2011), apagamento também é denominado de *cancelamento* e *queda*. A pesquisadora informa que as vogais em sílabas átonas e as consoantes nas bordas das palavras são mais propensas ao cancelamento, como em *abacaxi* ~ *Øbacaxi* e *amor* ~ *amoØ*.

Em sua pesquisa, ao estudarem o cancelamento e a redução das vogais no português, Abaurre e Sandalo (2007) propõem que o apagamento tende a afetar as palavras que possuem um número ímpar de sílabas para gerar um conjunto de sílabas pares, seguindo o padrão trocaico<sup>18</sup> e binário do PB. Entretanto, as autoras notam que os fenômenos estudados não se restringem aos vocábulos com sílabas ímpares. De acordo com Souza (2012), o cancelamento da vogal possui as seguintes características: (i) as vogais não deixam marcas acústicas; (ii) afeta as sílabas átonas; (iii) afeta a estrutura silábica; (iv) cria padrões silábicos não esperados; e (v) é explicado pelo enfraquecimento da vogal. Apesar da afirmação de Souza (2012) de que o cancelamento da vogal afeta as sílabas átonas, há registros no português do cancelamento de vogal em sílabas tônicas, como em *espírito* ~ *sprito*.<sup>19</sup>

Oiticica (1955), em seu manual de análise, discorre no capítulo sobre morfologia acerca da vogal que sofre a prótese. Para o autor, “vogal *prostética* é a morfose<sup>20</sup> insignificativa preposta às palavras iniciadas por consoante e certos grupos consonantais. Em português há duas vogais prostéticas **a** e **e**; ex *atambores*, *esplendor*” (Oiticica, 1955, p. 73).

Ao abordar as vogais pretônicas, Coutinho (1972) argumenta que as pretônicas presentes na primeira sílaba da palavra são as que mais se conservam, resistindo a processos fonológicos. Para o autor, tal resistência justifica-se pela

<sup>18</sup> Segundo Bisol (2002), o troqueu é um pé métrico binário com cabeça à esquerda, como em “lá.pis”.

<sup>19</sup> Conforme comunicação pessoal da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon.

<sup>20</sup> Morfose refere-se a mudança na estrutura da palavra após o acréscimo da vogal.

influência do acento latino de intensidade inicial que colocava em evidência a primeira sílaba da palavra, resultando em um acento primário no início e um acento secundário em uma das sílabas finais. Com o passar dos séculos, o acento de intensidade inicial transforma-se no acento secundário da palavra e o secundário no acento principal. Conseqüentemente, essa influência restringe a ação de processos fonético-fonológicos como a aférese. Contudo, como salienta Coutinho (1972, p. 102-103), a supressão das pretônicas pode ocorrer quando:

- (i) Quando a sílaba inicial é composta somente por vogal, chamadas de “vogais desapoizadas”, como em *epigru* ~ *prego*, *episcopu* ~ *bispo*, *attonitu* ~ *tonto*, *acumen* ~ *gume*, *inamorare* ~ *namorar*, *Olisipona* ~ *Lisboa*, *Ecclesiola* ~ *Grijó*, *apotheca* ~ *bodega*, *abatina* ~ *batina*, *avetarda* ~ *betarda*, *horologiu* ~ *relógio* e *habitucula* ~ *bitácula*. (sic)
- (ii) Em sílabas não iniciais adjacentes à tônica, como em *bonitate* ~ *bondade*, *consutura* ~ *costura*, *laborare* ~ *lavar*, *vindicare* ~ *vingar*, *limitare* ~ *lindar*, *vertate* ~ *verdade* e *aperire* ~ *abrir*. (sic)

Em artigo denominado *Aférese e prótese: verso e reverso fonológico*, Gonçalves (1992) estuda o cancelamento e o acréscimo da vogal /a/ inicial na fala carioca. O autor constatou que o apagamento em início de palavras é mais frequente em verbos: 40% dos casos, como em *apanhar* ~ *Øpanhar*; em segundo lugar estão os adjetivos, com 25%, por exemplo *acabado* ~ *Øcabado*; em terceiro, substantivos, com 23%, como em *abacaxi* ~ *Øbacaxi*; em quarto, advérbios, com 18%, por exemplo *agora* ~ *Øgora*; e, por fim, as preposições, com 14%, como em *até* ~ *Øté*. No que se refere à inserção do segmento, o pesquisador verificou que houve maior aplicação em verbos, com 48%, como em *\_sujeitar* ~ *assujeitar*; seguido pelos adjetivos, com 33%, por exemplo em *\_viciado* ~ *aviciado*; e, por fim, os substantivos, com 18%, como em *\_celofane* ~ *acelofane*. Em seus resultados não foram encontrados casos de prótese em advérbios e preposições.

Segundo o pesquisador, uma justificativa para esses resultados é a categorização das classes gramaticais em: (i) *abertas*: verbos, adjetivos e substantivos; (ii) *fechadas*: advérbios<sup>21</sup> e preposições. Para ele, as classes abertas são mais afetadas pelo processo devido à sua frequente expansão, ou seja, as classes

<sup>21</sup> Com exceção dos advérbios com o sufixo *-mente*.

abertas “são o universo infinito da língua, uma vez que vivem em permanente expansão para incorporar novas experiências” (Gonçalves, 1992, p. 69). Portanto, de acordo com os resultados encontrados, as classes dos verbos, adjetivos e substantivos são mais propensas à aplicação dos fenômenos analisados.

Ao comparar amostras de fala carioca de dois períodos (1982 e 1988) que compõem a *Amostra Censo de Variação Linguística*, Gonçalves (1992) demonstra que, no ano de 1982, houve uma maior ocorrência de cancelamento e acréscimo do que no ano de 1988, como mostram as tabelas a seguir:

**Tabela 1** – Aférese de acordo com classe gramatical e ano na variedade do Rio de Janeiro

	1982		1988	
verbos	67/210	32%	34/128	25%
adjetivos	9/27	31%	6/32	17%
substantivo	5/24	22%	5/24	12%
advérbios	5/60	10%	6/59	9%
preposição	6/35	17%	12/42	11%

Fonte: Gonçalves (1992, p. 71)

**Tabela 2** – Prótese de acordo com classe gramatical e ano na variedade do Rio de Janeiro

	1982		1988	
verbos	22/127	28%	12/94	12%
adjetivos	2/9	27%	1/9	10%
substantivo	1/8	12%	0/5	0%
advérbios	—	—	—	—
preposição	—	—	—	—

Fonte: Gonçalves (1992, p. 71)

A partir desses resultados, Gonçalves (1992) afirma que os verbos e adjetivos “abrem as portas para a mudança” (p.71), seguidos pelas preposições, advérbios e substantivos. Dessa forma, as classes abertas são as primeiras a passar pela mudança, enquanto as classes fechadas atuam como agentes refreadores da mudança.

É importante ressaltar que os casos de prótese têm menor ocorrência se comparados com os casos de aférese, pois, como explica o autor, a ação do princípio de economia da língua atua como refreador da inserção de segmentos no início de palavras. Além disso, os resultados de Gonçalves (1992) apresentam uma fotografia da presença dos fenômenos na fala carioca ao trazer os resultados em porcentagem. Para verificar o favorecimento de determinada classe gramatical na aplicação de aférese e prótese, é necessário considerar os valores em peso relativo.

No que se refere às questões extralinguísticas, o pesquisador esclarece:

Por outro lado, não podemos prognosticar aférese e prótese como fenômenos de mudança em progresso (ao contrário, em trabalho anterior (Gonçalves, 1989) verificamos que se trata de variação estável), uma vez que os números parecem revelar um processo geracional, no qual existe uma certa confluência de fatores sociais refreando ou inibindo o avanço da variante não padrão (Gonçalves, 1992, p. 72).

Ou seja, Gonçalves (1992) argumenta que um conjunto de fatores sociais, como ingresso no mercado de trabalho e mudanças no nível de escolaridade, influenciam no grau de conscientização das formas cultas da língua. Esse conjunto de fatores sociais agem de forma a refrear o avanço das variantes consideradas não padrão.

Em seu estudo, Mollica *et al.* (1998) explicam que as aféreses mais perceptíveis e recorrentes são as que possuem a sílaba preenchida pela vogal *a*, como em *aqui* ~ Ø*qui*, pela forma *es*, por exemplo em *estava* ~ Ø*tava* e por *en*, como em *então* ~ Ø*tão*. Como recorte metodológico, as autoras analisam as ocorrências de aférese apenas nos contextos em que a sílaba é formada por *es*, por exemplo em *estar* ~ Ø*tá*, utilizando três amostras: Amostra De Lemos (1974), Amostra Mobraal (Lemle; Naro, 1977) e Amostra Macedo (1981).

Como pressuposto para análise, Mollica *et al.* (1998) argumentam que a língua é inserida socialmente e é usada em função do grau de comunicabilidade. “Assim, demonstramos, ao longo do trabalho, que a operação de aférese de *es* é impedida em quase todos os casos, para que problemas de intercomunicação sejam evitados” (Mollica *et al.*, 1998, p. 74). As autoras também esclarecem que a aférese da palavra *estar* e da expressão *espera aí* é categórica, principalmente quando estão conjugadas na primeira e terceira pessoa do presente e do passado no modo indicativo. Ao tratarem de falantes que estão em processo de aquisição, elas demonstram que a aférese só ocorre em estágios da língua que possuem, preferencialmente, dissílabos e estruturas silábicas simples, como em *escola* ~ Ø*cola*. Ou seja, “em estágios em que a gramática ainda se apresenta simplificada” (Mollica *et al.*, 1998, p. 74).

Em sua tese, Vieira (2012) objetivou observar como os métodos de estudos linguísticos influenciaram as investigações e as conclusões dos pesquisadores brasileiros. Para isso, a pesquisadora utilizou a aférese como suporte de pesquisa

para analisar os procedimentos metodológicos que os autores empregaram para explicar esse fenômeno. Como conclusão, ela afirma que as justificativas apresentadas pelos gramáticos e linguistas do século XX para realização do fenômeno são frágeis e permitem questionamentos, como, por exemplo, a declaração de que as vogais desapoiadas são mais propensas à queda, dado que “na cadeia da fala, a tendência dos fonemas é de se interligarem, mesmo em limite de vocábulos. Logo, é difícil encontrar, nesse contexto, fonemas desapoiados, principalmente em momentos de fala não monitorados” (Vieira, 2012, p. 139).

Para tanto, Vieira (2012) atesta que foram coletados dados para seu estudo nos quais ocorriam aférese e outros, com o mesmo contexto fonológico, em que não houve apagamento. A autora defende que as motivações para aplicação do processo são variáveis, sendo necessária uma investigação que considere os contextos linguísticos e extralinguísticos, uma vez que “a ação da aférese ocorre não somente por imposição de fatores estruturais, mas também por fatores sociais, pragmáticos e inclusive de identidade social” (Vieira, 2012, p. 139).

Em um estudo sobre metaplasmos por supressão na fala dos moradores de Campo Grande (MS), Fernandes e Costa (2012) investigaram as ocorrências de *aférese*, como em *você ~ Øcê*, *adianta ~ Ødianta*;<sup>22</sup> *deglutinação*, que são casos em que o *a* ou *o* é apagado para não haver confusão com o artigo, como em *horologiu ~ Ørelógio*<sup>23</sup>; *síncope*, por exemplo: *xícara ~ xícØra*;<sup>24</sup> *apócope*, como em *tomar ~ toma*;<sup>25</sup> *crase*, por exemplo em *coordenador ~ coØrdenador*;<sup>26</sup> e *sinalefa*, como em *terno azul ~ tern[wa]zul*,<sup>27</sup> na fala espontânea de oito informantes.

Como resultado, as autoras obtiveram 71,20% de casos de *apócope*, 23,71% de ocorrências de *aférese*, 3,40% de *síncope*, 1,13% de *sinalefa*, 0,72% de *deglutinação* e, por último, 0,08% de *crase*. Dentre os casos de *aférese*, observou-se que são mais frequentes em informantes do sexo/gênero feminino.

Cordeiro e Carvalho (2016), em seu trabalho intitulado “Prótese no português rural mineiro”, observaram os casos de inserção de segmentos no início de palavras nas variedades de seis localidades mineiras, a saber: Águas Vermelhas, Passos,

<sup>22</sup> Exemplo retirado de Gonçalves (1992, p. 67).

<sup>23</sup> Exemplo retirado de Fernandes e Costa (2012, p.451).

<sup>24</sup> Exemplo retirado de Roberto (2016, p. 121).

<sup>25</sup> Exemplo retirado de Roberto (2016, p. 121).

<sup>26</sup> Exemplo retirado de Roberto (2016, p. 121).

<sup>27</sup> Exemplo retirado de Roberto (2016, p. 127).

Serra do Cipó, Minas Novas, Sabinópolis e Luisburgo. As autoras encontraram 34 casos de prótese, como *buscar ~ abuscar, tradição ~ intradição, levar ~ aleva* etc. Dessas ocorrências, foram identificados três casos de arcaísmos sendo eles: *lembrar ~ alembrar, voar ~ avoar e depois ~ adispois*. Cordeiro e Carvalho (2016) explicam que, para a categorização desses casos como arcaísmo, foram considerados estudos lexicográficos, lexicológicos e ortográficos que possuem a categorização dessas palavras como “antigo, arcaico, reformação e advertências em ordem a emendar” (Cordeiro; Carvalho, 2016, p. 230).

Rio-Torto (2019), no artigo “prefixação, sufixação e parassíntese no português: harmonia e competição”, aborda prótese e aférese ao falar dos prefixos. Segundo a autora, os prefixos *a(d)-* e *en-* são usados na formação de verbos desde o período medieval. Ela argumenta que

[...] no período medieval é muito intensa a flutuação de formas corradicais com e sem prefixo, assim como a presença de prefixos em verbos que entretanto os perderam, bem como o seu inverso, ou seja, a ausência de prefixos em verbos que os vieram a adquirir [...] (Rio-Torto, 2019, p. 590).

Para ilustrar sua afirmação, Rio-torto (2019) apresenta um quadro com vários exemplos de formas verbais que sofreram prótese e aférese no português arcaico. Esses exemplos são listados a seguir:

### PRÓTESE

*\_conselhar ~ aconselhar*  
*\_contecer ~ acontecer*  
*\_devinhar ~ advinhar*  
*\_gradecer ~ engrandecer*  
*\_mamentar ~ amamentar*  
*\_queecer ~ aquecer*  
*\_reponder ~ arrepende*  
*\_tristecer ~ entristecer*

### AFÉRESE

*afortalecer ~ Øfortalecer*  
*ajuntar ~ Øjuntar*  
*alembrar ~ Ølembrar*  
*alevantar ~ Ølevantar*  
*alimpar ~ Ølimpar*  
*arrecear ~ Ørecear*  
*assoprar ~ Øsoprar*  
*empeiorar ~ Øpiorar*  
*empenhorar ~ Øpenhorar*  
*empoer ~ Øpor*  
*enalhear ~ Øalhear*  
*ençujar ~ Øsujar*

*endurar ~ Ødurar*  
*esguardar ~ Øguardar*  
*espreguntar ~ Øperguntar*  
*amostrar ~ Ømostrar*  
*empuxar ~ Øpuxar*  
*esquerer ~ Øquerer*  
*esbombardear ~ Øbombardear*

A autora afirma que não há uma explicação comprovada para o acréscimo e apagamento dos prefixos nos verbos exemplificados anteriormente, mas é possível criar hipóteses para esses fenômenos. Para ela, o apagamento do prefixo só é permitido se ao longo da história o vocábulo não possuir uma forma acompanhada de um prefixo ou “quando a base que está na origem do verbo tiver condições para ser solidamente reconhecida e processada como radical do verbo derivado, permitindo portanto a fácil e transparente compreensão do semantismo deste” (Rio-Torto, 2019, p. 591).

Em relação aos casos de prótese, Rio-Torto (2019) argumenta que a adição do prefixo se dá para reaproximar a forma verbal da sua forma latina ou para dar ênfase à interpretação do verbo derivado, quando a forma de origem não possua prefixo.

Como mencionado na seção 1.1, os vocábulos iniciados por sílabas de estruturas VC e V estão sujeitos ao processo de ressilabação correspondente aos fenômenos de *sândi*. O *sândi* pode ocorrer no interior de palavras, como em “cooperar > c[o]perar”, ou na fronteira entre elas, como em casa amarela > cas[a]marela, sendo este o caso possível nas ocorrências a serem consideradas por esta pesquisa.

Segundo Bisol (1992), o *sândi* na fronteira entre palavras, denominado *sândi* externo, envolve duas palavras que compõem o mesmo enunciado e quando elas se encontram, formando uma sequência **VV**, possibilitam a formação de uma nova sílaba que é incorporada à pauta prosódica do segundo vocábulo. Dentre os casos de *sândi*, interessam para esta pesquisa os classificados como *elisão*, *sinalefa (ditongação)* e *crase* (ou *degeminação*), visto que esses processos podem exercer influência no apagamento de vogal átona em início de palavras.

Para a autora, *degeminação* (ou *crase*) é a fusão de duas vogais iguais, seja no interior da palavra, como em “coordenador > c[o]rdenador”, ou no encontro de duas

palavras, como em “leque escuro > lequ[i]scuro”. Bisol (1992) esclarece que esse processo pode ocorrer em qualquer ponto de uma sentença, desde que sejam respeitados os seguintes termos (Bisol, 1992, p. 85):

- (i) As duas sentenças devem ser pronunciadas pelo mesmo falante e ser dirigidas ao mesmo interlocutor;
- (ii) As duas sentenças devem ser relativamente curtas e não deve haver pausa entre elas.

Ao discorrer sobre a caracterização de *degeminação* como fusão ou apagamento, Bisol (1992) explica que as vogais envolvidas nesse processo possuem traços fonéticos diferentes se forem consideradas as palavras isoladamente, como, por exemplo, em “problem[e]<sub>V1</sub> [a]<sub>V2</sub>gora”, em que as vogais [e] e [a] possuem timbres diferentes. A partir disso, é possível a interpretação de que ocorre o apagamento da vogal final, **V1**, visto que é a vogal com timbre mais leve em contraposição à vogal pretônica inicial, **V2**.<sup>28</sup> Porém os processos de *sândi* entre fronteiras de palavras são governados pela ressilabação e, como menciona a pesquisadora (1992, p. 88),

quando a ressilabação acontece, em se tratando de vogais da mesma categoria, as diferenças fonéticas provenientes das diferentes posições que ocupavam, na palavra, as sílabas em que estavam anexadas, desaparecem. Perdido o limite entre as duas palavras, perdem-se as variantes posicionalmente condicionadas. Isso permite que sejam esses fatos interpretados como fusão.

Portanto, nos casos, como em “cas[e]<sub>V1</sub> [a]<sub>V2</sub>marela > cas[a]marela”, as vogais em posição de fronteira de palavra perdem suas distinções fonéticas quando não há pausa entre elas, ocorrendo *ressilabação* e a  *fusão* dessas vogais, caracterizada como fenômeno de *degeminação*.

Bisol (1996) argumenta que a ressilabação, bem como a silabação, é o fenômeno de incorporar segmentos em torno de picos de sonoridade, projetando sílabas. Em português, esses picos são necessariamente vogais (V). “Uma sílaba com todas as suas posições preenchidas se manifesta com sonoridade decrescente nas bordas” (Bisol, 1996, p. 161).

Como define Bisol (1996), a *elisão* ocorre quando não há pausa na fronteira entre duas palavras e há o apagamento da vogal átona na posição final da primeira

---

<sup>28</sup> Neste trabalho, ao tratar dos casos de *sândi*, a vogal final do primeiro vocábulo será denominada de **V1** e a vogal inicial do vocábulo seguinte como **V2**.

palavra, **V1**, quando a palavra seguinte se inicia com uma vogal diferente, **V2**, como em “merenda<sub>V1</sub> e<sub>V2</sub>scolar > merend[e]scolar”. Por outro lado, a *ditongação* (ou *sinalefa*) se dá quando duas vogais em fronteiras de palavras formam ditongos, como em camisa<sub>V1</sub> u<sub>V2</sub>sada > camis[aw]sada. A autora destaca que para a ocorrência desse ditongo é necessário que uma das vogais envolvidas, **V1** ou a **V2**, nesse fenômeno seja alta e átona.

De acordo com a autora, o número de casos de *elisão* e *degeminação* é “expressivamente menor, quando uma das vogais estiver protegida pelo acento. A rejeição ao acento à direita é maior do que a rejeição ao acento à esquerda” (Bisol, 1996, p. 160). Isso é melhor exemplificado abaixo (1), em que a presença do acento na vogal inicial da segunda palavra torna a *degeminação* agramatical (1.a), mas quando a última vogal da primeira palavra é acentuada não há restrição para a *degeminação* (1.b).

(1.a) cas[u]<sub>V1</sub> ú<sub>V2</sub>nico > \*ca[zú]nico

(1.b) araçá<sub>V1</sub> a<sub>V2</sub>zedo > ara[sa]zédo

Tenani (2002), em sua tese intitulada “Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos”, explica sobre a relação entre o acento primário e os casos de sândi. Segundo a autora, quando a **V1** e a **V2** são átonas, pode ocorrer a *elisão*, a *ditongação* e a *degeminação*, sendo: a *degeminação* aplicada quando as duas vogais são iguais; a *elisão* quando a **V1** for **a**; e a *ditongação* nos outros contextos. Se a **V1** for tônica não ocorre a *elisão*, mas ocorre a *ditongação* se as vogais forem diferentes ou *degeminação* se forem iguais. Nos casos em que a **V2** é tônica, a *degeminação* e a *elisão* são bloqueadas e a *ditongação* só ocorre se o acento da **V2** for apagado.

Como demonstrado anteriormente, o apagamento pode ocorrer em diferentes tipos de estruturas silábicas em início de palavras, como em *estar* ~ Øtá, *acabar* ~ Øcabar, *embora* ~ Øbora e *José* ~ Øzé. Porém, devido à complexidade do tema, sendo necessário uma análise mais específica para cada caso, neste trabalho é realizado um recorte metodológico. Em relação ao acréscimo de segmento, após um levantamento dos casos registrados nas gramáticas, verificou-se a quantidade expressivamente maior de ocorrências em que há apenas inserção de vogal em relação a outros tipos de segmentos acrescentados. Portanto, nesta pesquisa são

estudados somente os casos de aférese em que a sílaba inicial é composta apenas por vogal, como em *amanhã* ~ Ø*manhã*, e os casos de prótese em que é inserida apenas uma vogal no início do vocábulo, por exemplo em *\_limpar* ~ *alimpar*.

Para mais, como demonstrado, este trabalho tem como objetivo analisar a vogal átona inicial, de modo que não são consideradas as ocorrências de elisão, pois a vogal afetada é a **V1**, e os casos de ditongação, em que a **V2** não é alterada. Os casos de degeminação são considerados porque apresentam as seguintes características: (i) quando a V1 é tônica e a V2 é átona, há o apagamento da V2; (ii) quando ambas as vogais são átonas, ocorre a fusão, afetando tanto a **V1** quanto a **V2**. Esse recorte metodológico é melhor exemplificado na seção 1.4.

### 1.3 O SISTEMA SILÁBICO E VOCÁLICO DO PORTUGUÊS

#### 1.3.1 O sistema vocálico

Um critério utilizado na categorização do sistema vocálico do PB é a tonicidade, uma vez que “a posição tônica é que nos dá em sua nitidez e plenitude os traços distintivos vocálicos” (Mattoso Câmara Jr., 1969, p. 22). O autor<sup>29</sup> demonstra que o PB possui sete vogais em posição tônica,<sup>30</sup> classificadas em anteriores, central e posteriores. Para a produção das vogais anteriores há um avanço da parte anterior da língua e uma elevação gradual. Na realização das posteriores, há um recuo da parte posterior da língua, uma elevação gradual e um arredondamento gradual dos lábios. Quando não há o avanço ou o recuo da língua nem uma elevação apreciável, tem-se a vogal central /a/. Além disso, Mattoso Câmara Jr. (1999 [1970]) esclarece que a elevação da língua, na parte anterior ou posterior, permite a classificação das vogais em baixa, em médias abertas (1.º grau), médias fechadas (2.º grau)<sup>31</sup> e altas. Essa categorização é exemplificada a seguir.

**Figura 4-** As vogais em posição tônica no PB

<sup>29</sup> A descrição apresentada por Mattoso Câmara Jr. é com base em um sistema fonêmico.

<sup>30</sup> De acordo com Cristóvão Silva (2017), as vogais tônicas carregam o acento primário.

<sup>31</sup> Alguns autores utilizam os termos “média baixa” e “média alta” para as vogais médias abertas e fechadas, respectivamente.

altas	/u/			/i/	
médias	/ô/			/ê/	(2º grau)
médias		/ó/	/é/		(1º grau)
baixa		/a/			
	posteriores	central	anteriores		

Fonte: Câmara Jr (1999 [1970], p. 40).

As vogais átonas podem ser classificadas como pretônicas — que precedem a vogal tônica —, ou postônicas — que estão após a vogal tônica. Mattoso Câmara Jr. (1969) apresenta dois fatores que alteram o quadro vocálico quando as vogais estão em posição átona: (i) a diferença fonética de timbre para uma vogal em posição tônica ou átona; (ii) a redução das distinções em decorrência da neutralização. Segundo David Crystal (2008 [1980], p. 326), neutralização é o termo usado na fonologia para descrever o processo de perda de contraste fonêmico em contextos específicos. Como no inglês, por exemplo, em que o contraste entre aspirado e não aspirado é neutralizado quando a plosiva é precedida por /s/, como em *stop* ('parar' e *speech* ('discurso')).

Para Mattoso Câmara Jr (1999 [1970]), com base na variedade carioca, nas vogais pretônicas médias, há o desaparecimento da oposição entre as abertas e fechadas; nas vogais postônicas não-finais ocorre a neutralização entre /o/ e /u/ e nas postônicas finais há a neutralização tanto de /o/ e /u/ quanto de /e/ e /i/. Essas classificações estão exemplificadas a seguir.

**Figura 5-** Vogais pretônicas

altas	/u/		/i/
médias		/o/	/e/
baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr (1999 [1970], p. 43)

**Figura 6-** Vogais postônicas não-finais

altas	/u/		/i/
média		/../	/e/
baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr (1999 [1970], p.43)

**Figura 7-** Vogais postônicas finais

altas	/u/		/i/
baixa		/a/	

Fonte: Câmara Jr (1999 [1970], p. 43)

Ao fazer uma descrição das vogais do PB, Cristóforo Silva (2017), baseando-se em pesquisas anteriores sobre o português, propõe um quadro fonético com oito vogais em posição pretônica. A autora argumenta que, em algumas variedades do PB, ocorre o alçamento vocálico dos segmentos [e, o] que são realizados como [i, u], como em *m[i]nino* e *m[u]delo* para *m[e]nino* e *m[o]delo*.

Além das cinco vogais orais, [a], [e], [i], [o] e [u], há também em posição pretônica as vogais [ɛ, ɔ] em certas palavras do PB, como nas formas derivadas com os sufixos -íssimo, -mente, -inho ou -zinho quando o radical apresenta [ɛ, ɔ] em posição tônica, por exemplo em *s[ɛ]ríssimo* e *m[ɔ]linho* a partir de *s[ɛ]rio* e *m[ɔ]le*, respectivamente. As vogais [ɛ, ɔ] também são encontradas como marca dialetal de algumas regiões, por exemplo na região nordeste, em cujos dialetos as pretônicas são realizadas [ɛ, ɔ] em palavras como *m[ɛ]nino* e *m[ɔ]delo*.

Além disso, Cristóforo Silva (2017) salienta o uso de [ə], em algumas variedades, como na carioca, nas posições em que geralmente é pronunciado o [a] pretônico. A partir disso, o quadro fonético das vogais pretônicas de acordo com Cristóforo Silva (2017) é organizado da seguinte forma:

**Quadro 2- Vogais pretônicas**

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
<b>alta</b>		i				u
<b>média-alta</b>		e				o
<b>média-baixa</b>		ɛ		ə		ɔ
<b>baixa</b>				a		

Fonte: Cristóforo Silva (2017, p. 81)

No que se refere às postônicas, Cristóforo Silva (2017) divide a classificação das ocorrências em postônicas mediais (não-finais) em estilo formal e informal. No estilo formal, na maioria das variedades, há cinco vogais nessa posição, sendo elas [a, e, i, o, u], mas encontram-se regiões que apresentam realizações de [ɛ, ɔ], como em *núm[ɛ]ro* para *núm[e]ro*. No estilo informal, ocorre a redução das médias [e, ɛ, ɔ, o] em alguns dialetos em que [o, ɔ] são produzidos como [ʊ], por exemplo em *pér[ʊ]la* para *per[o]la*. Também há ocorrências de [ɪ], como em *hipó[tɪ]se* para *hipó[te]se* cuja pronúncia do [ɪ] e [i] é o gatilho para palatalização do [t], como na fala informal em palavras como *cé[ri]bro* para *cé[re]bro*, em contextos nos quais se espera o [e]. Em

relação às postônicas finais, a autora explica a existência da possibilidade da realização de [i, e, a, o] ou [ɪ, ə, ʊ], dependendo da região do falante.

A nasalidade é um processo complexo no português, sendo abordado por diferentes concepções teóricas. Neste trabalho, são apresentados três viéses teóricos sobre a nasalidade do PB, a existência de (i) um arquifonema nasal; (ii) uma vogal nasalizada; e (iii) uma vogal nasal com a presença de um murmúrio nasal.

A primeira concepção teórica é apresentada por Mattoso Câmara Jr. (1999 [1970]). O autor argumenta que há duas formas de nasalidade. A primeira é consequência de uma assimilação que nasaliza as vogais seguidas de consoantes nasais presentes na sílaba seguinte, por exemplo em [ˈkã.me] (“*cama*”). A segunda diz respeito ao caráter nasal da vogal que é resultado do contato com o segmento nasal presente na sílaba, denominado de arquifonema nasal, ou seja, a vogal nasal é o conjunto VC, sendo representado fonologicamente como: /aN/, /eN/, /iN/, /oN/ e /uN/, como em c/aN/tar (“*cantar*”).

A segunda concepção teórica é exposta por Cagliari (1981) ao tratar a vogal nasal como uma vogal que assimila a consoante nasal e, portanto, torna-se nasalizada, sendo representada foneticamente como apenas um segmento. É importante ressaltar que o autor utiliza em seus estudos experimentos acústicos, articulatórios e aerodinâmicos para verificar os diferentes graus de nasalidade. Para o pesquisador, o grau da nasalidade está condicionado ao nível de abaixamento do véu palatino.

O terceiro viés é demonstrado por Silva (2017) e Silva *et al.* (2019), com base em estudos anteriores. Os linguistas que argumentam em favor dessa concepção explicam que as vogais podem ser nasais ou nasalizadas. Segundo Silva *et al.* (2019), as vogais nasais ocupam a posição de fim de sílaba, como em [ˈsɪ] (“*sim*”) ou são acompanhadas de uma consoante oral na sílaba seguinte, como em [ˈã.te] (“*anta*”); já as vogais nasalizadas são vogais seguidas de uma consoante nasal na sílaba seguinte. As autoras apresentam as sete características fonéticas das vogais nasais: formantes nasais, amplitude, frequência de formantes, antiformantes, murmúrio nasal, momentos acústicos e duração.

De acordo com Silva *et al.* (2019), como as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino e, conseqüentemente, apresentam o murmúrio nasal. “O murmúrio nasal é caracterizado articulatoriamente pelo abaixamento do véu palatino e saída de fluxo de ar pelas fossas nasais” (Silva *et al.*, 2019, p. 118). A partir

disso, verifica-se um contínuo de vogal nasal para murmúrio nasal, não sendo possível encontrar fases nitidamente separadas.

Com base nas informações apresentadas, as autoras argumentam que o PB possui cinco vogais nasais, exemplificadas no quadro a seguir.

**Quadro 3-** Vogais nasais

	Anteriores	Central	Posteriores
Altas	ĩ		ũ
Médias	ẽ		õ
Baixa		ã	

Fonte: Silva *et al.* (2019, p. 110)

A principal diferença entre o primeiro e o terceiro viés está na concepção de vogais nasais. Para o primeiro viés, a qualidade nasal da vogal é resultado do contato com o arquifonema nasal presente na mesma sílaba. Para o terceiro, a vogal é naturalmente nasal, não há a presença de um arquifonema nasal na mesma sílaba possibilitando a nasalidade da vogal.

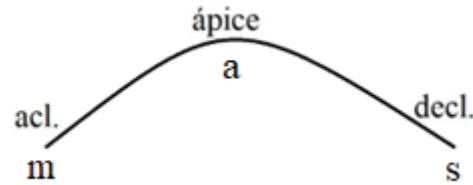
Tendo em vista o exposto acima, compreende-se a complexidade do sistema vocálico nasal do português. Percebe-se, então, a necessidade de um estudo mais detalhado sobre aplicação de aférese e prótese com vogais nasais. A partir disso, optou-se por ter, como objeto de estudo para esta pesquisa, apenas as vogais orais, deixando a análise das nasais e nasalizadas para trabalhos futuros.

### 1.3.1 O sistema silábico e a palavra fonológica

Na perspectiva articulatória, a noção de sílaba é abordada a partir do mecanismo de correntes do ar pulmonar. Mattoso Câmara Jr. (1969) argumenta que, linguisticamente, a sílaba deve ser vista como um elemento funcional e que “marcam-na aí uma fase ascensional, ou crescente, um movimento de plenitude e uma fase de descensão, ou decrescente” (Mattoso Câmara Jr., 1969, p. 26), portanto, possuindo *active*, *ápice* e *declive*. A respeito do preenchimento dessas posições, o autor explica que o ápice é constituído por uma vogal, correspondendo ao “momento essencial da sílaba” (Mattoso Câmara Jr., 1969, p. 26), o active por uma ou duas consoantes e o

declive por consoantes (/S/, /R/, /N/ e /l/)<sup>32</sup> ou semivogal,<sup>33</sup> como mostra o exemplo a seguir com a palavra “mas”.

**Figura 8**– Estrutura silábica com base em Câmara Jr. (1969)



Fonte: Elaboração própria, a partir de Câmara Jr. (1969)

Outra autora que discorre sobre a estrutura sílaba por viés teórico diferente é Collischonn (2001), a partir de Selkirk (1982). Essa pesquisadora estuda um modelo de representação da sílaba no qual a estrutura silábica é formada por um ataque (A) e uma rima (R), em que a rima é dividida em núcleo (Nu) e coda (Co), sendo o núcleo a única posição que deve ser obrigatoriamente preenchida. Além disso, Collischonn (2001) demonstra que, no português, o ataque pode ser *simples*, preenchido por uma consoante, ou *complexo*, constituído por uma obstruinte seguida de uma consoante líquida.<sup>34</sup> Porém, não são todas as combinações de obstruintes + líquidas que são permitidas no português. A seguir, os casos permitidos apresentados pela pesquisadora:

**Quadro 4**- Pares de obstruintes + líquidas permitidas no português, na posição de ataque complexo

	Obstruintes + /l/	Obstruintes + /r/	Exemplos
Labiais	/pl/ /bl/ /fl/ /vl/	/pr/ /br/ /fr/ /vr/	<b>planta/prato</b> <b>blusa/braço</b> <b>flor/fruta</b> <b>vladimir/livro</b>
Alveolares	/tl/	/tr/ /dr/	<b>atlas/trabalho</b> <b>drama</b>
Velares	/kl/ /gl/	/kr/ /gr/	<b>claro/cravo</b> <b>glorioso/grança</b>

Fonte: Elaboração própria, a partir de Collischonn (2001, p. 100)<sup>35</sup>

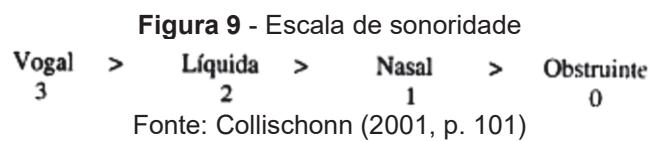
<sup>32</sup> Os segmentos /S/, /N/ e /R/ estão representados em maiúsculas por se caracterizarem como arfonemas.

<sup>33</sup> As semivogais também são denominadas por alguns autores como *glides*.

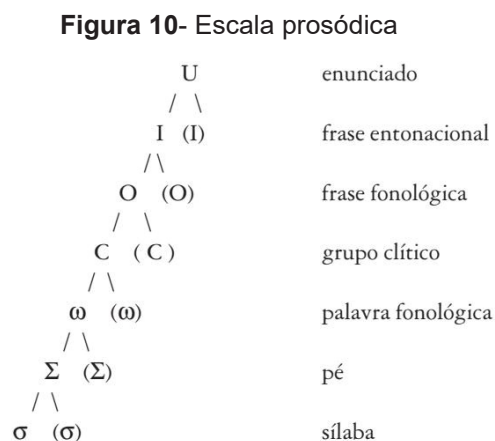
<sup>34</sup> As líquidas são um conjunto que engloba vibrantes (/R/) e laterais (/l/ e /ʎ/). Porém, no português, são permitidos apenas os casos de obstruintes + /l/ ou /r/.

<sup>35</sup> A autora explica que o par /vl/ só ocorre em alguns nomes, como em *Vladimir*, e que /vr/ não ocorre em início de palavras. No entanto, podem ser encontradas onomatopeias com o /vr/, como “vrum vrum”.

Segundo Collischonn (2001), por meio da escala de sonoridade, pode-se relacionar um segmento com a posição que ele ocupa na sílaba. Para ela, o núcleo é ocupado pelo segmento de maior sonoridade, uma vogal, enquanto o ataque e a coda são ocupados por elementos de menor sonoridade. Ademais, quando há mais de um segmento dentro do ataque ou da coda, os segmentos apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo.



Na perspectiva prosódica, a sílaba é a menor unidade da escala prosódica, a qual agrupa dois ou mais segmentos em torno de um pico de sonoridade. Bisol (2004) explica que, na escala prosódica, elaborada por Nespor e Vogel (1986), “cada constituinte prosódico é a unidade composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente inferior” (Bisol, 2004, p. 60), por exemplo: duas sílabas formam um pé métrico, dois pés métricos estão contidos em uma palavra fonológica e assim sucessivamente até constituir o enunciado. A escala prosódica pode ser melhor visualizada a seguir:



Fonte: Bisol (2004, p. 60)

Para Bisol (2004), em cada unidade prosódica há uma relação de dominância em termos forte/fraco. Na sílaba, o forte é a rima e o fraco é o ataque, visto que a rima é o elemento de maior sonoridade. No pé métrico, uma sílaba é forte e a outra é fraca.

Na palavra fonológica, o forte é a sílaba acentuada e o fraco são as sílabas que não apresentam acento. Com base nisso, a sílaba agrupa os sons em material linguístico, o pé métrico une as sílabas ritmicamente e projeta o acento da palavra.

Com base nisso, argumenta Bisol (2004) que o pé métrico é o principal elemento da palavra fonológica, pois é ele que determina o acento, o seu identificador. Porém, como o pé métrico é formado por sílabas, tanto o pé métrico quanto a sílaba são elementos constitutivos da palavra fonológica e devem ser considerados ao analisá-la.

De acordo com Bisol (2002), dois pés métricos podem ser *iambo* ou *troqueu* e essa classificação está relacionada às características prosódicas da língua. O troqueu é um pé binário com cabeça à esquerda, como em “lá.pis”; o iambo apresenta cabeça à direita, como em “ca.fé”. Com base nisso, “línguas com contraste de intensidade privilegiam o troqueu e línguas com contraste de duração privilegiam o iambo” (Bisol, 2002, p. 103).

Essas observações permitiram a formação da lei *iâmbico-trocaica*, conforme aponta Bisol (2002, p.103): (i) elementos que contrastam em intensidade constituem grupos com proeminência inicial; e (ii) elementos que contrastam em duração naturalmente constituem grupos com proeminência final.

A autora explica que o português tem o troqueu como uma de suas características, pois é a intensidade que estabelece o contraste, como em “*sabia ~ sábia ~ sabiá*”. O troqueu pode ser de três formas (Bisol, 2002, p. 103):

- (i) Troqueu mórico, formado por duas sílabas leves ( $\uparrow \uparrow$ );
- (ii) Troqueu mórico, formado por uma sílaba pesada (-);
- (iii) Troqueu silábico, formado por duas sílabas independentemente de serem ramificadas ou não ( $\sigma \sigma$ ).

Bisol (2002) caracteriza o *troqueu mórico* como o pé métrico básico do português, por exemplo em “ca.sa”. Cabe destacar que Bisol (2002) utiliza a teoria métrica para tratar do pé métrico e essa teoria considera a noção de peso silábico. Segundo Alves (2004), com base nos conceitos da teoria métrica, sílabas leves são constituídas de uma rima simples, apenas com o núcleo, e as sílabas pesadas são formadas por uma rima ramificada, com núcleo e coda ou núcleo complexo.

Bisol (2004) afirma que está relacionada ao ritmo e que não existe um consenso quanto ao seu tamanho, podendo ser igual, maior ou menor do que o

elemento terminal de uma estrutura sintática, dependendo das características de cada língua. Por fim, a pesquisadora argumenta que a palavra fonológica pode ser vista como uma entidade rítmica com base na organização métrica das sílabas, como um domínio de regras e como “[...] expoente de proeminência relativa em virtude da relação sintagmática de seus membros” (Bisol, 2004, p. 66).

#### 1.4 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Como afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 62) com uma teoria simples não é possível fazer muitas afirmações sobre a configuração fonológica das línguas, “mas à medida que a teoria se torna mais refinada, a generalização possível acerca de como as línguas são constituídas se torna cada vez mais rica”. Com base nisso, esta pesquisa tem como arcabouço metodológico a Sociolinguística laboviana, denominada *Teoria da Variação e Mudança Linguística* (Labov, 2008 [1972]).<sup>36</sup>

Esse modelo tem como objeto de estudos a língua concebida como um sistema heterogêneo, variável, e social, cuja “[...] heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais” (Labov, 2008 [1972], p. 238). A partir disso, assume-se que a língua apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e que as variantes da língua, muitas vezes consideradas aleatórias, caóticas ou irregulares, possuem uma estrutura interna regrada por condicionadores linguísticos e extralinguísticos. Essa afirmação é apresentada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 135) ao dizerem que “o princípio da heterogeneidade ordenada e sistemática pode ser constatado em todos os níveis linguísticos em todas as línguas naturais, o que não exclui, em hipótese alguma, a existência de regras categóricas”.

Esse arcabouço teórico-metodológico se diferencia dos estudos anteriores ao não considerar como objeto de estudo a língua como um sistema homogêneo. Para os autores, a variabilidade presente na língua não exclui a sistematicidade. Cabe salientar que outros autores haviam feito observações a respeito da variabilidade das línguas, porém essas observações não foram suficientes, pois “certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos

---

<sup>36</sup> Essa teoria também é denominada *Sociolinguística quantitativa*, “por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados” (Tarallo, 2003, p. 8).

de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975], p.107).

Além de considerar a heterogeneidade da língua, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) atribuem à variabilidade o caráter sistemático, que não era abordado por outros estudiosos. Fundamentado nisso, “cabe ao linguista entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreender os padrões que a governam” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975], p. 133).

William Labov, linguista norte-americano, desempenha um papel fundamental como representante dessa teoria, que surge como uma reação à ausência do componente social nas investigações assentadas em modelos formalistas.

Em 1963, em seu estudo pioneiro, ele utilizou um método até então inédito: o da sociolinguística quantitativa, que propunha sistematizar a heterogeneidade da língua por meio de dados estatísticos (Labov, 2008 [1972]). Nessa pesquisa, Labov analisou a centralização dos ditongos [aj] e [aw] na fala de moradores da ilha *Marthas's Vineyard*, localizada no estado de *Massachusetts* (EUA). Como resultado, o pesquisador constatou que os fatores extralinguísticos tinham maior relevância para a ocorrência desses ditongos, atestando a sua hipótese inicial, de que essa forma não-padrão de realização partiria dos falantes nativos como uma forma de tradição e de marcar a identidade dos moradores da ilha (Labov, 2008 [1972]). Os falantes utilizavam a forma não-padrão em reação a uma pronúncia inovadora, trazida pelos turistas do continente e imitadas por parte da população.

Labov (2008 [1972]) apresenta a concepção de *variável linguística*, definida como um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra, e como suas propriedades o autor considera a ocorrência frequente, a estrutura integrada num sistema de unidade de funcionamento e a distribuição do traço altamente estratificada.

Segundo Tarallo (2003), as formas linguísticas em variação são classificadas como *variantes linguísticas*, e a um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável*. Dessa forma, a escolha do falante por uma ou outra variante obedece a um padrão sistematizado por regras variáveis.

[...] À heterogeneidade subjaz um sistema, devidamente estruturado! [...] Heterogeneidade não necessariamente exclui a noção de sistema; ao contrário, sistematicidade e heterogeneidade equacionam-se entre si, em um tipo de relação de 1=1 (Tarallo, 2003, p. 81).

Para o estudo de uma variável linguística, é preciso levar em conta a vida social da comunidade de fala em que ela ocorre. Como exemplifica Labov (2008 [1972], p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Em vista disso, a concepção de comunidade abordada a define como um conjunto de falantes que compartilham atitudes sociais a respeito da língua. Ao observar a vida social da comunidade, consideram-se também as variáveis extralinguísticas. Como argumentam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 108),

o sistema heterogêneo é então visto como um conjunto de subsistemas que se alternam de acordo com um conjunto de regras co-ocorrentes, enquanto de cada um desses subsistemas podemos encontrar variáveis individuais que co-variam mas não co-ocorrem estritamente. Cada uma dessas variáveis acabará sendo definida por funções de variáveis independentes extralinguísticas ou linguísticas, mas essas funções não precisam ser independentes umas das outras. Pelo contrário, normalmente se esperaria encontrar íntima co-variação entre as variáveis linguísticas.

Ou seja, para o estudo da heterogeneidade linguística, é necessário verificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas. A definição das variáveis linguísticas dependerá do fenômeno analisado; já as extralinguísticas são, em geral: *escolaridade*, *sexo/gênero*, *faixa etária* e *renda familiar*.

A variável *escolaridade* demonstra a possível influência do grau de instrução do informante na escolha de determinada variante. A variável *sexo/gênero* possibilita observar se há disparidade entre mulheres e homens no uso da língua, visto que “diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística” (Labov, 2008, p. 348).

Como explicitam Paiva e Duarte (2013), com base nos estudos de Labov (1972; 1975), por meio da variável *faixa etária*, pode-se apontar se o fenômeno estudado corresponde a uma *variação estável* ou uma *mudança em progresso*. A variação estável se dá quando duas variantes apresentam frequências relativamente próximas em diferentes faixas etárias. A mudança em progresso ocorre quando as gerações mais novas, em comparação às mais velhas, apresentam uma frequência maior no uso de uma variante, o que, com o passar do tempo, resulta na eliminação da outra variante.

As autoras ressaltam que a verificação do *status* da mudança se dá de duas maneiras: (i) pelo estudo em *tempo aparente*, que consiste em um recorte sincrônico de amostra de fala de pessoas de diferentes faixas etárias; (ii) pelo estudo em *tempo real*, podendo ser realizado com uma análise de *curta duração*, em que há um recorte diacrônico de tempo em que os informantes são acompanhados pelo pesquisador, ou de *longa duração*, em que o fenômeno é analisado por meio de registros seculares a partir de textos escritos.<sup>37</sup> A análise de *curta duração* pode ser de *painel*, no qual o pesquisador coleta amostras dos mesmos falantes em dois períodos de tempo diferentes, ou de *tendência*, no qual são coletadas amostras de falantes diferentes, mas da mesma comunidade e com a mesma estratificação social em períodos de tempo distintos.

A variável *renda familiar* ou *classe social* indica o efeito da posição econômica no uso da língua, pois “a ocupação de uma pessoa está mais intimamente relacionada a seu comportamento linguístico [...] do que qualquer outra característica social” (Labov, 2008 [1972], p. 65-66). Para o autor, a classe média-baixa, que costuma não frequentar o ensino superior, tende a ter mais dificuldade com a organização hierárquica da linguagem formal do que os falantes da classe média alta, que começam a ter o contato com a linguagem formal nos últimos anos da escola. Desse modo, a renda familiar costuma estar correlacionada à variável *escolaridade*.

As variáveis extralinguísticas influenciam diretamente no uso linguístico e essa influência se relaciona com a categorização das variantes como padrão/não padrão, conservadora/inovadora e de prestígio/estigmatizada.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 97), ao citarem Bloomfield (1927), afirmam que a qualificação da fala em “boa” ou “ruim” está ligada aos artefatos das culturas letradas, pois “estilos hierarquicamente organizados são produto de processos sociais gerais”. Para os autores, sociedades em que a língua escrita é mais valorizada do que a falada, devido à sólida tradição literária, as distintas maneiras de falar se relacionam de forma mais ou menos remota com o modelo de língua escrita; e quanto maior a distância entre a fala e a escrita, maior a avaliação negativa da forma falada.

---

<sup>37</sup> De acordo com Paiva e Duarte (2013), o estudo em tempo real de longa duração apresenta alguns problemas, como, por exemplo, o uso de documentos escritos para a análise do fenômeno, já que não há registros orais de falantes nativos de séculos atrás. Para as autoras, a dificuldade está em saber se o texto escrito representa a língua usada naquela época, pois esses textos, geralmente, apresentam correções em direção à norma padrão.

A partir disso, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 61) argumentam que “a distinção entre dialetos prestigiados e desprestigiados suscitou uma nova classificação da inovação, dependendo de eles se moverem para cima ou para baixo na ‘escala de prestígio’”. Em geral, a forma “considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade” (Tarallo, 2003, p. 12). Essa variante é utilizada por uma comunidade de fala que possui prestígio social e teve acesso a uma alta escolarização. A forma não padrão geralmente é usada por falantes que vivem à margem da sociedade e com menor acesso ao ensino de qualidade. Nesse sentido, seria, ao mesmo tempo, não padrão, inovadora e estigmatizada socialmente.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) explicam que o conceito de heterogeneidade ordenada invalida essa divisão em forma padrão e não padrão, porque possibilita depreender um *continuum* de distinção entre as formas e apresenta mais diferenças quantitativas do que qualitativas.

A variabilidade da língua e a mudança na língua estão correlacionadas, visto que o processo de mudança linguística inclui a variação da língua. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 93) explicitam que:

Parece razoável dizer que a transferência ocorre quando o falante A aprende a forma ou regra usada pelo falante B, e que a regra então coexiste na competência linguística de A junto com sua forma ou regra anterior. A mudança então ocorre dentro de um complexo repertório linguístico de A: um tipo é o desfavorecimento gradual da forma original em prol da nova, de modo que ela assume o status de “arcaica” ou “obsoleta”.

Em outras palavras, a mudança acontece quando o falante aprende uma forma alternativa, que durante um determinado período coexiste na sua competência com a outra forma, e a forma usada anteriormente deixa de ser utilizada. Com base nisso, os autores afirmam que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975], p. 126). É importante destacar, como demonstram os estudiosos, que a mudança linguística não deve ser classificada como secundária em relação à variação, mas como um processo natural da língua tal qual a variabilidade.

A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume caráter de uma diferenciação ordenada (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975], p. 125).

Assim como a variação, a mudança não é “caótica” e irregular, pois a língua continua estruturada durante a mudança linguística. Porém, como mencionado, nem toda variação resulta em mudança, porque há restrições que impossibilitam a sua ocorrência, além de que também há restrições quanto à possibilidade de fatores condicionantes. “No entanto, a maioria dos linguistas reconhece a evidência que demonstra que a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975], p. 87).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), há cinco problemas a serem resolvidos para um estudo sobre mudança linguística:

- (i) O problema dos *fatores condicionantes*, que dizem respeito às condições possíveis para mudanças que podem ocorrer em determinada estrutura linguística;
- (ii) O problema da *transição*, que analisa estágios intervenientes entre duas formas linguísticas em épocas diferentes, em uma mesma comunidade de fala;
- (iii) O problema do *encaixamento*, dividido entre encaixamento na estrutura linguística e na estrutura social, relativo à associação concomitante de determinadas mudanças a outras;
- (iv) O problema da *avaliação*, referente aos correlatos subjetivos de estruturas linguísticas heterogêneas;
- (v) O problema da *implementação*, correspondente à busca pela justificativa de determinada mudança linguística ocorrer em uma dada língua e em uma dada época.

Segundo Scherre (1996), a abordagem quantitativa na sociolinguística adota uma metodologia que implica na análise matemática dos dados. Isso acaba sendo importante devido ao amplo estudo dos fenômenos linguísticos, que incluem tanto os aspectos estruturais como os aspectos sociais, aumentando significativamente o número de variáveis independentes e fatores que podem influenciar a manifestação do fenômeno em estudo em relação a uma variável dependente específica. Já a

interpretação linguística dos resultados fica a cargo do pesquisador, que dispõe de um pacote de programas computacionais como ferramenta de trabalho para realizar os cálculos matemáticos dos dados.

Passa-se, no próximo capítulo, à apresentação do material e dos procedimentos metodológicos utilizados durante a condução desta pesquisa.

## 2. MATERIAIS E METODOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar o *cópus* e os aspectos metodológicos utilizados nesta pesquisa e está estruturado da seguinte forma: *(i)* inicialmente, há informações acerca das características históricas, geográficas e socioeconômicas da comunidade de fala analisada (seção 2.1); *(ii)* em seguida, discorre-se sobre a constituição do banco de dados IBORUNA (seção 2.2); *(iii)* posteriormente, são apresentadas as variáveis consideradas neste trabalho (seção 2.3); e *(iv)* são descritos os passos metodológicos realizados.

### 2.1 A COMUNIDADE DE FALA

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),<sup>38</sup> o Brasil possui uma extensão territorial de 8.510.295,914 km<sup>2</sup>, sendo o 5º país no *ranking* dos mais extensos no mundo. Como resultado de fatores históricos e geográficos, o território brasileiro conta com uma enorme pluralidade geográfica, econômica, cultural e linguística. Buscando contribuir para a caracterização dessa pluralidade linguística, esta pesquisa analisa o comportamento da vogal átona inicial em sílaba de estrutura **V** na região administrativa de São José do Rio Preto (doravante, SJRP).

No ano de 1840, devido ao desbravamento e ocupação territorial, mineiros chegaram à região que estava despovoada e iniciaram a exploração agrícola e a criação de animais (Francisco, 2011). Como exposto no *site* Diário da Região,<sup>39</sup> em 1850, vindo de Minas Gerais, chegou na região o mineiro João Bernardino de Seixas Ribeiro e sua família para se estabelecer nas terras doadas por Luiz Antônio da Silveira e Antônio Carvalho da Silva ao seu santo São José, deixando as terras em posse da Igreja Católica. No dia 19 de março de 1852, João Ribeiro encaminhou para a Câmara Municipal de Araraquara uma carta solicitando a criação de um Distrito da Paz e, com base nisso, essa se tornou a data oficial da fundação de Rio Preto, posteriormente chamada de São José do Rio Preto. Em 1879, surgiram os primeiros cafezais na região que inaugura o período de produção cafeeira em Rio Preto.

---

<sup>38</sup> Informações retidas do *site* do IBGE. Disponível em: [cnae.ibge.gov.br](http://cnae.ibge.gov.br). Acesso em: 12 ago. 2022.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.diariodaregiao.com.br/historia-rio-preto-1.159405>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Concomitante a isso, chegaram os primeiros imigrantes italianos para se estabelecerem em Rio Preto e substituir a mão de obra escrava.

Rio Preto se desmembrou de Jaboticabal e se constituiu como município no dia 19 de julho de 1894. Como município, passou a ser chamado de São José do Rio Preto, resultado da junção do nome do padroeiro da cidade (São José) com o nome do rio que corta a região (Rio Preto). Esse nome volta a ser utilizado na forma reduzida, Rio Preto, entre os anos de 1906 e 1945, como é evidenciado no *site* da prefeitura de São José do Rio Preto.

De acordo com o *site* Diário da Região, os espanhóis chegaram no município em 1898 e, em 1908, é registrada a primeira plantação de algodão. Francisco (2011) argumenta que a cidade se estabeleceu como uma localidade estratégica na antiga Estrada Geral usada para interligar as províncias do Império. “Apesar de precária, essa rota era bastante conhecida, e a cidade passou a constituir-se num ponto de parada para os tropeiros, antes de adentrar o sertão bravo” (Francisco, 2011, p. 120). Outro marco importante, para a autora, é a implantação da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) em 1912, gerando um avanço no desenvolvimento e caracterização de São José do Rio Preto, tornando-a um empório comercial relevante da região por mais de 20 anos. No mesmo ano, conforme o *site* citado, o município recebeu os primeiros japoneses, sírio-libaneses e Rio Preto passa a ter uma população de oito mil habitantes.

Francisco (2011) explica a instituição de São José do Rio Preto como polo regional por meio da ampliação da rede urbana entre os anos de 1937 e 1956. Desde sua constituição como município, São José do Rio Preto apresentou diversos distritos que se desmembraram com o tempo e se estabeleceram como municípios. Neste trabalho, é tratado sobre os municípios de Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto, regiões onde residem os informantes cujas entrevistas constituem o banco de dados utilizado nesta pesquisa.



Em relação ao Índice Paulista de Responsabilidade Social (IPRS), publicado em 2016, foi constatado que, dos 96 municípios da região administrativa de São José do Rio Preto, 12 cidades pertencem ao grupo 1, com bons indicadores de riqueza, longevidade e escolaridade. Outros 7 municípios estão classificados no grupo 2, com alta riqueza e indicadores sociais insatisfatórios. O grupo 3 contém 57 cidades, qualificadas com baixa riqueza e bons indicadores sociais. Com 17 municípios, o grupo 4 é caracterizado por baixa riqueza e apenas um dos indicadores sociais considerado satisfatório. Por fim, no grupo 5, estão apenas duas cidades com os três indicadores insatisfatórios.

Feita a exposição das características históricas e socioeconômicas da região analisada, passa-se, agora, à apresentação do banco de dados utilizado nesta pesquisa.

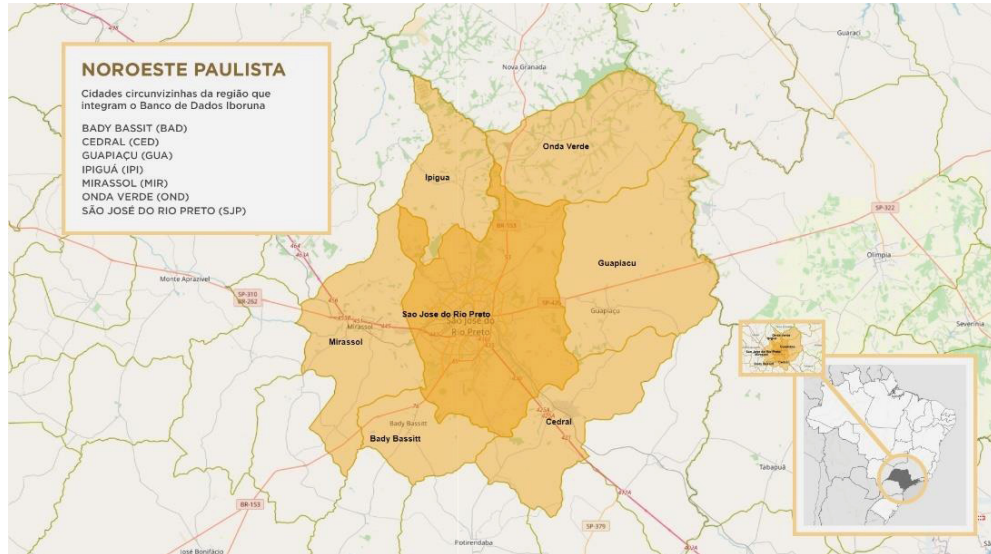
## 2.2 O BANCO DE DADOS

As entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram extraídas do banco de dados IBORUNA<sup>41</sup> (Gonçalves, 2019 [2007]), resultado do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista - ALIP (Proc. FAPESP 03/08058-6), sediado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de São José do Rio Preto. Constituído entre 2004 e 2007, sob a coordenação do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves (Ibilce/Unesp), o IBORUNA conta com amostras de fala espontânea de informantes de sete dos 96 municípios que compõem a região administrativa de São José do Rio Preto: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiruá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. O mapa a seguir mostra a localização desses municípios na região administrativa considerada.

**Figura 12** - Mapa dos municípios que compõem o IBORUNA

---

<sup>41</sup> Segundo Gonçalves (2019), *iboruna* significa *rio preto* em Tupi-guarani.



Fonte: Site do projeto ALIP<sup>42</sup>

O banco de dados IBORUNA é composto por dois tipos de amostras: (i) *Amostra Comunidade (ou Censo – AC)*, com base nos princípios da Sociolinguística; e (ii) *Amostra Interação Dialógica (AI)*, sem estratificação social.<sup>43</sup> Na primeira categoria, foram coletadas amostras de fala espontânea por meio de cinco tipos de relatos:

(i) *narrativa de experiência pessoal*, envolvendo relatos de fato pessoal alegre ou triste; (ii) *narrativa recontada*, com reprodução de fato alegre ou triste ocorrido com outrem, sem envolvimento do informante; (iii) *texto descritivo*, baseado em descrição de local; (iv) *relato de procedimentos*, baseado em experiências que exijam procedimentos ordenados; (v) *relato de opinião*, abordando temáticas variadas (Gonçalves, 2019, p. 287).

Por sua vez, a AI é constituída por onze amostras de conversações/diálogos, com dois a cinco informantes, em contextos sociais livres. Gonçalves (2019) afirma que a AI é destinada às pesquisas inseridas na interface gramática/discurso, visto que essa perspectiva compreende a codificação linguística como uma “decisão que decorre de um modelo de interação verbal construído na interlocução” (Gonçalves, 2019, p. 284).

Para este estudo, são utilizadas somente as entrevistas pertencentes à AC, devido ao fato de, nela, os informantes estarem organizados a partir de sua

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www.alip.ibilce.unesp.br/projeto>. Acesso em: 11 ago. 2022.

<sup>43</sup> Outras informações estão disponíveis em: <https://www.alip.ibilce.unesp.br/projeto>. Acesso em: 11 ago. 2022.

estratificação social. A AC conta com amostras de fala espontânea de 152 informantes, estratificados socialmente da seguinte forma:

**Quadro 5-** Entrevistas que compõem a AC do banco de dados Iboruna

Renda / gênero Faixa etária / escolaridade		25+ salários mínimos		11- 24 salários mínimos		6-10 salários mínimos		5- salários mínimos	
		Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
7 a 15 anos	1º. Ciclo EF	001	002	003	004	005	006	007	008
	2º. Ciclo EF	009	010	011	012	013	014	015	016
	Ens. Médio	017	018	019	020	021	022	023	024
16-25 anos	1º. Ciclo EF	025	026	027	028	029	030	031	032
	2º. Ciclo EF	033	034	035	036	037	038	039	040
	Ens. médio	041	042	043	044	045	046	047	048
	Superior	049	050	051	052	053	054	055	056
26-35 anos	1º. Ciclo EF	057	058	059	060	061	062	063	064
	2º. Ciclo EF	065	066	067	068	069	070	071	072
	Ens. médio	073	074	075	076	077	078	079	080
	Superior	081	082	083	084	085	086	087	088
36-55 anos	1º. Ciclo EF	089	090	091	092	093	094	095	096
	2º. Ciclo EF	097	098	099	100	101	102	103	104
	Ens. médio	105	106	107	108	109	110	111	112
	Superior	113	114	115	116	117	118	119	120
55+ anos	1º. Ciclo EF	121	122	123	124	125	126	127	128
	2º. Ciclo EF	129	130	131	132	133	134	135	136
	Ens. médio	137	138	139	140	141	142	143	144
	Superior	145	146	147	148	149	150	151	152
Legenda			BAD		OND		IPI		GUA
			CED		MIR		SJP		

Fonte: Gonçalves (2019, p. 286)

Cabe salientar que no quadro 5 é possível perceber que os falantes não estão distribuídos igualmente conforme a área geográfica, cuja disposição igualitária aumentaria significativamente o tamanho da amostra. Com base nisso, Gonçalves (2019) esclarece que a distribuição dos perfis sociais se dá proporcionalmente à densidade populacional dos municípios e de maneira aleatória.<sup>44</sup>

Para a execução desta pesquisa, são analisadas as 152 entrevistas e as seguintes variáveis extralinguísticas:

<sup>44</sup> Mais informações em: “Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro” (GONÇALVES, 2019).

- (i) *Dois sexos/gêneros* (feminino ou masculino);
- (ii) *Cinco faixas etárias* (7-15 anos, 16-25 anos, 26-35 anos, 36-55 anos e acima de 55 anos);
- (iii) *Quatro escolaridades* (1.º Ciclo do Ensino Fundamental, do 1º ao 4º série; 2º Ciclo do Ensino Fundamental, do 5º ao 8º série; Ensino Médio; e Ensino Superior).

Como explica Carmo (2013), durante a constituição do banco de dados, foram encontradas dificuldades na localização de informantes com determinados perfis sociais. Uma das dificuldades seria o entrecruzamento das variáveis *renda familiar* e *escolaridade*, “o que fez com que a Coordenação do Projeto ALIP decidisse afrouxar os fatores referentes à variável renda familiar” (Carmo, 2013, p. 112-113). Devido a esse afrouxamento, apesar da consideração de quatro informantes para cada perfil social, a variável *renda familiar* não será considerada neste estudo.

A partir do banco de dados IBORUNA, foram realizadas pesquisas que contribuíram para a descrição do PB em sua variedade paulista. Dentre elas, destacam-se os trabalhos de Pavezi, Tenani e Gonçalves (2012), Silveira (2008), Carmo e Tenani (2013) e Carmo (2009, 2013, 2019), que abordaram o alçamento vocálico das vogais médias pretônicas, e de Carmo e Taborda (2019) sobre o apagamento do /R/ em coda. Esses fenômenos citados ocorrem na variedade estudada e apresentam relação com vogal átona inicial.

### 2.3 AS VARIÁVEIS

Nesta seção, são apresentadas as variáveis dependentes e independentes analisadas nesta pesquisa. Como primeira variável dependente, tem-se a aférese ou apagamento da vogal átona inicial em sílabas compostas apenas por vogal; e como segunda, tem-se a prótese ou o acréscimo da vogal átona em início de palavras. Já as variáveis independentes selecionadas são detalhadas a seguir.

Acredita-se que as sílabas, em posições fracas, tendam a ser suprimidas em alguns processos, como ocorre em posições pretônicas, por exemplo em *está ~ tá*, e em posições postônicas, por exemplo em *xícara ~ xícra*. Com base nisso, a variável *posição da sílaba em relação à tônica* tem como objetivo verificar se há influência da distância da sílaba em que os processos são aplicados até a sílaba tônica do vocábulo.

Quanto à variável *contexto fônico precedente*, são levados em consideração diferentes elementos, como a presença ou ausência de pausa e os segmentos que ocupam a posição de *coda* da sílaba no português. Isso ocorre porque os fenômenos estudados ocorrem em fronteiras de palavras, envolvendo segmentos como /R/, /S/, // ou vogais orais ou nasais, como em *seus amigos*. Além disso, o contexto precedente deve ser controlado para se verificar casos de sândi externo (no caso de ser uma vogal), por exemplo em *uma avenida* ~ *um[a]venida*, e de ressilabação, por exemplo em *cantar amanhã* ~ *cantaramanhã*.

Em relação ao *contexto fônico seguinte*, é analisado o contexto seguinte à vogal inicial, que pode ser uma consoante ou uma vogal. As consoantes são classificadas a partir dos pontos de articulação, a saber: *consoante coronal*, são aquelas produzidas com o ápice da língua e/ou com a parte anterior do dorso da língua, como o *t* em *atenção*; *consoante dorsal*, produzidas com a elevação da parte central ou posterior do dorso da língua, como o *c* em *acabar*; ou *consoante labial*, em que os segmentos são produzidos com a participação dos lábios, como o *m* em *amar*. Essa variável tem por objetivo verificar se há condicionamento ou não do som seguinte na aplicação nos processos.

A variável *características articulatórias da vogal* é utilizada para averiguar que vogal sofre mais apagamento ou mais acréscimo na variedade analisada e se há influência das características articulatórias na realização desses fenômenos.

Como mencionado na seção 1.2, Gonçalves (1992) constatou que aférese e prótese são mais frequentes em verbos, seguido de adjetivos, substantivos, advérbios e preposições na variedade do Rio de Janeiro. A partir disso, a variável *classe gramatical* foi escolhida para verificar se essa variável apresenta uma diferença significativa na realização dos fenômenos e em qual classe gramatical há maior aplicação dos processos na variedade do noroeste paulista.

As classes gramaticais presentes no corpus e consideradas como variáveis são: verbos, como *acontecer*; adjetivos, por exemplo *aberto*; advérbio, como *acima*; conjunção, por exemplo o *até* em *até que enfim*; marcador discursivo, como o *agora* em *agora minha mãe e ele nunca foram de saí(r)*; pronome demonstrativo, como *aquele*; preposição, por exemplo *até*; e substantivo como *omelete*.

A variável *paradigma* tem por objetivo verificar se os vocábulos que possuem uma *forma linguística similar*, como *acabar* e *acabando*, são mais propensos a sofrer o apagamento da vogal inicial em sílabas de estrutura V.

A análise da variável *sexo/gênero* busca observar se os fenômenos estudados são mais aplicados por pessoas do *sexo/gênero* feminino ou masculino, observando se há diferença entre mulheres e homens no uso da língua. De acordo com Labov (2008 [1972], p. 282), as mulheres são mais sensíveis às formas prestigiadas e, quando comparadas aos homens do mesmo grupo socioeconômico ao qual pertencem, “se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais”.

A variável *faixa etária* é usada para apontar se os casos estudados constituem *mudança em progresso* ou *variação estável*, por meio da técnica do *tempo aparente*, que consiste em um recorte sincrônico da amostra de fala de pessoas de diferentes faixas etárias.

Por fim, *escolaridade* tem por objetivo analisar possível influência do grau de instrução do falante na escolha de determinada variante. Hora e Henrique (2015), em seu estudo sobre como as restrições sociais e estruturais podem contribuir para a construção da identidade do falante, argumentam que essa variável está relacionada ao *status* de prestígio e conservadorismo de determinadas variantes. Sendo assim, ao observar o nível de escolaridade dos informantes, é possível verificar eventuais características de uma alta escolarização e indicar se determinada variante está relacionada à baixa escolaridade. Portanto, o estudo dessa variável visa averiguar eventual influência da escolaridade na realização do apagamento ou acréscimo da vogal.

## 2.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta pesquisa, são utilizadas entrevistas pertencentes à *Amostra Censo* do banco de dados IBORUNA, apresentada anteriormente. O banco de dados conta com amostras de fala espontânea de 152 informantes estratificados com base nas variáveis extralinguísticas já expostas. Os inquéritos foram conduzidos a partir de uma metodologia sociolinguística que objetivava coletar o *vernáculo* do informante, isto é, “a língua falada em situação natural de comunicação” (Tarallo, 2003 [1986], p. 88), quando não se policia nem presta atenção ao *modo* como se fala.

Para análise dos casos de apagamento, primeiramente, foi realizado um levantamento de todas as palavras que iniciavam com vogal átona em estrutura silábica V, com o auxílio dos arquivos de transcrição ortográfica do banco de dados.

Em seguida, foi realizada a *análise de oitiva* dos arquivos sonoros para coletar todos os casos de prótese e aférese. Cabe destacar que nesta pesquisa não se conduziu *análise acústica* por meio de *softwares* específicos, como o PRAAT, pelo fato das gravações do banco de dados IBORUNA apresentarem muitos ruídos e não terem qualidade sonora suficiente para tal análise.

Durante a *análise de oitiva* foram desconsiderados os seguintes casos:

- (i) O processo de sândi externo<sup>45</sup> classificado como *elisão*, em que ocorre a junção de duas palavras afetando a vogal final da primeira palavra que se elide e a vogal inicial da palavra seguinte, como em merenda escolar > merend[e]scolar. O fenômeno de *elisão* não foi considerado porque na realização deste processo a vogal que sofre o apagamento é a vogal final da primeira palavra **V1**, e a vogal inicial da palavra seguinte, **V2**, objeto de estudo deste trabalho, permanece inalterada.
- (ii) O processo de sândi externo classificado como *ditongação* (ou *sinalefa*), em que há a formação de um ditongo com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, como em Porto Alegre > Port[wa]legre. A *ditongação* foi desconsiderada por não suprimir a vogal inicial, **V2**, do segundo vocábulo.
- (iii) Casos de *você* ~ *ocê* ~ *cê*. Durante a coleta de dados, levantou-se a hipótese de ocorrências de *cê* serem considerados aféreses de *ocê*, pois há informantes que alternam entre essas duas formas, como no exemplo a seguir. Porém, optou-se por desconsiderar esses casos visto que não é possível afirmar que os falantes fizeram essa redução.

Uma hipótese considerada é a de que o informante fez a redução de *você* para *cê* e utilizou a forma *ocê* em alguns momentos porque o *cê* não pode ser usado em alguns contextos, como na posição de objeto direto, segundo Ramos (2006). Para Ramos (2006), a forma *cê* está passando por um processo de cliticização e por isso não pode ser

---

<sup>45</sup> Como mencionado na seção 1.2, *sândi interno* ocorre no interior de palavras, como em “coordenação > cordenação”, e *sândi externo* atua em fronteiras de palavras, por exemplo em “casa amarela > cas[a]marela”.

utilizada em certos contextos linguísticos. Como não há como apresentar afirmações sobre as formas de *você* presentes no IBORUNA, eles não foram considerados. Além disso, no exemplo que segue, “*de ocê*”, em “correndo atrás *de ocê*”, é realizado com o alçamento da vogal [e], em *d[e]* > *d[i]*, e sofre o processo de *ditongação*, sendo produzido como *de ocê* > *d[iw]cê*

Exemplo: “Se você corre ... quem nem na cidade não mas no sítio óh ... se você corre... o/... o barulho do teu pé aqui... parece que tem alguma coisa correndo atrás de **ocê** quanto mais **ocê** corre aqui mais a pessoa corre lá... [Doc.: hum] depende do jeito que a lua tá... tem a sombra... [Doc.: uhum] **ocê** olhô(u) de lado que **cê** viu a sombra lá” (AC-63, L.616)<sup>46</sup>.

- (iv) Um caso recorrente nas gramáticas de aférese é de *está* ~ *Øtá*. No banco de dados analisado foram encontradas ocorrências de *está* ~ *Øtá*, mas essas ocorrências não foram consideradas porque ocorre o apagamento da estrutura silábica VC e, neste trabalho, é analisada aférese em estrutura silábica V.
- (v) No cópuz analisado, não foram encontrados casos de *donde* e *adonde*. É importante destacar que os casos de *sândi* envolvendo a preposição “*de*” e a palavra “*onde*”, resultando em *de onde* > *donde*, não foram considerados por se configurarem como casos de elisão.

Após a *análise de oitiva*, procedeu-se à tabulação e codificação dos dados encontrados, seguidas da análise quantitativa, realizada com a utilização do programa estatístico *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). A partir desses procedimentos, foi conduzida a análise dos dados, a qual passa, no próximo capítulo, a ser apresentada.

---

<sup>46</sup> Os dados entre parênteses informam o número da entrevista e a linha do que foi transcrito no arquivo de transcrição ortográfica.

### 3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Foram encontradas **24.803** ocorrências iniciadas por vogais átonas orais em estrutura silábica V, na fala dos informantes que compõem o banco de dados IBORUNA. Nesses vocábulos, são encontradas palavras com as cinco vogais orais átonas preenchendo essa posição, sendo a vogal [a] com maior frequência, totalizando **20.876** casos, e a vogal [u] com menor frequência, com **363** casos, como nos exemplos abaixo.

1.a) “Inf.: história? ah essa é triste... o fim do meu casamento... ((risos)) esse foi triste porque... é embora a gente eu casei já gostando *apaixonada* por ele... no intuito de... querer ter o filho em si...” (AC-26,L.50)

1.b) “[...] esses livros infantis eles ficam a disposição dos alunos... em todas as salas possui... auto-falante... onde se o professor quiser *utilizar* o som ambiente ele pode tá *utilizando* se ele não quiser ele desliga o... auto-falante num tem barulho nenhum na sala de aula [...]” (AC-88, L.333)

No que se refere às outras vogais, foram encontrados **1.021** casos iniciados com a vogal [o], exemplificado em 1.c. As vogais [e] e [i] presentes em início de vocábulo contabilizaram um número semelhante de casos, com **1.262** e **1.281**, respectivamente. Esse resultado pode estar relacionado à alta frequência de uma mesma palavra e ao processo de alçamento vocálico.

1.c) “[...] já pensou se ele realmente fosse muito amigo eu acho que ele ia a *obrigação* dele era chegar [...]” (AC-46, L. 185)

Ao analisar o alçamento vocálico das vogais pretônicas iniciais utilizando o banco de dados IBORUNA, Carmo (2019) apresenta como resultado para o alçamento da vogal [e] em início de palavras a frequência de 76,8% e peso relativo (doravante, PR) de 0.715, por exemplo, [i]stágio e [i]xemplo (Carmo, 2019, p. 809).

Porém, a autora explica que a *estrutura silábica* formada por uma vogal + /s/ é o contexto silábico mais favorecedor para aplicação do alçamento de [e], como em [e]scola ~ [i]scola, com 99,5% de frequência e 0.881 de PR. No contexto silábico em que a sílaba inicial é composta apenas por vogal ou por vogal + /R/ não houve

favorecimento da aplicação do processo, com 17,8% de frequência e 0.007 de PR. Esse resultado pode ser mais bem visualizado a seguir:

**Tabela 3:** Resultado de Carmo (2019) para alçamento de [e] em relação à estrutura silábica

	Pretônica /e/		Pretônica /o/	
	Frequência	Peso relativo	Frequência	Peso relativo
V + V/R/ <sup>14</sup>	17,8% (107/600)	0.007	1,8% (8/449)	0.306
V/N/	79,2% (773/976)	0.518	-----	----- <sup>15</sup>
V/S/	99,5% (1449/1457)	0.881	1,4% (1/69)	0.995

Fonte: Carmo (2019, p. 811)

Nesta pesquisa, dos 1.513 casos de vocábulos iniciados pela vogal [e], **251** são de alçamento vocálico, totalizando **16,5%** dos casos, se aproximando do resultado em porcentagem de ocorrência de alçamento de [e] em sílaba inicial preenchida apenas por vogal apresentado por Carmo (2019). A seguir, são exemplificados os casos de vocábulos iniciados por [e] e [i], em 1.d e 1.e, bem como de alçamento vocálico, em 1.f.

1.d) “[...] mas eu deixo sempre um um pedacinho da panela aberto pra... pra que o arroz continue fervendo... e a água possa *evaporar*... geralmente... é essa água né? até ela *evaporar evaporar* toda e até o arroz né? [...]” (AC-88, L.508)

1.e) “[...] eu falo – “montanha?” – e nós vai descendo e nós –“ai que delícia”– e/ eu num *imaginava* né?... ai eu/ o que eu mais assim... adorei foi essa parte da serra e nós foi e/ de dia... porque de noite num dava pra ver e de dia [...]” (AC-63, L.217)

1.f) [...] porque naquele tempo num tinha num tinha quase o que tem hoje as balada de hoje boate barzinho num [*i*]xistia nada disso aquele tempo era cinema... parque... circo [...]” (AC-134, L.20)

Nos resultados de Carmo (2019), o alçamento da pretônica [o] não se mostrou um processo produtivo no cópuz analisado, com 1,7% de frequência e 0.005 de PR. Neste trabalho, dos **1.055** dados iniciados com a vogal [o], **34** são casos de alçamento vocálico, totalizando 3,2% dos casos, nas palavras [**o**]portunidade ~ [**u**]portunidade, [**o**]brigatório ~ [**u**]brigatório, [**o**]bjetivo ~ [**u**]bjetivo e [**o**]ficina ~ [**u**]ficina, como mostram os exemplos a seguir. O baixo resultado em porcentual deste trabalho em relação ao alçamento da vogal [o] vai ao encontro do resultado em porcentual apresentado por Carmo (2019).

1.g) “Inf.: ah sempre quando dá [**u**]portunidade a gente viaja... tem os... parente da minha esposa lá em Maringá... e Astorga e Tupinambá que é tudo na região do Paraná... então é um [...]” (AC-133, L.103)

1.h) “[...] de uma forma melhor... porque é com o tempo tudo é muito assim [**u**]brigatório... então hoje me parece que eles estão casando... por mais... é... por livre... e espontânea vontade [...]” (AC-150, L.422)

1.i) “[...] num é pra mim... isso pra mim num tem [**u**]bjetivo nenhum... vai refletir no meu trabalho só isso [...]” (AC-86, L.531)

1.j) “[...] então... a a frente dela era de terra... éh... aí tirava só o o muro que tinha que antes separava o lote onde meu pai trabalhava que tinha a [**u**]ficina... né?... e o resto tudo era árvores... né? [...]” (AC-120, L.252)

A comparação entre os resultados de Carmo (2019) e os dados de alçamento levantados nesta pesquisa pode ser mais bem visualizada a seguir:

**Tabela 4:** Resultados dos casos de alçamento vocálico

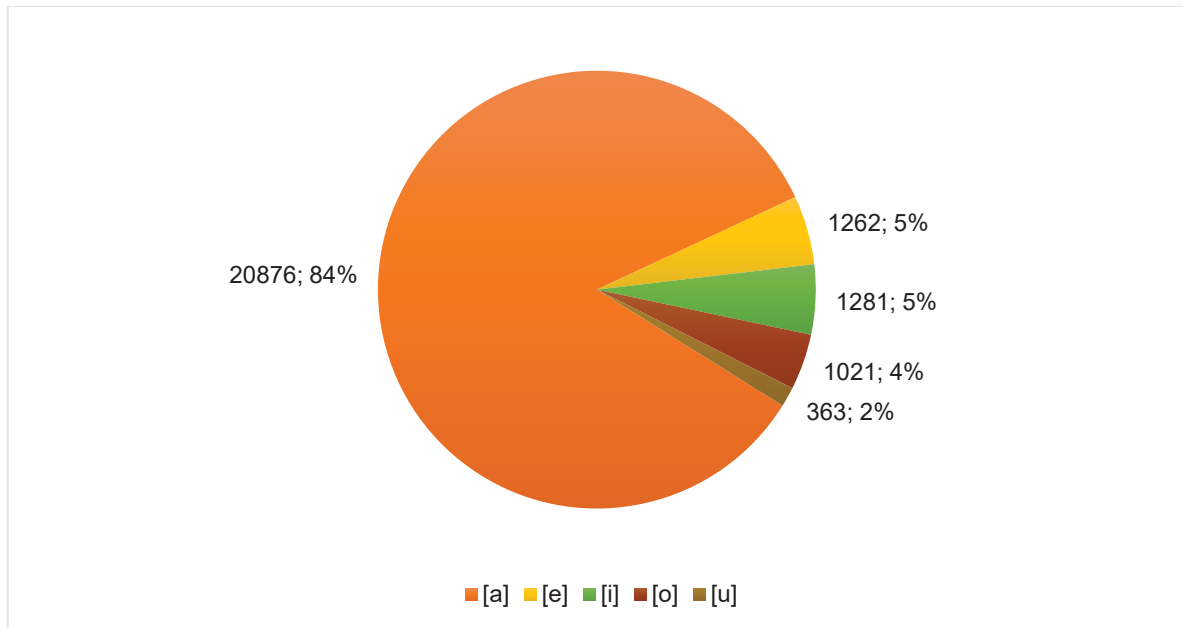
	<b>Carmo (2019)</b>	<b>Esta pesquisa</b>
[e]	17,8% (107/600)	16% (251/1262)
[o]	1,8% (8/449)	3,2% (34/1055)

Fonte: Elaboração própria.

É importante salientar que, ao fazer a distribuição das ocorrências conforme a vogal inicial, os dados de alçamento de [e] e [o] foram contabilizados como casos de [i] e [u], uma vez que, para realização deste trabalho, considera-se a variante que o falante usa e não a variante padrão esperada, influenciando diretamente os resultados da *variável características articulatórias da vogal*.

A partir dessas informações, a distribuição dos dados conforme a vogal inicial está organizada da seguinte forma:

**Gráfico 1-** Distribuição dos dados por vogal.



Fonte: Elaboração própria.

Após o levantamento da distribuição dos dados por vogal, no quadro 6 é sistematizado o número de palavras encontradas para cada vogal, sendo possível observar a relação entre o número de casos e o número de palavras por vogal levantados no corpus.

Quadro 6- Distribuição do número de casos e palavras por vogal

Vogal	Nº de casos	Nº de palavras	Exemplo
[a]	20876	664	acabar, aquele, adoção, até etc.
[e]	1262	154	existir, educação, exemplo, efeito etc.
[i]	1281	127	igual, idade, imaginar, ilusão etc.
[o]	1021	106	obrigado, observar, ocorrer, olhar etc.
[u]	362	46	utilizar, universidade, unir, usar etc.

Fonte: elaboração própria.

Esses casos estão divididos em oito classes gramaticais, sendo elas: adjetivo, advérbio, conjunção, marcador discursivo, pronome demonstrativo, preposição, substantivo e verbo. No quadro 7, são exemplificados os casos levantados para cada classe gramatical.

Quadro 7- Relação das classes gramaticais

Classe gramatical	Palavras
-------------------	----------

Adjetivo	abafado, aberto, animado, unido etc.
Advérbio	aqui, acima, afinal, além, aliás, apesar etc.
Conjunção	agora e até
Marcador discursivo	acabar e agora
Pronome demonstrativo	aquele(a) e aquilo
Preposição	até
Substantivo	abacate, oração, omelete, idade etc.
Verbo	acabar, acontecer, existir, imaginar etc.

Fonte: elaboração própria.

É importante discorrer sobre os marcadores discursivos, que também são conhecidos como marcadores conversacionais, operadores argumentativos ou articuladores textuais. Conforme apontado por Freitag (2007), essa classe engloba construções linguísticas que desempenham um papel tanto no nível textual, estabelecendo conexões coesivas entre diferentes partes do texto, quanto no nível interpessoal, mantendo a interação entre o falante e o ouvinte, ao mesmo tempo em que auxilia no planejamento da fala. A autora explica que essa categoria é parte da gramática internalizada pelo falante, mas não é considerada na gramática normativa, o que pode resultar em um certo estigma associado a ela.

Por não existirem nas gramáticas normativas como uma categoria, os marcadores discursivos são estruturas às margens da língua, sendo alvo de estigma e de restrição de uso. Porém, não deixam de ser usados por causa deste estigma, dada a sua motivação funcional (Freitag, 2007, p. 33).

No entanto, de acordo com as observações de Freitag (2007), embora haja um estigma social associado ao uso de marcadores discursivos em contextos mais formais, existem evidências de que tais estruturas já estejam incorporadas à norma padrão da língua portuguesa.

Para Lins (2007), denomina-se marcador discursivo o elemento que desempenha funções predominantemente relacionadas à orientação da interação, no contexto do processo de discursivização. O pesquisador argumenta que esses elementos são utilizados pelos interlocutores com o propósito de confirmar a recepção das informações transmitidas. Tais marcadores são empregados pelos falantes para estruturar a linearidade do discurso, enquanto os ouvintes os utilizam para indicar que estão acompanhando as informações transmitidas.

Duque (2009) esclarece que a eliminação do marcador discursivo não acarreta impacto negativo no nível sintático. “No entanto, ao excluí-lo, a informação sobre a orientação que o falante dá ao seu discurso e sobre a administração do tópico se perde” (Duque, 2009, p. 11).

Os dos marcadores discursivos levantados nesta pesquisa são casos com os vocábulos: **agora** e **acabar**, como, por exemplo, em:

“[...] ele é responsável ele responde pelo crime ele vai preso vai mesmo pronto **acabôu**... e aqui não aqui dezoito an/ hoje um bandido de de maior de idade [...]” (AC-71, L.78)

Inf.: **agora** minha mãe e ele nunca foi de sair sempre fica em casa minha mãe num gosta de sair... ela gosta de sair ver... e quando ela pede [...]” (AC-15, L.184)

De acordo com Lins (2007), o advérbio *agora* é classificado como um dêitico temporal, desempenhando a função de situar eventos em um determinado período de tempo. Sendo assim, sua função primordial consiste em criar um efeito de ordenação temporal, “mas esse elemento pode causar impacto no interior de um enunciado, não se limitando apenas a indicar um processo de tempo” (Lins, 2007, p. 141).

Como explica o autor, há casos em que o *agora* assume diferentes valores que vão além de seu significado temporal, podendo adquirir duas novas funções: (i) pode ser utilizado para integrar argumentos a favor do que está sendo dito, semelhante ao uso da conjunção *mas*, “o que leva à consideração de que, nesse caso, *agora* é um marcador juntivo” (Lins, 2007, p. 142); e (ii) pode ser usado com um valor discursivo, atuando na organização do discurso ao introduzir um tópico e orientar o ouvinte em relação ao assunto abordado.

Duque (2009) menciona que o termo *agora* tem origem na reanálise da expressão latina *hac hora*, que tinha o significado de (n)esta hora. Essa expressão, originalmente uma locução ablativa, acabou substituindo o advérbio temporal *nunc*.

Para o pesquisador, o uso juntivo do *agora* está inserido em um contexto de oposição, o qual pode ser indicado por outros elementos, tais como a clivagem, o emprego de condicionais, a polaridade entre as duas orações e a coocorrência de palavras com sentidos distintos. A presença do advérbio *agora* em uma sequência textual, acompanhado dessas características e quando posicionado no início, possibilita sua reinterpretação como um elemento juntivo associado à noção de contraste. Ao incidir em orações que envolvem elementos contrastantes, o item adquire, portanto, uma função juntiva que sinaliza contraste ou concessão.

No que se refere ao uso como marcador discursivo, Duque (2009) mostra que a transferência de funções desse elemento ocorreu principalmente devido à presença de ocorrências ambíguas. Nessas situações, o termo *agora* podia ser interpretado tanto como um marcador juntivo, estabelecendo conexões entre orações, quanto como um elemento discursivo, contribuindo para a organização do tópico discursivo. Essa ambiguidade frequentemente resultava na quebra de expectativas e na introdução de ressalvas.

Em relação aos usos de *acabar*, Travaglia (2004), que discute o processo de gramaticalização de *acabar*, argumenta que o verbo está em processo de gramaticalização em mais de uma direção. O autor observa que há sete valores lexicais atribuídos ao item, sendo eles: (i) verbo de ligação, com sentido de vir a ser, ter um estado ou condição resultante, apresentando uma ideia de resultado; (ii) verbo auxiliar marcador de tempo e aspecto; (iii) semi-auxiliar ou auxiliar semântico indicador de resultatividade; (iv) ordenador textual; (v) operador argumentativo<sup>47</sup> introdutório de um situação que foi decisiva como argumento; (vi) operador argumentativo “que coloca um argumento como se a sua existência fosse maior absurdo, ou algo decididamente inesperado [...]” (Travaglia, 2004, p. 34), e (vii) operador argumentativo como finalizador de argumentação.

Como mencionado, Travaglia (2004) apresenta três valores de *acabar* como operador argumentativo encontrado em sua pesquisa. No primeiro valor, há a forma *acabar + que + oração no infinitivo*, em que, nessas circunstâncias, o *agora* desempenha a função de introduzir uma situação que se revelou crucial como argumento para algo. No segundo valor, há “a forma ‘quando acaba’, que o dicionário considera um brasileirismo popular, significando ‘além de tudo, além do mais, ainda por cima’” (Travaglia, 2004, p. 51). Trata-se de um operador argumentativo que expressa um argumento como se sua existência fosse um absurdo, ou algo inesperado. Por fim, no terceiro valor, o *acabar* significa “é isso”, “é só”, “e fim” e “pronto”, sendo um finalizador de argumentação, “significando aproximadamente: e não tenho mais argumentos, isto é suficiente.” (Travaglia, 2004, p. 53).

### 3.1 CASOS ESPECIAIS

---

<sup>47</sup> Também denominados *marcadores discursivos*.

Após a exposição de algumas características do conjunto de dados levantados para esta análise, faz-se necessário apresentar algumas considerações sobre as palavras *aonde/onde*, *abaixar/baixar* e *avó/avô* presentes no *cópus*.

### 3.1.1 *Aonde e onde*

Em relação às palavras *aonde* e *onde*, foi levada em consideração a definição apresentada pelas gramáticas para o levantamento de dados, em que *onde* é descrito com valor circunstancial e especializando situações locativas estáticas, como no exemplo 2.a, enquanto o *aonde* apresenta noção de movimento, ou seja, acompanhado de verbos que indicam movimento, como mostra o exemplo 2.b.

2.a) “[...] joelheiras... é aí do lado do guarda-roupa tem uma estantinha uma prateleirinha... **onde** fica os calçados... [Doc.: uhum] aí tem um monte de calçado assim [...]” (AC-54, L.228)

2.b) “[...] se aquilo era normal bom normal não era certo?... aí eu peguei e fui... eu fui **aonde** fui lá no ambulatório do SESC pra ver se tinha algum jeito se o médico me dava remédio [...]” (AC-55, L.39)

A partir disso, para o levantamento dos vocábulos com átona inicial em que há a possibilidade de apagamento, foram coletados todos os casos de *aonde*. Para os casos de acréscimo, prótese, foram levantadas as ocorrências em que houve o uso de *aonde* nos contextos em que se esperava *onde*.

### 3.1.2 *Baixar e abaixar*

Assim como *onde* e *aonde*, a coleta e categorização dos casos de *baixar* e *abaixar* foi pautada na definição apresentada pelo dicionário Houaiss, em que *abaixar* significa: “diminuir na altura; fazer descer ou passar de um lugar, posição ou nível; assentar; descer lentamente; lançar por terra; derrubar; tornar menor ou diminuir de valor; inclinar(-se); curvar (-se); dobrar(-se) etc.”.

Por outro lado, a definição de *baixar* é: “expedir (aviso, ordem, ato, portaria etc.) aos subordinados ou autoridade ou repartição inferior; internar-se em (hospital, casa de saúde, clínica); perder influência, importância, prestígio que se tinha com outrem; transferir arquivos digitais etc.”.

A partir disso, os casos em que, pelo contexto, era esperado o uso de *abaixar*, mas foi produzido *baixar*, considerou-se como ocorrência de apagamento. O mesmo critério foi utilizado para as ocorrências de *abaixar* nos contextos em que se esperava *baixar*, considerados assim como casos de prótese.

### 3.1.3 Avó ~ vó e avô ~ vô

Em relação às ocorrências de *avó ~ vó* e *avô ~ vô*, verificou-se que os dicionários já registram essa variação, apresentando as duas formas para o mesmo significado. Com base nessa informação, optou-se por realizar um levantamento de todas as ocorrências desses vocábulos e verificar se essa variabilidade apresenta uma diferença significativa na amostra. Após esse levantamento, constatou-se a presença de **385** dados, tanto em contexto em que há pausa entre as palavras, como no exemplo 2.c, quanto nos contextos em que não há pausa, como no exemplo 2.d.

2.c) “[...] que tava pisando... no pescoço da da (pausa) **Øvó** dele daí... o vô dele pegou u/ um revólver... [...]” (AC-05, L.97)

2.d) “[...] tudo bem a gente voltou aqui na casa da **minh[a]vó** fiquei com um pouco de medo de dormir [...]” (AC-01, L.51).

Observou-se que os casos de *avó ~ vó* e *avô ~ vô* não possuem uma presença significativa no corpúsculo analisado, contabilizando apenas 2% dos dados. Além disso, como essa variabilidade já está dicionarizada, optou-se por remover esses casos da rodada estatística.

Portanto, para a análise quantitativa das ocorrências de *apagamento*, esta pesquisa utiliza um corpúsculo de **24.375** dados iniciados com vogal átona oral em estrutura silábica V.

## 3.2 PRÓTESE

O acréscimo da átona em posição inicial não se mostrou um processo produtivo no corpúsculo estudado, com apenas **43** casos encontrados, sendo 42 ocorrências com a vogal [a] e uma com a vogal [i]. Os dados de prótese ocorreram em apenas **10** vocábulos: **[i]mobiliada**, **[a]montada**, **[a]onde**, **[a]macetou**,

**[a]cimentado, [a]lembro, [a]parou, [a]juntar, [a]gabar, [a]plantado** e pode ser melhor visualizado nos exemplos abaixo.

3.a) “[...] toda [i]m**obiliada** a casa... tem bastante planta... e... tem mesa de snooker [...]” (AC-66, L.231).

O acréscimo de [i] na palavra *mobiliada* pode estar relacionada à palavra *imobiliária*. Pode ter ocorrido analogia com a palavra *imobiliária*, de maior frequência na língua portuguesa, comum em anúncios, por exemplo. Segundo o dicionário Houaiss (2001), *móvel* é um conjunto de peças posto dentro de um cômodo e foi mencionada em **1.772** por António Pereira de Figueiredo, na obra *Bíblia Sagrada*. Já a palavra *imobiliária* é a forma feminina de *imobiliário* (Houaiss, 2001, p. 1577), que teve seu registro em **1881** por Francisco Júlio Caldas, em *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*.

Houaiss (2001) indica que *móvel* vem do latim *mobilis*, com a concepção de “coisas móveis”, e tinha uma forma plural substantiva *mobilis*, com o sentido de “que se pode mover”. O dicionário aponta que *imobiliário* vem do francês *immobilier*, de *immobil*, derivado de *mobile*, que vem do latim *mobilis*.

3.b) “[...] três anos/ dois anos depois de [a]m**ontada** a loja achei que dava o/ (num) tava muito devagar falei [...]” (AC-67, L.81).

3.c) “Doc.: tem?... e como é que lá? é tudo cimentado ou é terra?  
Inf.: um pouco [a]c**imentado** um pouco de terra.” (AC-03, L.258)

3.d) “[...] e nesse nesse pedaço de duzentos metro vamos dizer assim tem mais... tem uns cento e cinquenta metro... todo [a]p**lantado**... coqueiro... em volta da da entrada dele até... até quase na casa da sede que tem lá [...]”. (AC-137, L.176)

Nos casos de [a]m**ontada**, [a]c**imentado** e [a]p**lantado** pressupõe-se que o acréscimo de [a] se deu para diferenciar as classes de palavras, diferenciando *montar* (verbo) de *montada* (substantivo), *cimento* (substantivo) de *cimentado* (adjetivo) e *plantar* (verbo) de *plantado* (adjetivo).

Além disso, também há a hipótese de que a presença do [a] seria como uma maneira de preservar a característica verbal da “ação” que há no verbo correspondente (montada/montar, cimentado/cimentar e plantado/plantar), pois “o

recurso aos prefixos *a(d)-* e *en-* para a formação de verbos já é muito intenso desde o período medieval.” (Rio-Torto, 2019, p. 590). Rio-Torto (2019), ao discorrer sobre o acréscimo e apagamento do prefixo *a(d)-* e *en-* em verbos, argumenta que uma das hipóteses para esse acréscimo é com a função de “maximizar a interpretabilidade do verbo derivado, nomeadamente quando o étimo não incluía qualquer prefixo” (Rio-Torto, 2019, p. 591).

Sendo assim, o [a] teria a função de *ênfatizar/expressar* que: (i) a loja está montada porque houve a ação realizada por uma pessoa de montar (exemplo 3.b); (ii) o local está “um pouco [a]cimentado” porque alguém fez ação de pavimentar ou revestir com cimento (exemplo 3.c); e (iii) o lugar está todo plantado, porque alguém, propositalmente, semeou uma semente naquele espaço (exemplo 3.d).

Houaiss (2001, p.57) traz a palavra *acimentar* com a etimologia *a+cimentar*, com registro no **séc. XX**, e definindo como o mesmo que *cimentar*. A palavra *cimentar* é apresentada com a etimologia *cimento + ar* e é mencionada em **1562** no dicionário de Jerónimo Cardoso.

Já para a palavra *amontar*, o dicionário citado apresentou duas definições: (i) como “dar forma ou aspecto de monte” (Houaiss, 2001, p.193), com a etimologia *a+monte+ar*, citado em **1552** por Fernão Lopes Castanheda, em *História do descobrimento e conquista da Índia*; (ii) como o mesmo que *montar*, no sentido de cavalgar, com a etimologia *a+montar*, registrado em **1320** e mencionado por Antônio Geraldo Cunha, em *Índice do vocabulário do português medieval*.

A partir dessas informações, outras hipóteses possíveis são as de que o informante utilizou a forma [a]montada por analogia ou para diferenciar do uso presente no vernáculo de algumas variedades de [a]montar, com o sentido de subir em um cavalo.

Em relação ao vocábulo [a]plantado, Houaiss (2001) explica que José Pedro Machado, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, cita documentos históricos e por meio desses documentos foi encontrado o registro do uso desse vocábulo em **1025**.

3.e) “[...] quando ele (pausa) ele apertou po/ portão fechar e e já foi e [a]macetô(u) no meio da caminhonete [...].” (AC-01, L.77).

3.f) “[...] como ele num queria que nada acontecesse com o meu com o meu primo a/ o/ ca/ o portão ele colocou o portão pra fechar e/ a/ e/ a/ e foi com a caminhonete pra tentar entrar...

a caminhonete ((riu)) **[a]macetou** por den/ por por cima e eles entraram aí eles saíram correndo [...].” (AC-01, L. 70)

3.g) “[...] com alho... cebola... é... não Alho é limão é... bem picadinho amas/ **[a]masseta** ele bem... limão óleo... só... aí você... pôs temperou tudo você ponha... meio copo de vinho Palmeira... Palmeira.” (AC-104, L.156)

Em relação às ocorrências de **[a]macetar**, há duas hipóteses para esse acréscimo conforme o uso. A primeira é referente aos casos em 3.e e 3.f em que os usos com a prótese de [a] podem ser causados por analogia à palavra *amassar*, visto que, nesses contextos, **[a]macetar** pode ser substituído pelo verbo *amassar*. Na segunda hipótese **[a]macetou**, tem-se a hipótese de que o acréscimo do [a] se deu com o objetivo de indicar movimento e força, como no exemplo 3.g.

No dicionário Houaiss (2001), não é apresentada a palavra **[a]macetar**, mas traz a concepção de *macetar* como “golpear com maceta” (Houaiss, 2001, p. 1302), datado em **1901** por Antônio Augusto Cortesão, na obra *Subsídios para um dicionário completo histórico-etimológico da língua portuguesa*.

3.h) “[...] entrada pelos dois lado de escada (pausa) o formato dele meio que de um castelo (pausa) é **[a]onde** você tomava o café da manhã [...].” (AC-75, L.192).

A prótese de [a] em **[a]onde** pode estar relacionada à distinção entre *onde* e *aonde*. Como especificado anteriormente, *onde* é descrito com valor circunstancial, especializando situações locativas estáticas, e *aonde* apresenta noção de movimento. Porém, é comum os falantes do PB não fazerem essa diferenciação, empregando as duas formas nos dois contextos.

3.i) “[...] fugiu num é detector de tensão não é... hum espera um pouquinho que eu lembro... bom... depois eu **[a]lembro**... nessa parte de subestação também a gente fazia coleta de óleo [...].” (AC-139, L.413)

3.j) “Inf.: é eu **[a]lembro** do... de um... bom isso... isso foi o do/ o doutor J.... M. que era o dono da Circular Santa Luzia... né?... e ele na época... eu entregava jornal lá ele me falava que ele tinha [...].” (AC-097, L.89)

O processo de acréscimo de [a] no vocábulo **[a]lembrar** não é incomum. Como mencionado no tópico 1.1, Almeida (2009 [1997]) traz o caso de **[a]lembrar** como exemplo de metaplasmo por prótese, em um capítulo que trata da parte da gramática

histórica relativa às transformações ou alterações nos vocábulos sem alterar o sentido.

No que se refere à motivação para esse uso, é retomada a explicação de João Ribeiro (1920 [1887]) ao argumentar que os casos de prótese em palavras iniciadas por “l” e são acrescidas de [a] é provável que seja por analogia e pela reminiscência das palavras árabes prefixadas de “al”.

Conforme mencionado na seção 1.1, em contraposição, Paula (2018), ao tratar da presença do morfema “al” em palavras de origem árabe na língua portuguesa, demonstra que, no árabe, “al” atua como artigo definido e invariável, utilizado tanto no feminino quanto no masculino. A autora destaca que o contato entre falantes do português e árabe permitiu que algumas palavras árabes fossem incorporadas ao léxico português, sem sobreposição total das línguas. Ao ser transferido para o português, o morfema “al” foi reanalisado, tornando-se parte do radical da palavra. Deixando de ser um elemento gramatical, ele passou a pertencer a categoria lexical, sem significado semântico ou funcional quando isolado do radical.

Segundo Houaiss (2001), o vocábulo *alemburar* é concebido como o mesmo que *lembrar* e tem seu registro em **1470** por Frei Domingues Vieira, em *Grande dicionario portuguez*. Houaiss (2001) registra a palavra *lembrar* como datada do **séc XIII**, de acordo com *Índice do vocabulário do português medieval*, de Antônio Geraldo da Cunha, e possui como etimologia a origem latina a forma *memorāre* > \**mem'rar* > *nembrar*, sofrendo dissimilação do [n], resultando em *lembrar*.

3.k) “[...] mas... uma pessoa sozinha é bom... é... num pega não pega duas ou três pessoas ali... um ajuda o outro aí vai... ou [**ajunta** mais gente aí a gente sempre usava a vizinhaça os parente né?...]” (AC-140, L.340)

A ocorrência de [**ajuntar**] também é presente no vernáculo de algumas variedades, sendo encontrados casos de uso no **séc XIII**, como citado por Antônio Geraldo Cunha, em *Índice do vocabulário do português medieval* (HOUAISS,2001, p.1692).

Cordeiro e Carvalho (2016), ao analisarem dados de 6 variedades mineiras de diferentes corpúsculos, apontam que o acréscimo de [a] em [**ajuntar**] e [**ajuntar**] está presente em mais de uma variedade, sendo [**ajuntar**] com ocorrência em todas as variedades analisadas. As autoras classificam o uso de [**ajuntar**] como arcaísmo, com base nos estudos lexicográficos, lexicológicos e ortográficos, como explicado na

seção 1.2 desta pesquisa. Além dos casos de [a]lembrar e [a]juntar, em seu cópulus, as pesquisadoras encontraram [a]muntar com o sentido de subir em um cavalo, diferente de [a]montar presente nos dados deste trabalho.

Rio-Torto (2019) cita [a]lembrar e [a]juntar ao trazer casos do período medieval para exemplificar a flutuação de palavras que sofreram o acréscimo e o apagamento de prefixo. Esses dois trabalhos apontados evidenciam que essas duas ocorrências de prótese estão presente no uso da língua ao longo dos séculos.

3.l) “Inf.: trabalhei treze ano no Sertanejo ali eu fiz de tudo também... num é pa... me [a]gabar eu não mas eu trabalhei... num teve onde eu num trabalhei no final [...]” (AC-063, L.24)

3.m) “[...] tava estudando e trabalhando... aí... bom... aí nisso a minha mãe teve um sonho com ela... falou assim... ela quase [a]parou mais de vim aqui em casa... e ela era gorda e ela usava uma roupa apertadinha que ninguém falava que tava grávida não [...]” (AC-140, L.130)

Quanto ao acréscimo de [a] em [a]gabar e [a]parar, supõe-se que houve para enfatizar as ações de *gabar* e *parar*. De acordo com o Houaiss (2001), *agabar* é equivalente a *gabar* e sua etimologia remonta a *a+gabar*, datando de 1562 no dicionário de Jerónimo Cardoso. Quanto à etimologia de *gabar* apresentada pelo Houaiss (2001), há controvérsias, podendo ser derivada do francês *gaber*, derivado de *gab* com origem nórdica, ou ter origem no provençal *gabar*, com registros no português a partir do século XIII, conforme mencionado por Antônio Geraldo da Cunha no *Índice do vocabulário do português medieval*. O Houaiss (2001) não menciona [a]parar, apenas *parar*, com registros desde 1130, de acordo com José Pedro Machado no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*.

Na sua gramática, Almeida (2009 [1997]) lista casos históricos de prótese e aférese, conforme evidenciado na seção 1.1. Em seu trabalho, o gramático apresenta um maior número de casos de prótese em comparação com aférese, ao contrário dos resultados encontrados nesta pesquisa, em que foi observada uma diferença significativa entre as ocorrências de prótese e aférese, sendo que aférese registrou o maior número de dados. Isso pode estar relacionada à diferença temporal das ocorrências apresentadas, visto que Almeida (2009 [1997]) traz os casos com base em um levantamento histórico e as ocorrências desta pesquisa compõem uma amostra sincrônica da língua.

### 3.3 AFÉRESE

Como exposto na seção 3, após a tabulação dos dados, para a análise quantitativa das ocorrências de *apagamento*, esta pesquisa utiliza um *cópus* de **24.375** casos iniciados com vogal átona oral em estrutura silábica V. Nesse *cópus*, houve *aférese* de vogal em 4.420, totalizando 18,1% de ocorrências.

No quadro a seguir são ilustradas as variáveis selecionadas pelo programa estatístico e a ordem de seleção.

**Quadro 8-** Variáveis selecionadas

Classe gramatical	1. <sup>a</sup>
Posição da Sílabla na Palavra	2. <sup>a</sup>
Contexto Fônico Seguinte	3. <sup>a</sup>
Faixa Etária	4. <sup>a</sup>
Contexto Fônico Precedente	5. <sup>a</sup>
Vogal	6. <sup>a</sup>
Paradigma	7. <sup>a</sup>
Sexo/gênero	Não selecionada
Escolaridade	Não selecionada

Fonte: Elaboração própria

Com o resultado dos nocautes, descrito na seção 3.5, o *cópus* passou a conter **21.083** dados iniciados por vogal átona oral e **1274** ocorrências de *apagamento*, totalizando **6%** do *cópus*.

Antes de proceder à análise dos resultados dos casos de *aférese*, faz-se necessário ressaltar a abordagem que será adotada na exposição dos mesmos. Inicialmente, uma primeira rodada no programa estatístico foi realizada para a defesa; entretanto, um dos membros da banca sugeriu a realização de uma nova rodada, com a remoção dos marcadores discursivos (doravante, MD). Essa recomendação fundamentou-se na consideração de que tais marcadores, por não constituírem uma categoria gramatical reconhecida pela gramática normativa, como exposto por Freitag (2007), Lins (2007) e Duque (2009), poderiam, eventualmente, enviesar a interpretação dos resultados. Dessa maneira, a apresentação dos resultados consistirá na apresentação de duas colunas de peso relativo: a primeira correspondente aos pesos da primeira rodada, com a inclusão dos marcadores discursivos, e a segunda à rodada subsequente, na qual tais marcadores foram excluídos.

Nas próximas subseções, são abordados os resultados quantitativos para as variáveis controladas.

### 3.3.1 Variável Classe Gramatical

A variável *classe gramatical* foi selecionada pelo programa como a mais relevante para a aplicação da aférese. Essa variável é usada para verificar se há uma diferença significativa na realização dos fenômenos e em qual classe gramatical há maior ocorrência de aplicação dos processos na variedade do interior paulista.

**Tabela 5-** Distribuição das ocorrências na variável *classe gramatical*

Classe gramatical	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada COM MDs	Classe gramatical	P.R 2. <sup>a</sup> rodada SEM MDs.
	N.º	%			
Pronome demonstrativo	300/1468	20,4%	<b>0.840</b>	Pronome demonstrativo	<b>0.847</b>
Preposição	59/582	10,1%	<b>0.838</b>	Preposição	<b>0.824</b>
Marcador discursivo	47/198	23,7%	<b>0.763</b>		
Conjunção	13/430	3%	<b>0.567</b>	Conjunção	<b>0.540</b>
Advérbio	233/7326	3,2%	<b>0.525</b>	Verbo	<b>0.523</b>
Verbo	467/4851	9,6%	<b>0.493</b>	Advérbio	<b>0.505</b>
Adjetivo	53/1333	4%	<b>0.378</b>	Adjetivo	<b>0.398</b>
Substantivo	102/4895	2,1%	<b>0.321</b>	Substantivo	<b>0.328</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Dentre as *classes gramaticais* analisadas, os *pronomes demonstrativos* se mostram mais propensos a sofrer aférese, com PR de 0.840, seguidos das *preposições*, possuindo um PR de 0.838, como exemplificado em 4.a e 4.b. Logo após, apresentando um PR de 0.763, estão os *marcadores discursivos*, como em 4.c.

4.a) “[...] a gente tem muita afinidade... sabe?... os outro também... mais é co/ mais é co P.... a gente tem por exemplo assim **Øquele** tipo de relacionamento assim... um dia num tô legal eu converso com você... sabe?” (AC-111, L.263)

4.b) “[...] interesse... que a família apóia... mas outros já num... num se preocupam... e no particular... aluno/ o aluno ele é... é... às vezes **Øté** como a classe social é um pouco mais... privilegiada [...].” (AC-116, L.285)

4.c) “[...] pegaram a estrada de terra e começaram a querer fazer rally c’o carro... **Øgora** você imagina fazendo um rally... com um Fiatinho né? [...].” (AC-079, L.73)

As conjunções e os advérbios possuem uma leve tendência para aplicação da aférese, apresentando os pesos relativos de 0.567 e 0.525, respectivamente. A seguir os exemplos de conjunção em 4.d e advérbios em 4.e.

4.d) “Inf.: aí agora você vem... na mesma direção aqui... **Øté** dá(r) certinho assim... olha como fica bonito?” (AC-098, L.226)

4.e) “[...] eu tinha mais ou menos uns sete ano de idade... eu fiz a primeira série... naquele tempo era primário **Øqui** em Rio Preto... meu pai trabalhava no Curtume Falavino [...]” (AC-139, L.06)

Por outro lado, as classes que menos favorecem o apagamento da vogal átona oral inicial são os *verbos*, com PR de 0.493, os *adjetivos* apresentando um PR de 0.378 e, por fim, os *substantivos*, possuindo um PR de 0.321.

4.f) “[...] ai hoje eu falo isso brincando porque num é assim que a gente é [Doc.: aham ((concordando))] educada né?... a minha irmã **Øtravessou** a velhinha... aí na hora de me atravessar [...]” (AC-100, L.44)

4.g) “[...] geralmente tem gente que faz geralmente tem gente que continua de quatro em quatro [Doc.:tá] de quatro em quatro dia... porque eu acho que num é **Øconselhável** parar [Doc.: uhum] de... fazê(r) de sete [...]” (AC-063, L.868)

4.h) “[...] primeiro você geralmente você pega o ovo e quebra numa vasilha separada por quê?... porque se vo/ o primeiro cê pode até por na/ na própria vasilha que você vai pôr **Ømelete** pra mexê(r) ele o ovo né?...mas a partir do segundo você tem que colocá(r) numa vasilha separada por quê? [...]” (AC-103, L. 369)

Gonçalves (1992), ao analisar a fala carioca, constatou que o apagamento em início de palavras é mais frequente em verbos: 40% dos casos; em segundo lugar estão os adjetivos, com 25%; em terceiro, substantivos, com 23%; em quarto, advérbios, com 18%; e, por fim, as preposições, com 14%.

Segundo o pesquisador, uma justificativa para esses resultados é a categorização das classes gramaticais em: (i) abertas: verbos, adjetivos e substantivos; (ii) fechadas: advérbios<sup>48</sup> e preposições. Para ele, as classes abertas são mais afetadas pelo processo devido à sua frequente expansão, ou seja, as classes abertas “são o universo infinito da língua, uma vez que vivem em permanente expansão para incorporar novas experiências” (Gonçalves, 1992, p. 69). Portanto, de acordo com os resultados encontrados pelo autor, as classes dos verbos, adjetivos e substantivos são mais propensas à aplicação dos fenômenos analisados.

Apesar dos resultados de Gonçalves (1992) serem apresentados em porcentagens, os valores percentuais obtidos neste estudo não apresentam correlação com os resultados encontrados por Gonçalves em determinadas classes

<sup>48</sup> Com exceção dos advérbios com o sufixo *-mente*.

gramaticais. Por exemplo, os vocábulos da classe das preposições ocupam a última posição em porcentagem no estudo de Gonçalves (1992), com 14%, e a primeira posição nesta pesquisa, com 10,1%, se desconsiderar na comparação entre os dois trabalhos as classes pronome demonstrativo e marcador discursivo que não são abordadas pelo autor. A seguir, há uma tabela e um quadro com os resultados de Gonçalves (1992, p. 69) e os desta pesquisa, apenas com as classes gramaticais presentes nos dois trabalhos.

**Tabela 6-** Comparativo entre os resultados de Gonçalves e desta pesquisa

Classe gramatical	Gonçalves (1992, p. 69)		Este trabalho	
	N.º	%	N.º	%
Verbo	47/117	40%	467/4851	9,6%
Adjetivo	10/40	25%	53/1333	4%
Substantivo	13/53	23%	102/4895	2,1%
Advérbio	2/11	18%	233/7326	3,2%
Preposição	1/7	14%	59/582	10,1%

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 9-** Comparativo entre os resultados de Gonçalves e desta pesquisa

Gonçalves (1992)	Este trabalho
Verbo	Preposição
Adjetivo	Verbo
Substantivo	Adjetivo
Advérbio	Advérbio
Preposição	Substantivo

Fonte: Elaboração própria

A observação de Gonçalves (1992) de que as palavras pertencentes às classes abertas são mais propensas ao apagamento não se aplica aos resultados desta pesquisa, uma vez que as classes indicadas como favoráveis pertencem às classes fechadas. Com base nisso, considerou-se a hipótese de que a frequência do item está relacionada aos resultados deste trabalho. Nas classes pronome demonstrativo, preposição e marcador discursivo, observa-se uma restrição maior no número de palavras, o que possibilita o uso repetido do mesmo item.

Huback (2013), em seu artigo intitulado *A interferência da frequência em fenômenos linguísticos*, argumenta que as palavras mais frequentes são afetadas pelos fenômenos de redução fonética.

A frequência de ocorrência faz com que alguns itens se tornem previsíveis no discurso. Por causa disso, quando são utilizados, seus segmentos não precisam ser pronunciados de forma plena para que sejam reconhecidos pelos interlocutores. Por sua vez, a frequência de ocorrência também faz com que os itens sejam pronunciados mais rapidamente. Uma consequência disso é a sobreposição e a consequente redução dos gestos articulatórios. (Huback, 2013, p.91)

Além disso, a autora explica que são armazenadas na memória todas as ocorrências de uma palavra e as formas com redução fonética se tornam mais fortes do que as formas plenas.

Após a condução da segunda rodada, na qual os marcadores discursivos foram excluídos, é possível observar uma modificação na ordem de seleção apenas nas classes de advérbio e verbo. Inicialmente, o advérbio ocupava a quinta posição na ordem de seleção, enquanto o verbo se encontrava na sexta posição. No entanto, após a realização da nova rodada, essas classes trocaram de lugar, com o verbo ocupando agora a quinta posição e o advérbio a sexta.

Essa modificação ocorreu devido à alteração no PR, em que o verbo, que inicialmente apresentava um PR de 0.493, passou a registrar um PR de 0.523, enquanto o advérbio, que anteriormente possuía um PR de 0.525, teve seu valor diminuído para 0.505. Apesar de haver essa mudança nos valores de PR, essa alteração não pode ser considerada significativa por serem valores muito próximos dos valores anteriores. No que diz respeito aos PRs dos outros elementos, constata-se que não houve uma alteração significativa entre as duas rodadas.

### 3.3.2 Variável Posição da Sílabas em Relação à tônica

A *posição da sílaba em relação à tônica* tem como objetivo verificar se há influência da distância da sílaba em que os processos são aplicados até a sílaba tônica do vocábulo, pois, como aponta Bisol (1992), há um maior número de reduções de segmentos em posições mais fracas. A seguir são apresentados os resultados dessa variável, sendo 1 quando a vogal átona está ao lado da sílaba tônica.

**Tabela 7-** Distribuição das ocorrências na variável *posição da sílaba em relação à tônica*

Posição da sílaba	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Posição da sílaba	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
3	247/2378	10,4%	0.775	3	0.769

4	15/308	4,9%	<b>0.744</b>	4	<b>0.734</b>
2	357/4112	8,7%	<b>0.720</b>	2	<b>0.706</b>
1	655/14285	4,6%	<b>0.377</b>	1	<b>0.384</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Esses resultados mostram que, nos vocábulos em que a vogal analisada está na sílaba que é a terceira antecedendo a vogal tônica, há o maior favorecimento para o apagamento dessa vogal, com PR de 0.775, como exemplificado em 5.a. Em seguida, encontram-se os casos em que o apagamento ocorre na quarta, com PR de 0.744, e na segunda sílaba anterior à tônica, possuindo um PR de 0.720, como em 5.b e 5.c, respectivamente. Por outro lado, a aplicação de aférese é desfavorecida quando a vogal átona oral inicial está ao lado da sílaba tônica, com PR de 0.377, como exemplificado em 5.d.

5.a) “[...] a gente... foi ... fui começando e fui... fui indo bem fui gostando... fiz amizade com a turma tudo... e a gente **Øcompanhou** eles muito... os campeonato eu tenho medalha tem tudo... tem medalhas que eu já ganhei já já tive no São Paulo já fui em Santos né?” (AC-097, L.211)

5.b) “[...] quatro/ quatro anos e meios atrás há cinco anos... eu tive no programa de televisão do Raul Gil... na T.V. [Doc.: ham] na Rede Record de São Paulo... e e foi um **Øcontecimento** bem marcante pra minha vida mesmo... que foi dali que eu realmente prestei atenção na minha vida [...]” (AC-035, L.06)

5.c) “[...] seguinte... eu vou cê pula cinco pé pra mim... e começa a sangrar... a hora que eu **Øcabar** os cinco pé eu vou ver quantos pé cê sangrou e vou ver ... se cê tá pegando madeira ou num tá”–... fui lá... ele sangrou cinco e eu sangrei três... ele falou [...]” (AC-063, L.346)

5.d) “Inf.: é aconteceu a a um tempo atrás faz vai fazer um ano **Øgora** esse fim de ano... que eu:: eu trabalhava com teatro né? e eu tava... tinha acabado de parar de trabalhar com teatro [...]” (AC-045, L.03)

Um caso que merece destaque são os das palavras como *ignorar*, pois os falantes fazem a epêntese da vogal [i] após a consoante [g], sendo pronunciada como *ig[i]gnorar*, *ig[i]gnorante* e *ig[i]gnorando*. Nos casos desses vocábulos presentes no corpúsculo, como no exemplo abaixo, foi considerado que, ao inserir o [i], surgiu uma nova sílaba, passando a ser contabilizado como *i.g[i].no.rar*, por exemplo.

5.e) “[...]eu decido hoje em dia minhas amizade... muitos fala que eu sou chato que eu sou... metido sou **Øg[i]gnorante** mas não... porque eu acho que num/ num é essa a realidade [...]” (AC-29, L.183)

Outro caso que merece destaque é o da palavra *administrar*. Há registros em textos antigos da palavra *administrar* como *aminestrar* e *menestar*.<sup>49</sup> Esses registros mostram o comportamento da aférese em diferentes períodos com o mesmo vocábulo. Nos registros antigos, ocorria o apagamento do segmento *d* ou *ad*, com o objetivo de eliminar o encontro consonantal e, nos casos levantados no IBORUNA, houve o apagamento da vogal inicial [a] e a epêntese de [i], sendo realizado como *administrar* > Ød[i]ministrar.

Bisol (2004) explica que a sílaba agrupa os sons em material linguístico, o pé métrico une as sílabas ritmicamente e projeta o acento da palavra, como exposto na seção 1.3.1. Com base nisso, tem-se como hipótese que vocábulos cuja vogal analisada é a terceira, quarta e segunda sílaba à esquerda da tônica são mais propensos ao apagamento devido à distância da sílaba tônica que possui a “força” da palavra, tornando-se cada vez mais fraca e mais suscetível ao apagamento. Por outro lado, o desfavorecimento da aplicação do processo nas palavras cuja vogal átona oral inicial está ao lado da sílaba tônica pode estar relacionado à força da tônica, fazendo com a sílaba ao lado não seja tão fraca quanto as sílabas que estão mais distantes.

Cabe salientar a pressuposição de que as vogais que ocupam a posição de quinta e sexta sílaba à esquerda da sílaba tônica não tiveram casos de apagamento e foram eliminadas pelo programa estatístico devido à presença do acento secundário. Coutinho (1972) explica que o acento latino de intensidade inicial colocava em evidência a primeira sílaba da palavra, recaindo sobre uma das sílabas finais o acento secundário, mas, com o passar dos séculos, o acento de intensidade inicial transforma-se no acento secundário da palavra e o acento final no acento principal. Conseqüentemente, essa influência restringe a ação de processos fonético-fonológicos como a aférese. Apoiado nisso, entende-se que o acento secundário em sílabas muito distantes da sílaba tônica intensifica o início da palavra para seja produzida completamente até chegar na sílaba tônica, que possui a força do vocábulo.

Na comparação entre os resultados obtidos na primeira rodada, que incluiu os marcadores discursivos, e na segunda rodada, na qual esses marcadores foram excluídos, observa-se que não houve alteração da ordem de seleção dos elementos desta variável. Ademais, não foram identificadas alterações significativas nos resultados de PR após a retirada dos marcadores discursivos.

---

<sup>49</sup> Conforme comunicação pessoal da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon.

### 3.3.3 Variável Contexto Fônico Seguinte

A análise da variável *contexto seguinte* considera o segmento da sílaba seguinte que está ao lado da vogal analisada, sendo as consoantes classificadas a partir dos pontos de articulação.

**Tabela 8-** Distribuição das ocorrências na variável *contexto fônico seguinte*

Contexto seguinte	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Contexto seguinte	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
Vogal	74/582	12,7%	<b>0.849</b>	Vogal	<b>0.846</b>
Dorsal	693/6068	11,4%	<b>0.586</b>	Dorsal	<b>0.587</b>
Labial	182/3533	5,2%	<b>0.479</b>	Labial	<b>0.485</b>
Coronal	325/10900	3%	<b>0.436</b>	Coronal	<b>0.435</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apontam uma maior tendência de aplicação quando o segmento da sílaba seguinte é uma vogal, com PR de 0.849. Esse resultado pode estar relacionado às características silábicas das vogais, visto que ambas ocupam a posição de núcleo da sílaba e são os elementos de maior sonoridade, como demonstrado na seção 1.3.1 deste trabalho ao apresentar a escala de sonoridade (Collischonn, 2001). Com base nessa informação, tem-se a hipótese de que a aférese é aplicada para desfazer o encontro de dois elementos de maior sonoridade. A seguir, há um exemplo de apagamento com contexto fônico seguinte preenchido por uma vogal.

6.a) “[...] eles num vem... mas quando nós... matamos um deles lá por perto do/ do/ do **Øeroporto** vixe aí ficou tudo... ouriçado... por isso isso é/ é/ é cretinice... é o que eu falo pra mulher uma coisa éh... como que fala... é cretinice [...].”(AC-147, L.401)

Em seguida estão as consoantes dorsais, produzidas com a elevação da parte central ou posterior do dorso da língua, com PR de 0.586, preenchendo a posição de contexto seguinte, como no exemplo abaixo.

6.b) “[...] a gente tem muita afinidade... sabe?... os outro também... mais é co/ mais é co P.... a gente tem por exemplo assim **Øquele** tipo de relacionamento assim... um dia num tô legal eu converso com você... sabe?” (AC-111, L.263)

Logo após, encontram-se os casos seguidos pelas consoantes labiais, com PR de 0.479, e coronais, com PR de 0.436. Esses casos tendem a desfavorecer a aplicação do processo de apagamento da vogal analisada. As ocorrências de aférese cujo contexto seguinte é uma consoante labial ou coronal estão, respectivamente, exemplificadas a seguir.

6.c) “Inf.: ah financeira... a criação dos filhos... né?... **Ø**pesar da gente se amar muito era muito difícil... então... foi bom [...].” (AC-111, L.36)

6.d) “[...] ele num pode tirar o pé do chão... ele tem que ficar a um/ a posição dele lá... em cima da linha... ele num pode **Ø**diantar... ele pode ficar da linha... lógico que ele num vai ficar do lado de dentro pa pra trás da linha [...].” (AC-119, L.265)

Ao contrastar os resultados obtidos na primeira rodada, que incorporou marcadores discursivos, com aqueles da segunda rodada, na qual tais marcadores foram eliminados, constata-se a não alteração da ordenação dos elementos desta variável. Além disso, não se verificaram mudanças substanciais nos resultados de PR após a exclusão dos marcadores discursivos.

### 3.3.4 Variável Faixa Etária

A *variável faixa etária* tem por objetivo verificar qual *faixa etária* analisada é favorável e/ou desfavorável ao apagamento da vogal e apontar se os casos estudados constituem *mudança em progresso* ou *variação estável*. O resultado da rodada estatística dessa variável estão a seguir:

**Tabela 9-** Distribuição das ocorrências na variável *faixa etária*

Faixa etária	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Faixa etária	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
36-55 anos	338/4031	8,4%	<b>0.580</b>	36-55 anos	<b>0.577</b>
26-35 anos	424/5856	7,2%	<b>0.565</b>	26-35 anos	<b>0.567</b>
+55 anos	265/4132	6,4%	<b>0.514</b>	+55 anos	<b>0.514</b>
7-15 anos	104/2637	3,9%	<b>0.442</b>	7-15 anos	<b>0.441</b>
16-25 anos	143/4427	3,2%	<b>0.365</b>	16-25 anos	<b>0.367</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Os resultados apresentados mostram que há um leve favorecimento para aplicação de aférese na faixa etária dos 36-55 anos, com PR de 0.580, seguido dos informantes com 26-35 anos, com PR de 0.565, e dos falantes com mais de 55 anos, com PR de 0.514. Essa diferença pequena entre os três grupos pode dar indícios de que os falantes dessas faixas etárias realizam o apagamento na mesma proporção.

Já as faixas etárias de 7-15 anos e 16-25 anos não se mostraram favorecedoras ao processo de aférese, com PR de 0.442 e 0.365, respectivamente. A partir disso, compreende-se que esse processo não está em *variação estável*, visto que a *variação estável* se dá quando duas variantes apresentam resultados relativamente próximos de favorecimento em diferentes grupos etários e essas duas faixas são desfavorecedoras do fenômeno, como explicam Paiva e Duarte (2013).

Devido a essa proximidade apresentada para as faixas etárias, optou-se por realizar o cruzamento dessa variável com a escolaridade, que havia sido eliminada pelo programa estatístico. A seguir, o resultado para o cruzamento desses fatores.

**Tabela 10-** Cruzamento das variáveis escolaridade e faixa etária

	1.ºCiclo do E. F		2.ºCiclo do E. F		Ensino Médio		Ensino Superior	
	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º
7-15 anos	2%	12/644	4%	54/1179	5%	34/710		
16-25 anos	3%	15/447	3%	24/853	3%	47/1684	4%	57/1308
26-35 anos	8%	92/1040	8%	123/1382	6%	65/937	6%	144/2094
36-55 anos	10%	98/617	8%	75/850	8%	129/1575	9%	66/665
+55 anos	6%	15/257	5%	32/95	9%	142/1428	5%	76/1533

Fonte: Elaboração própria

As porcentagens resultantes do cruzamento não mostraram uma disparidade significativa entre as categorias. Entretanto, pode-se observar um distanciamento entre os falantes entre 7 a 25 anos dos falantes de 26 a 55 anos no 1.º e no 2.º Ciclo do ensino fundamental. As entrevistas do IBORUNA foram coletadas entre os anos 2004 e 2007. Consequentemente, os informantes com 26 a 55 anos nasceram entre os anos de 1949 e 1981. A partir disso, sabe-se que os falantes nascidos nesse período frequentaram a escola durante a ditadura militar que ocorreu no Brasil (1964-1985) e alguns passaram pela reforma educacional de 1971, que tornou o ensino de 1.º grau obrigatório.

Portanto, tem-se a hipótese de que os falantes com 7 a 25 anos produziram menos aférese porque o acesso ao ensino se tornou mais amplo, o que possibilitou um maior contato com a linguagem formal. Diferentemente, aqueles que possuem mais de 26 anos usufruíram de um ensino mais restrito, em que poucos frequentavam a escola após concluir o ensino primário.<sup>50</sup> Cabe salientar que os informantes nascidos em 1981 estão entre aqueles que produziram mais o apagamento, mesmo tendo frequentado a escola depois da reforma, pois o processo de mudança na educação é gradual e a implementação completa e os resultados são observados anos depois.

Outra hipótese para os informantes com 16 a 25 anos produzirem menos aférese é o mercado de trabalho, visto que esse é o período prototípico de entrada no mercado de trabalho, no qual geralmente é exigido o uso da norma padrão da língua, levando as pessoas a monitorem sua fala.

Na comparação entre os resultados obtidos na primeira rodada, que incluiu os marcadores discursivos, e na segunda rodada, na qual esses marcadores foram excluídos, observa-se que não houve alteração da ordem de seleção dos elementos desta variável. Ademais, não foram identificadas alterações significativas nos resultados de PR após a retirada dos marcadores discursivos.

### 3.3.5 Variável Contexto Fônico Precedente

A variável contexto fônico precedente tem por objetivo observar a influência do contexto anterior a vogal analisada na aplicação do processo estudado. Para isso, foram considerados como contexto precedente: a pausa, a ausência da pausa e os segmentos que preenchem a posição de coda da sílaba em português, uma vez que os fenômenos estudados ocorrem em fronteira de palavras. A seguir, são apresentados os resultados para essa variável.

**Tabela 11-** Distribuição das ocorrências na variável *contexto fônico precedente*

Contexto precedente	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Contexto precedente	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
[ã]	5/49	10,2%	0.711	[ã]	0.687

<sup>50</sup> Antes da Reforma de 1971 na educação brasileira, os alunos eram submetidos a um exame de admissão ao término do ensino primário, composto pelos quatro primeiros anos do ensino fundamental atual. Aqueles que quisessem prosseguir para o ensino secundário precisavam ser aprovados nesse exame para avançarem para a próxima série.

[o]	49/675	7,3%	<b>0.655</b>	[o]	<b>0.653</b>
Pausa	369/3316	11,1%	<b>0.629</b>	Pausa	<b>0.630</b>
[e]	61/707	8,6%	<b>0.590</b>	[e]	<b>0.596</b>
[ɔ]	6/75	8%	<b>0.539</b>	[ɔ]	<b>0.567</b>
[ɛ]	47/768	6,1%	<b>0.511</b>	[ɛ]	<b>0.508</b>
[r]	13/431	3%	<b>0.482</b>	[r]	<b>0.481</b>
[i]	307/4634	6,6%	<b>0.483</b>	[i]	<b>0.480</b>
[ü]	86/1579	5,4%	<b>0.469</b>	[ü]	<b>0.472</b>
[ɨ]	46/826	5,6%	<b>0.463</b>	[u]	<b>0.468</b>
[u]	194/4445	4,4%	<b>0.463</b>	[ɨ]	<b>0.466</b>
[a]	42/1675	2,5%	<b>0.452</b>	[a]	<b>0.445</b>
[s]	49/1903	2,6%	<b>0.386</b>	[s]	<b>0.387</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Os resultados do *contexto fônico precedente* mostram que a presença da vogal nasal [ã] na última sílaba da palavra anterior à vogal analisada, como no exemplo 7.a, é um fator que tende a favorecer as ocorrências de aférese. Esse resultado pode estar relacionado ao número de ocorrências, visto que quando há um número baixo, 5 ocorrências, o programa estatístico dá um resultado “extremo”. Em seguida, estão a vogal [o], com PR de 0.655, e a pausa, com PR 0.629, como nos exemplos 7.b e 7.c, respectivamente.

7.a) “[...] ai hoje eu falo isso brincando porque num é assim que a gente é [Doc.: aham ((concordando))] educada né?... a minha *irmã Øtravessou* a velhinha... aí na hora de me atravessar [...]” (AC-100, L.44)

7.b) “[...] gente trabalhava junto e tal né?... e a gente trabalhava tanto aqui em Mirassol como... em Rio Preto... [Doc.: hum] e a gente vindo um dia de Rio Preto tal ele me pegou e propôs pra mim assim... ele pegou *chegôØ Øquele* tempo ele me tratava ou Z. daqui Z. dali tal né?... aí pego e falô(u) pra mim assim [...]” (AC-127, L.09)

7.c) “[...] e nessas as horas ficava do meu lado... que é é/ eu amadureci muito (pausa)<sup>51</sup> *Øprendi* muita coisa com essa doença que eu tive quer dizer tenho um pouco até hoje né? [...]” (AC-109, L.391)

O resultado referente à *pausa* é relevante, pois esperava-se que a vogal inicial fosse mantida nesse contexto, onde a pausa marca uma interrupção no ritmo do enunciado e o início de um novo. Foi observado que a maioria dos casos de *pausa* são no meio do enunciado – geralmente representando o momento de reflexão e/ou

<sup>51</sup> Neste caso, optou-se por marcar a pausa com (*pausa*) ou invés de usar as reticências para dar ênfase nesse fator.

reformulação do que já foi dito e/ou do que pretende dizer – e não em inícios absolutos. A partir disso, compreende-se que o falante está mais concentrado no conteúdo do seu dizer, ou seja, não está monitorando a sua fala. Portanto, parte-se da hipótese de que as características do vocábulo que sofre aférese são mais relevantes, visto que a classe gramatical foi a variável selecionada pelo programa estatístico como a mais favorecedora do processo.

Logo após, estão os casos em que o [e] e o [ɔ] ocupam a posição que precede a vogal átona oral inicial, com PR de 0.590 e 0.539, respectivamente. Em seguida, está o [ɛ] como contexto precedente, com um leve favorecimento para aplicação do apagamento, com 0.511 de PR. A seguir, estão os exemplos de aférese com [e], exemplo 7.d, com [ɔ], exemplo 7.e, e com [ɛ], exemplo 7.f.

7.d) “[...] e alguém falando pra mim... aí eu tive um monte de coisa sabe?... vai aprendendo... a primeira vez foi um choque *cê Ømagina?*... eu com um altar cheio de imagem [...]” (AC-106, L.229)

7.e) “Inf.: não... nu/ num chegaram a relar a mão *só Ømarraram* mesmo... e eles/ como eles num reagiram (eles) falô(u) assim [...]” (AC-067, L.122)

7.f) “[...] geralmente tem gente que faz geralmente tem gente que continua de quatro em quatro [Doc.:tá] de quatro em quatro dia... porque eu acho que num *é Øconselhável* parar [Doc.: uhum] de... fazê(r) de sete [...]” (AC-063, L.868)

O segmento [r] está entre os casos que desfavorecem a aplicação do processo de aférese, com PR 0.482, como exemplificado em 7.g. É importante destacar que o resultado referente ao rótico — realizado como uma retroflexa não muito intensa, o chamado *erre caipira* [r] — sofre influência do processo fonético-fonológico de apagamento do [r] em posição de coda, fenômeno comum principalmente em verbos na variedade estudada, como demonstram Carmo e Taborda (2019).

Em seus resultados, as autoras constataram uma taxa de 52,2% de apagamento no cópuz analisado. Em relação à classe gramatical, elas verificaram que os verbos são mais suscetíveis ao apagamento do *rótico* nessa posição do que os não verbos: com um resultado de 91,6%, com PR 0.922, de apagamento em verbos; e 1,6%, com PR 0.040, para não verbos. A partir disso, em razão da taxa de apagamento do *rótico*, os *contextos precedentes* da vogal átona inicial analisada nesta pesquisa passam a ser as vogais.

7.g) “[...] primeiro você geralmente você pega o ovo e quebra numa vasilha separada por quê?... porque se vo/ o primeiro cê pode até por na/ na própria vasilha que você vai pôr **Ømelete** pra mexê(r) ele o ovo né?...mas a partir do segundo você tem que colocá(r) numa vasilha separada por quê? [...]” (AC-103, L. 369)

A seguir, dentre os *contextos fônicos precedentes* que desfavorecem a aplicação do apagamento, estão os vocábulos terminados com a vogal [i], por exemplo em 7.h, com PR de 0.483.

7.h) “[...] final de semana é pra ele poder estudar... pra pra... fazer as prova... na na semana seguinte<sup>52</sup> **Øqui** na faculdade né?... e ele/ só reconheceram esse aluno... através dessa caixa de lâmina... né?” (AC-101, L.80)

As vogais [ũ], [ĩ] e [u] também são tidas como contextos precedentes que não favorecem a aplicação do fenômeno, apresentando como resultado PR bem próximos: (i) a vogal [ũ] com PR de 0.469, exemplificado em 7.i; (ii) [ĩ] com PR de 0.466, por exemplo em 7.j; e (iii) [u] com PR de 0.463, como em 7.k:

7.i) “[...] quer dizer foi muito repentina eu fiquei devendo pra [Doc.: hum] bastante gente as pessoas vinham me cobrar e ninguém entendia o que eu tava passando... a situação minha que eu **num Øguentava** parar em pé... o que eu tava vivendo então eu peguei um um [...]” (AC-109, L.343)

7.j) “[...] a gente tem muita afinidade... sabe?... os outro também... mais é co/ mais é co P.... a gente tem por exemplo **assim Øquele** tipo de relacionamento assim... um dia num tô legal eu converso com você... sabe?” (AC-111, L.263)

7.k) “[...] filho outro dia falou assim –“ mãe... se você num tomar cuidado qualquer dia a casa cai... porque toda semana cê lava essa casa toda semana cê lava essa casa né?”–... então eu **ach[u] Øté** engraçado porque eles fala assim –“a V. pra cozinhar num serve mas pra limpar uma casa... ela gosta muito”– ((risos)).” (AC-112, L.255)

As ocorrências com contexto precedente [a], exemplificado em 7.l, obtiveram o PR de 0.452. Por fim, estão os casos precedidos pela sibilante [s], como em 7.m, classificado como o contexto precedente que mais desfavorece o apagamento de vogal oral átona inicial, com o PR de 0.386.

7.l) “[...] cabeça... aí ele ergueu a cabeça... aí eu falei assim... – “você não quer dar um abraço em mim?” – falei assim – “olha só o meu tamanho **já Ømaginou** o abraço que cê ia ganhar” – aí eu fiquei assim sabe assim xeretando ele [...]” (AC-86, L.909)

7.m) “[...] interesse... que a família apóia... mas outros já num... num se preocupam... e no particular... aluno/ o aluno ele é... é... às vezes **Øté** como a classe social é um pouco mais... privilegiada [...]” (AC-116, L.285)

---

<sup>52</sup> Pronunciado como [i].

Esse resultado, indicando as vogais [ã], [o], [e], [ɔ] e [ɛ] como contextos fônicos precedentes favorecedores para aplicação do fenômeno de aférese, pode estar relacionado à tonicidade dessas vogais. Como mencionado na subseção 1.3.1, Mattoso Câmara Jr. (1999 [1970]) explica que, nas postônicas finais orais, há a neutralização tanto de /o/ e /u/ quanto de /e/ e /i/. Cristófaró Silva (2017) argumenta sobre a existência da possibilidade da realização de [i, e, a, o] ou [ɪ, ə, ʊ], dependendo da região do falante, na posição de postônica final. Na variedade do banco de dados IBORUNA, os falantes produzem [a], [i] e [u] na posição de postônica final oral, como afirma Arone (2010). Em relação à nasalidade, os segmentos [ẽ] e [õ] tendem a se ditongarem.

Com base nisso, os casos com as vogais [ã], [o], [e], [ɔ] e [ɛ] preenchem a posição de sílaba final sendo essas as sílabas tônicas, como, por exemplo nas palavras: *amanhã*, *irmã*, *até*, *só*, *você* e *avô*. Cabe salientar a influência do apagamento de [r] em posição de *coda* e do fenômeno de *monotongação* dos ditongos nos resultados. Quando a palavra sofre esses processos, o contexto precedente passa a ser a vogal que antecede o [r] para os casos de apagamento do rótico e a *semivogal* para os casos de monotongação. Portanto, tem-se a hipótese de que os segmentos [ã], [o], [e], [ɔ] e [ɛ] tendem a favorecer a ocorrência de aférese por preencherem a posição de sílaba tônica do vocábulo.

Após a realização da segunda rodada, na qual os marcadores discursivos foram removidos, houve uma alteração na ordem de seleção das vogais [ĩ] e [u]. Inicialmente, o [ĩ] ocupava a décima posição na ordem de seleção, ao passo que o [u] se encontrava na décima primeira posição. Contudo, após a condução da nova rodada, ocorreu uma inversão dessas posições, com o [u] agora ocupando a décima posição e o [ĩ] a décima primeira. No que se refere aos PRs, destaca-se que não houve uma mudança significativa entre as duas rodadas.

### 3.3.6 Variável Características Articulatorias da Vogal

A variável características articulatorias da vogal busca analisar qual vogal é mais frequentemente apagada e se há influência das características articulatorias na realização do fenômeno. É importante salientar que, em alguns vocábulos, as vogais átonas orais iniciais [e] e [o] sofrem o processo de alçamento vocálico, sendo produzidas como [i] e [u], como mencionado no início do capítulo 3.

**Tabela 12-** Distribuição das ocorrências na variável *características articulatórias da vogal*

Vogal	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Vogal	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
[i]	42/1170	3,6%	<b>0.541</b>	[i]	<b>0.534</b>
[a]	1171/17296	6,8%	<b>0.519</b>	[a]	<b>0.519</b>
[o]	30/1010	3%	<b>0.395</b>	[o]	<b>0.396</b>
[e]	27/1248	2,2%	<b>0.383</b>	[e]	<b>0.389</b>
[u]	4/359	1,1%	<b>0.222</b>	[u]	<b>0.221</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Como exposto na tabela 12, a vogal [i] tem uma leve tendência a sofrer o apagamento, com PR de 0.541, como exemplificado em 8.a. Em seguida, estão os vocábulos iniciados com a vogal [a], apresentando o PR de 0.519, como em 8.b. Em contraposição, estão as vogais [e], [o] e [u], que tendem a não apagar na posição analisada. A vogal [o] apresenta um apagamento, como em 8.c, com PR de 0.395 e a vogal [e] possui uma frequência de apagamento, como em 8.d, com PR 0.383. Por fim, a vogal em que o processo de aférese é menos aplicado é [u], obtendo um PR de 0.222, como, por exemplo, em 8.e.

8.a) “[...] brigar com médico [Doc.: ah] [(inint.)] –“não vai... vo/ num vai pode tirar daqui”– entende –“num vai criança”– cê **Ømagina**... há... há séculos... né?... mais de meio atrás... uma criança assistindo um parto... quer dizer o meni/ num tinha... não tinha cabeça [...]” (AC-150, L.250)

8.b) “Inf.: estudei em São Paulo... [Doc.: hum] apesar das dificuldades assim que a gente encontra... é na sala de aula por **Øpresentar** um bom trabalho... mas enfim eu num estou arrependido da decisão que tomei [...]” (AC-149, L.13)

8.c) “[... ] cheguei lá::... uma criança que eu tinha extraído um dente... de manhã... estava lá me esperando que estava com **Ømorrágia**... oito hora da noite... aí eu até ... preparar... até esterilizar... até anestesiá[...]” (AC-147, L.237)

8.d) “[...] até desmatar um pouco tirar o mato carpir... é fazer a casa pra eles poderem morar... é nessa fazenda eu já tive **Øportunidade** de ir é um lu/ era um/ porque hoje num é mais da família... é nessa... nessa fazenda ele construiu uma igreja... (AC-110, L.115)

8.e) “[...] você tá votando assim ó bom vai tirar a arma do povo e aí quem eles pegar com arma eles vão prender... pode ser verdade ou pode ser **Øtopia** né? aí aí tem que acreditar né?” (AC-45, L.356)

Em relação às características articulatórias, podemos observar nesse resultado a oposição das vogais altas [i] e [u], pois, embora sejam altas, a vogal [i]

apresentou a maior tendência de aplicação de aférese, enquanto o segmento [u] foi classificado como a vogal em que menos se aplica o apagamento. Essa observação é um indício de que apenas a altura das vogais não é um fator relevante na aplicação do processo.

A partir disso, tem-se a hipótese de que a associação das características arredondamento dos lábios e altura da língua influenciam a aplicação do processo, ao ser levado em consideração que sofrem o apagamento os segmentos que são não arredondados e ocupam posições opostas em relação à altura da língua, sendo o [i] vogal alta e o [a] vogal baixa.

Ao contrastar os resultados obtidos na primeira rodada, que incorporou marcadores discursivos, com aqueles da segunda rodada, na qual tais marcadores foram eliminados, constata-se a não alteração da ordenação dos elementos desta variável. Além disso, não se verificaram mudanças substanciais nos resultados de PR após a exclusão dos marcadores discursivos.

### 3.3.7 Variável Paradigma

A *variável paradigma* tem por objetivo observar se os vocábulos que apresentam uma *forma linguística similar* são mais propensos a sofrer o apagamento da vogal inicial em sílabas de estrutura V. Para essa variável, os vocábulos que constituem o córpus analisado foram categorizados em: (i) *iguais*: mesmo paradigma e mesmo significado (contexto de uso), como em 9.a; (ii) *semelhantes*: mesmo paradigma e significado diferente, por exemplo em 9.b; e (iii) *diferentes*: vocábulos que não possuem o mesmo paradigma de outras palavras do córpus, como em 9.c.

9.a) “[...] Paulo pra eu ir pra lá eles me davam... uma secretaria e tudo mas eu tinha que **abandonar** a família... eu via a família naquela... situação difícil [...]” (AC-151, L.319)

“[...] porque quando chegaram nesse lugar já viu que... disse que leram lá... que aquele lugar era das mães **abandonadas**... chegaram procuraram dela [...]” (AC-140, L.167)

9.b) “[...] corrigir... e eu nem posso fazer isso... né?... se eu cobrei um trabalho deles eu acho que é a minha **obrigação** ver se eles cumpriram... né?... então... é você corrigir o caderno e então de repente num lapso [...]” (AC-086, L.580)

“Inf.: tá jóia V.... **obrigada**.” (AC-096, L.453)

9.c) “[...] não tem um adolescente perfeito lógico que não... como num tem nenhum **adulto** nenhuma criança perfeita adolescente também num é... mas adolescente [...].” (AC-022, L.526)

**Tabela 13-** Distribuição das ocorrências na variável *paradigma*

Paradigma	Ocorrências		P.R 1. <sup>a</sup> rodada	Paradigma	P. 2. <sup>a</sup> rodada
	N.º	%	COM MDs		SEM MDs.
Igual	849/7819	10,9%	<b>0.565</b>	Igual	<b>0.542</b>
Diferente	347/10519	3,3%	<b>0.473</b>	Diferente	<b>0.491</b>
Semelhante	78/2745	2,8%	<b>0.416</b>	Semelhante	<b>0.414</b>
Input: 0.033				Input: 0.033	
Significância: 0.000				Significância: 0.004	

Fonte: Elaboração própria

Como apresenta a tabela 13, os vocábulos que possuem o mesmo paradigma e o mesmo significado apresentam uma leve tendência a sofrer o apagamento da vogal analisada, com PR de 0.565, como em 9.d. As palavras classificadas como paradigma diferente, ou seja, aquelas que não há um correspondente no córpus, obtiveram PR de 0.473, não sendo favoráveis para aplicação do fenômeno, por exemplo em 9.e. Por fim, as ocorrências de palavras que possuem o mesmo paradigma, mas significado diferentes possuem o PR de 0.416, sendo o grupo que mais desfavorece o apagamento de vogal átona inicial, exemplificado em 9.f.

9.d) “[...] seguinte... eu vou cê pula cinco pé pra mim... e começa a sangrar... a hora que eu **Øcabar** os cinco pé eu vou ver quantos pé cê sangrou e vou ver... se cê tá pegando madeira ou num tá [...].” (AC-063, L.346)

“Inf.: ah é sem noção... do nada depois da festa junina né?... o povo **Øcabando** a festa junina da Basílica... todo mundo sentado assim no banco da praça né? [...].” (AC-023, L.194)

9.e) “[...] pra que pegue... fique assim uma cobertura perfeita dos brancos [Doc.: uhum ((concordando))] nesse caso... **Øgora** se a pessoa quiser mudar de tom de cabelo é meio complicado... vai depender do jeito [...].” (AC-072, L.356)

9.f) “[...] e foi assim a noite toda... ele ouvindo passos... quando foi no dia seguinte... que **Ømanheceu** o dia ele foi... numa casa lá chamar um... um senhor lá pra ajudar a tirar o caminhão [...].” (AC-098, L.94)

“Inf.: né? ((risadas de outras pessoas ao fundo)) eu ainda penso em **Ømanhã** ou depois... editar mais alguma coisa eu ainda penso nisso [...].” (AC-143, L.38)

Os pesos relativos obtidos para essa variável demonstram uma leve atuação do paradigma na aplicação do processo estudado, o que possibilita considerar que algumas características relacionadas à formação da palavra, como a raiz, têm certa

relevância na ocorrência de apagamento. Além disso, os resultados opostos entre os casos que apresentam o mesmo paradigma e o mesmo significado e aqueles com o mesmo paradigma, mas significado diferente, indicam a influência do significado (contexto de uso) na aplicação do processo.

Na comparação entre os resultados obtidos na primeira rodada, que incluiu os marcadores discursivos, e na segunda rodada, na qual esses marcadores foram excluídos, observa-se que não houve alteração da ordem de seleção dos elementos desta variável. Ademais, não foram identificadas alterações significativas nos resultados de PR após a retirada dos marcadores discursivos.

### 3.5 MARCADORES DISCURSIVOS

Quanto aos marcadores discursivos, após a defesa, uma segunda rodada no programa estático foi conduzida conforme sugestão da banca. Esta recomendação fundamentou-se na consideração de que esses marcadores, por não integrarem uma categoria gramatical reconhecida pela gramática normativa, não poderiam, portanto, ser considerados como um fator na variável classe gramatical.

Segundo Freitag (2007) a categoria dos marcadores discursivos, embora integrada à gramática internalizada do falante, não existe como categoria gramatical na gramática normativa. Essa ausência normativa atribui aos marcadores discursivos um estigma. Esse estigma é, em parte, resultado da percepção de que seu emprego denota insegurança e falta de domínio do assunto. Contudo, é importante reconhecer que todo falante nativo de uma língua utiliza marcadores discursivos

Para a autora, é necessário destacar que a motivação do uso dessas estruturas é funcional. Apesar do estigma social que envolve o emprego de marcadores discursivos em contextos de maior formalidade, evidências indicam que essas estruturas já se incorporaram à norma padrão da língua portuguesa.

Como resultado da segunda rodada, na qual os MDs foram removidos, constatou-se que houve modificação na ordem de seleção de apenas dois fatores em duas variáveis:

- (i) Na variável *classe gramatical*: na primeira rodada o advérbio ocupava a quinta posição na ordem de seleção, enquanto o verbo se encontrava na sexta posição. Após a realização da nova rodada, essas classes

trocaram de lugar, com o verbo ocupando agora a quinta posição e o advérbio a sexta.

- (ii) Na variável *contexto fônico precedente*: inicialmente, o [ĩ] ocupava a décima posição na ordem de seleção, ao passo que o [u] se encontrava na décima primeira posição. Contudo, após a condução da nova rodada, ocorreu uma inversão dessas posições, com o [u] agora ocupando a décima posição e o [ĩ] a décima primeira.

No que diz respeito às outras variáveis, não houve alteração na ordenação dos elementos e não se verificaram mudanças substanciais nos resultados de PR após a exclusão dos marcadores discursivos.

Esse resultado pode dar indícios que, no processo analisado nesta pesquisa, embora os marcadores discursivos não sejam formalmente categorizados como uma classe gramatical, os marcadores discursivos parecem se comportar como uma classe gramatical, visto que a sua eliminação não interferiu na seleção dos grupos de fatores.

Cabe destacar que neste estudo foram utilizadas todas as amostras de fala do banco de dados IBORUNA, totalizando 152 entrevistas. Nessas amostras, foram coletados um número expressivo de marcadores discursivos, demonstrando que esses marcadores são utilizados pelos falantes nativos e está presente na gramática da língua, como aponta Freitag (2007).

### 3.5 NOCAUTES

Na primeira rodada com o programa *Goldvarb X*, verificou-se nocaute em duas variáveis: *contexto fônico precedente* e *posição da sílaba em relação à tônica*. Na variável *posição da sílaba em relação à tônica*, houve nocaute na *posição 6*, ou seja, quando a vogal átona oral preenche a sílaba que é a sexta antecedente à tônica, como no exemplo 10.a. No levantamento das ocorrências, foram encontrados apenas três casos classificados na posição 6, todos com o vocábulo *irresponsabilidade*, e não ocorreu o apagamento da vogal inicial em nenhum desses casos. A hipótese levantada para o não apagamento nesse vocábulo é a de que a ausência da vogal *i* mudaria a palavra de *irresponsabilidade* para *responsabilidade*, alterando o significado.

10.a) assim... minha mãe ela sempre teve dó do meu pai... por mais que essas coisa que ele faz essas... assim... *irresponsabilidade* essas maldade aí só que ela sempre teve dó... por exemplo quando ele [...] (AC-72, L.47)

Também houve nocaute na variável *contexto fônico precedente*, com 100% de aplicação de apagamento para o fator *sem pausa*. Os casos classificados como *sem pausa* são casos de fronteira de palavra envolvendo vogais iguais. Essas ocorrências são consideradas casos de *degeminação* (ou *crase*), pois, como não há pausa entre a **V1**, vogal final da palavra, e a **V2**, vogal inicial da palavra seguinte, ocorre a fusão dessas vogais iguais, como nos exemplos *er[a]té* em 10.b. e *p[a]rrumar* em 10.c.

10.b) “[...] você ia num hospital público cê era... cê *er[a]té* muito bem atendido...num era como hoje né?... é que tinha aquela tal de I.N.P.S.... né? [Doc.: aham ((concordando))] e hoje num tem mais [...]” (AC-144, L.64)

10.c) “Inf.: eu varro... quatro vezes... eu vou eu eu eu tenho duas bucha *p[a]rrumar* a cozinha... uma pa lavar copo outra pa lavar louça... eu de vez/ a bucha/ a bucha começa a coisar eu ponho na Q’boa... ah... ou se for pa fazer mal feito [...]” (AC-130, L.441)

Os casos em que **não há pausa** entre os vocábulos registraram 100% de ocorrência devido ao processo ressilabação. Como abordado na seção 1.3.1, no português, o núcleo é o “momento essencial da sílaba” (Mattoso Câmara Jr., 1969, p. 26) e é obrigatoriamente preenchido por uma vogal, classificada como o segmento de maior sonoridade. Collischonn (2001) retoma a discussão sobre a estrutura silábica do português ao dizer que é formada por um ataque (A) e uma rima (R), em que esta é dividida em núcleo (Nu) e coda (Co), sendo o núcleo a única posição que deve ser obrigatoriamente preenchida.

Segundo Bisol (1992, 1996), quando não há pausa entre a palavra terminada por vogal e a seguinte iniciada por vogal, ocorre o encontro dessas vogais, formando uma sequência **VV**. No português, após esse encontro, acontece a ressilabação, projetando novas sílabas. Havendo a ressilabação de vogais da mesma categoria, como as consideradas neste trabalho, desaparecem as diferenças fonéticas dessas vogais provenientes das diferentes posições que ocupavam e esses segmentos se fundem, como nos exemplos 10.d e 10.e. Quando a **V1** e a **V2** *perdem* suas características fonéticas e ocorre a *fusão*, não há elementos suficientes que possibilitem afirmar *se* e *qual* vogal desaparece.

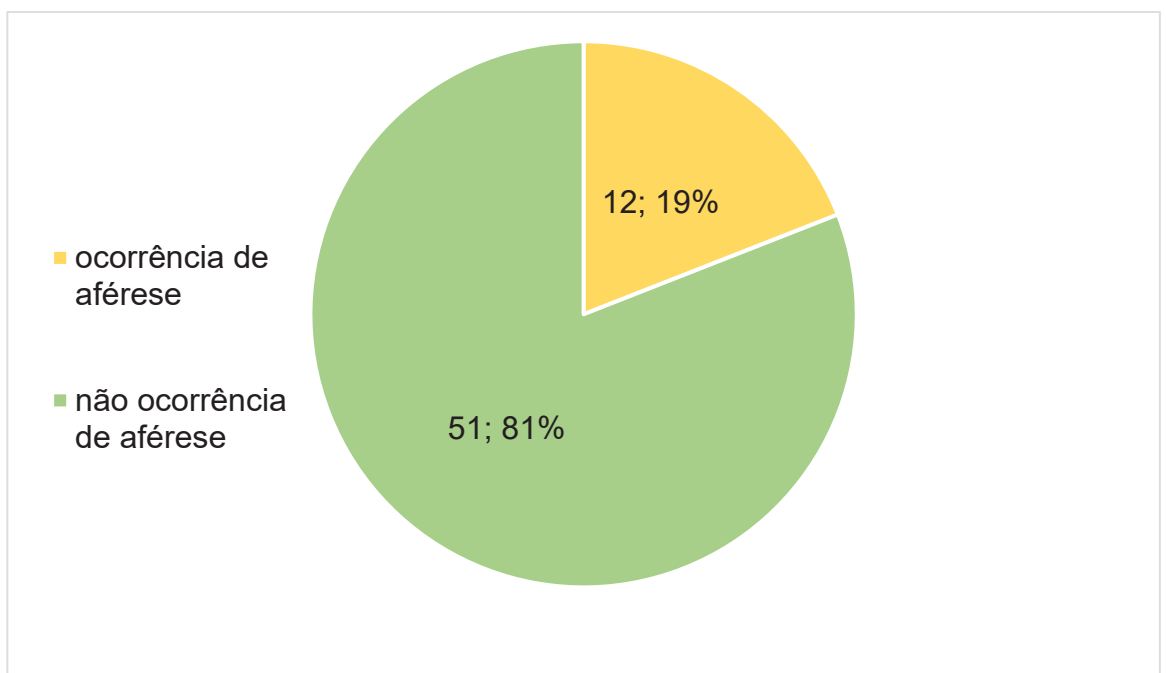
10.d) “[...] seria através também da família... porque... veja bem... é na família que o ser humano cresce... é ali que ele vai s[e]ducado... é... ali que ele vai receber todas as orientações princi/ básicas... né? pra ele se tornar uma pessoa... (AC-102, L.345)

10.e) “[...] na frente uma área no fundo temos a frente da casa com calçada... é é *um[a]venida* ((barulho de carro)) ontem tem bastante movimento passa bastante carro... de frente da minha casa há também um loteamento novo que saiu... as pessoas estão [...]” (AC-38,L.178)

No exemplo 10.d, antes da *degeminação*, há o apagamento do *rótico* em *coda*, ficando: *ser educado* > *seØ educado* > *s[e]ducado*. Nesse caso, como explica Bisol (1992), após a ressilabação, a sílaba resultante passa a estar sob o domínio acentual da palavra subsequente. Sendo assim, o vocábulo *ser* passa a integrar a palavra seguinte e a ficar sob o seu domínio acentual, em que a sílaba [ka] é portadora do acento primário e a sílaba [se] do acento secundário, resultando em [se.du'ka.du].

Após a exclusão dos nocautes citados, foi realizada uma nova rodada no programa estatístico e constatou-se um novo nocaute. Como consequência da exclusão dos casos em que o contexto precedente era o fator *sem pausa*, as 12 ocorrências de apagamento na posição 5, da variável *posição da sílaba em relação a tônica*, foram descartadas. O resultado dessa posição antes do nocaute está exemplificado no gráfico a seguir:

**Gráfico 2-** resultado da posição 5 da variável *posição da sílaba em relação à tônica*



Fonte: Elaboração própria

Com a eliminação dos dados classificados como *sem pausa*, o fator posição 5 teve como resultado 63 ocorrências em que não houve aférese, totalizando 100% de casos com vocábulos em que a vogal está na quinta sílaba antecedendo a sílaba tônica. A seguir são apresentados exemplos com vocábulos categorizados na *posição 5*. Os casos 10.f e 10.g exemplificam as ocorrências em que há *degeminação* com os vocábulos classificados nessa posição.

10.f) “[...] ocupam... a faculdade que muitas pessoas poderiam tá ocupando... então coisas que num tem *um[a]dministração* boa eu acho que... também assim por isso também de presidente não soube/ num saber administrar não ter muito conhecimento [...].” (AC-48, L.378)

10.g) “Inf: é alegre... é eu quando eu *tin[h]a]proximadamente* dezessete pra dezoito anos eu resolvi... por exemplo a a trabalhar por conta... não ser mais funcionário de ninguém... e muitas pessoas foram contra essa minha idéia [...].” (AC-99, L.4)

Na rodada para verificar o peso relativo (doravante, PR), o programa *Goldvarb X* não selecionou as variáveis *sexo/gênero* e *escolaridade* como relevantes para aplicação ou não do processo de aférese.

A variável *sexo/gênero*, utilizada para constatar se há disparidade entre mulheres e homens no uso da língua, tornando possível observar se tanto os informantes do *sexo/gênero* feminino quanto do masculino realizam o apagamento de vogal inicial na mesma proporção, não foi selecionada pelo programa estatístico. No entanto faz-se importante mostrar a distribuição de dados dessa variável. A seguir, é apresentado o resultado em porcentagens do *sexo/gênero*.

**Tabela 14-** Variável *sexo/gênero*

Sexo/gênero	Ocorrências		Não ocorrências	
	N.º	%	N.º	%
Feminino	651	5,9%	10.439	94,1%
Masculino	623	6,2%	9.370	93,8%

Fonte: Elaboração própria.

A *escolaridade* também não foi selecionada pelo programa. Essa variável demonstra a possível influência do grau de instrução do informante na escolha de determinada variante. Essa eliminação possibilita a interpretação de que os falantes realizarão o apagamento da vogal átona oral inicial independentemente do nível de escolaridade, não confirmando a hipótese inicial deste trabalho. No entanto faz-se importante mostrar a distribuição de dados dessa variável. A seguir, há o resultado em porcentagens da variável *escolaridade*.

Tabela 15- Variável escolaridade

Escolaridade	Ocorrências		Não ocorrências	
	N.º	%	N.º	%
1.º Ciclo do E. F	206	6,4%	3000	93,6%
2.º Ciclo do E. F	308	5,9%	4905	94,1%
Ensino Médio	417	6,2%	6326	93,8%
Ensino superior	343	5,8%	5578	94,2%

Fonte: Elaboração própria

### 3.6 OBSERVAÇÕES

Feita a análise quantitativa das variáveis linguísticas, cabe fazer algumas observações. Das ocorrências de apagamento levantadas, foram encontrados casos de palavras eruditas que não são utilizadas frequentemente no vernáculo popular. A baixa frequência de uso desses vocábulos causa uma possível dificuldade na pronúncia, o que os torna mais passíveis de sofrerem processos fonológicos, como nos exemplos a seguir.

11.a) [...] que é minha pessoa uma pessoa conhecida que fui bancário em Mirassol por vários anos... tinha uma imagem... **ilibada ilibada**... então essas você colocou algumas fotos a gente colocou pra propaganda mas [...]" (AC-145, L.75)

11.b) “[...] você tá votando assim ó bom vai tirar a arma do povo e aí quem eles pegar com arma eles vão prender... pode ser verdade ou pode ser **utopia** né? aí aí tem que acreditar né?” (AC-45, L.356)

Outra observação importante diz respeito à presença do uso das duas formas, com e sem apagamento, pelo mesmo falante. Foram levantados tanto casos em que o informante usa a palavra sem aplicação e em seguida com aplicação do fenômeno, como em 11.c, quanto as que ele realiza o apagamento e em seguida não o realiza, por exemplo em 11.d. Isso evidencia o processo de variação da aférese.

11.c) “Inf.: ah eu gosto mais... aqui em casa eles gostam mais também... **Øinda ainda** mais depois desse do Habib’s aí cê... né?... num sei no começo quando... eu ia lá em Jundiaí eu gostava de ir lá depois que veio aqui pa Rio Preto aí.” (AC-096, L.315)

11.d) “[...] porque ela tinha pegado a primeira vez que ela tinha pegado a muleta... depois ela foi se **aperfeiçoando Øperfeiçoando** e agora ela ela andava depois de três meses ela começou a andar dar os passos [...]" (AC-08, L.81)

O uso, pelo mesmo informante, de palavras sem aférese seguida da mesma palavra com aférese pode indicar que são variantes e que esses casos estão em variação.

Realizada a análise e a descrição das ocorrências de aférese e prótese retiradas do banco de dados IBORUNA, passa-se agora às considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou o apagamento e o acréscimo da vogal átona inicial oral em sílabas preenchidas apenas pelo núcleo. Os fenômenos de apagamento e de acréscimo também são denominados aférese e prótese, respectivamente, processos classificados como metaplasmos por autores de gramáticas históricas, como Duarte (1829) e Cortesão (1907)

Utilizando o banco de dados IBORUNA, este trabalho buscou compreender as características dos processos na variedade falada no noroeste paulista, com o objetivo de verificar possíveis condicionadores linguísticos e extralinguísticos para as ocorrências de aférese e prótese. Para isso, partiu-se da hipótese inicial de que os falantes com alto nível de escolarização são mais propensos a usar a variante padrão, dependendo da situação comunicativa, e, por consequência, o apagamento e o acréscimo tendem a ocorrer com mais probabilidade na fala de informantes menos escolarizados.

Este trabalho iniciou-se com um levantamento nas gramáticas para verificar como a aférese e a prótese são tratadas pelos autores. Em seguida, foram apresentados os trabalhos que discorrem sobre os processos analisados, o sistema silábico e as vogais do português. Logo após, foi realizada uma breve discussão sobre os conceitos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, proposta por William Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), que embasou teóricamente este estudo. Posteriormente, foram abordadas as informações sobre a comunidade de fala de São José do Rio Preto, sobre a constituição do banco de dados IBORUNA, as variáveis investigadas e os procedimentos metodológicos. Por fim, procedeu-se à análise dos dados.

Foram levantados **24.803** casos iniciados por vogais átonas orais no contexto analisado. Nesses casos, há ocorrências com as cinco vogais nessa posição, com a vogal [a] com maior número de ocorrências, com **20.876**, e o segmento [u] com menor frequência, com **363** dados.

Dessas **24.803** ocorrências, **43** são de acréscimo da vogal nos vocábulos: [i]mobiliada, [a]montada, [a]onde, [a]macetou, [a]cimentado, [a]lembro, [a]parou, [a]juntar, [a]gabar e [a]plantado. Foram encontrados registros de alguns desses vocábulos em textos antigos, como os mencionados em *Índice do vocabulário do português medieval* de Antônio Geraldo Cunha, demonstrando que esse processo

atua no uso da língua ao longo dos séculos. No entanto, atualmente, a prótese não se mostrou um fenômeno produtivo na variedade estudada.

Para analisar os casos de aférese, esta pesquisa utilizou um *córpus* de **24.375** ocorrências de palavras iniciadas com a vogal átona oral em estrutura silábica V. Nesse *córpus*, **4.420** sofreram o processo de apagamento, totalizando **18,1%** de aférese. Porém, após a primeira rodada no programa estatístico, foram retirados todos os casos de nocautes apontados pelo programa. A partir disso, a análise quantitativa se deu com **21.083** dados de palavras iniciais por vogal átona oral e **1.274** ocorrências de apagamento, totalizando **6%** do *córpus*.

Na análise quantitativa, a variável *classe gramatical* foi selecionada como a mais relevante para a aplicação do apagamento, sendo os pronomes demonstrativos os mais favorecedores da realização da aférese, seguidos das preposições e marcadores discursivos. Em contraposição, os advérbios, verbos e substantivos foram considerados as classes que mais desfavorecem a aplicação do fenômeno.

Esse resultado pode estar relacionado à frequência do item, visto que os pronomes demonstrativos, as preposições e os marcadores discursivos fazem parte das classes fechadas e, conseqüentemente, o mesmo item pode ser empregado mais repetidamente.

A segunda variável selecionada como relevante foi a *posição da sílaba em relação à tônica*, apontando que, nos vocábulos em que a vogal preenche a posição de terceira sílaba antecedendo a vogal tônica, há a maior tendência de haver apagamento dessa vogal, como em *Øcompanhou*. Em seguida, estão os casos em que a aférese ocorre na quarta e segunda sílaba anterior à tônica, respectivamente. Por outro lado, a aplicação de aférese é desfavorecida quando a vogal átona oral inicial está ao lado da sílaba tônica. Tem-se por hipótese para esse resultado o enfraquecimento da sílaba analisada devido à distância da sílaba tônica, que possui a “força” da palavra.

Os resultados da variável *contexto fônico seguinte* apontaram a vogal como o contexto com maior tendência à aplicação da aférese e, como hipótese para esse resultado, considera-se características silábicas das vogais como elementos de maior sonoridade. A partir disso, entende-se que a aférese é aplicada para desfazer o encontro de dois elementos de maior sonoridade. Logo após, como contexto seguinte que tende a favorecer o apagamento, estão as consoantes dorsais. Como contextos seguintes desfavorecedores para aférese estão as consoantes labiais e coronais.

Por meio da variável *contexto fônico precedente*, observou-se que a nasal [ã] presente na última sílaba da palavra anterior à vogal analisada tende a favorecer as ocorrências de aférese, porém esse resultado pode estar relacionado ao número baixo de ocorrências, gerando essa posição dada pelo programa estatístico. Em seguida, como fatores precedentes que possuem uma leve tendência à aplicação da aférese estão a vogal [o], pausa, [e], [ɔ] e [ɛ]. Em relação aos contextos que desfavorecem o apagamento da vogal átona oral estão os segmentos [r], [i], [ũ], [ĩ], [u], [a] e [s].

Esse resultado, indicando as vogais [ã], [o], [e], [ɔ] e [ɛ] como contextos fônicos precedentes favorecedores da aplicação do fenômeno de aférese, pode estar ligado à tonicidade dessas vogais, visto que, nos casos analisados, essas vogais que ocupam a sílaba final das palavras estão na sílaba tônica.

Os resultados da variável *características articulatórias da vogal* apontaram que o segmento [i] é a vogal que apresenta uma leve tendência ao apagamento, seguido da vogal [a]. Em contraposição, estão as vogais [e], [o] e [u], classificadas como vogais que tendem a não apagar na posição analisada. Como hipótese, sugeriu-se que o arredondamento dos lábios relacionado com altura da língua influencia a aplicação do processo de aférese.

A variável *paradigma* tinha por objetivo observar se os vocábulos que possuem uma *forma linguística similar* são mais propensos a sofrer aférese. Essa variável demonstrou um PR próximo ao ponto neutro, apresentando uma possível tendência de apagamento nos casos que apresentam o mesmo paradigma e o mesmo significado. As ocorrências que não possuem um correspondente no cópuz e as classificadas como o mesmo paradigma, mas significado diferente, são desfavorecedoras da aplicação do apagamento.

Em relação às variáveis extralinguísticas, o programa estatístico eliminou o *sexo/gênero* e a *escolaridade*. Essa eliminação refuta a hipótese inicial deste trabalho de que o processo de apagamento ocorre com mais probabilidade na fala de informantes menos escolarizados, uma vez que os falantes com alta escolarização tendem a usar a variedade padrão, dependendo da situação comunicativa.

Os resultados da faixa etária demonstraram uma leve tendência ao favorecimento da aplicação de aférese nos informantes de 36-55 anos, seguidos dos falantes com 26-35 anos e mais de 55 anos. Os grupos com 7-15 e 16-25 anos não foram considerados favorecedores do processo. Esse resultado pode estar

relacionado às reformas na educação que possibilitaram o maior acesso ao ensino e, conseqüentemente, à linguagem formal.

Na segunda rodada no programa estatístico, na qual os marcadores discursivos foram excluídos, observou-se modificação na ordem de apenas dois fatores em duas variáveis. No entanto, em relação às demais variáveis, a ordenação dos elementos permaneceu inalterada, e não foram identificadas mudanças significativas nos resultados de PR. Este resultado sugere que, embora os marcadores discursivos não sejam formalmente categorizados como uma classe gramatical, no fenômeno estudado, sua eliminação não influenciou na seleção dos grupos de fatores, parecendo ter um comportamento similar ao de qualquer outra classe gramatical.

Neste trabalho, foram analisados os processos de aférese e prótese na variedade do interior paulista. Os resultados obtidos se mostraram relevantes, uma vez que foi utilizado todo o banco de dados, totalizando 152 entrevistas, e levantado um número considerável de casos. Nesse contexto, a quantidade de ocorrências analisadas não apenas fundamentou esses resultados, mas também fornece uma base para outras pesquisas demonstrando a regularidade do fenômeno na variedade estudada.

Além disso, espera-se que esta pesquisa contribua para o mapeamento fonético-fonológico do PB contemporâneo e para a caracterização da variedade falada nessa região.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernadete; SANDALO, Filomena. Wowel deletion and reduction: acoustic clues of rhythmic organization in Brazilian and European Portuguese. 2007. **PaPI 07 Phonetics and Phonology in Ibéria**.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009 [1997].

ALVES, Letícia Mena. **O acento primário em português e em espanhol: uma proposta de análise unificada à luz da teoria da otimidade**. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas. 2004.

AMARAL, Emília; ANTÔNIO, Severino; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira. **Redação, gramática, literatura e interpretação de texto: testes e exercícios**. São Paulo: Nova Cultural. 1991.

AQUINO, Renato. **Gramática Objetiva da língua portuguesa: inclui 800 exercícios com gabarito comentado**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ARONNE, Alessandra. **Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ASSIS, Aline Rabelo. **Apagamento de vogais pretônicas no POBH- Norma culta**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestre em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], 2010.

AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de gramática do português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002 [2000].

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009 [1999].

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de estudos linguísticos**, v. 23, p. 83-101, 1992.

BISOL, Leda. Sandi e Ressilabação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 159-168, 1996.

BISOL, Leda. O acento, mais uma vez. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 18, n. 2, p. 103-110, 2002.

BISOL, Leda. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 20, p. 59-70, 2004.

BUENO, Silveira. **Estudos de filologia portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1946.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 1981.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 13. ed. Petrópolis. Vozes, 1969.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999 [1970].

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. **Breve compendio de Grammatica Portugueza**. Organizadores: Marli Quadros Leite, Arnaud Pelfrenê. São Paulo: FFLCH/USP, 2018 [1879].

CARMO, Márcia Cristina. **As vogais médias pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista**. 2009. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CARMO, Márcia Cristina. **As vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista**. 249 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2013.

CARMO, Márcia Cristina; TABORDA, Isabela Ribeiro. Apagamento de /R/ em coda silábica na variedade do interior paulista. **Letras Escreve**. Macapá, v. 9, n. 3, p. 39-51, 2. sem. 2019.

CARMO, Márcia Cristina. Alçamento vocálico das vogais médias pretônicas iniciais na variedade do noroeste paulista. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, p. 800-821, 2019.

CARMO, Márcia Cristina; TENANI, Luciani Ester. As vogais médias pretônicas na variedade do noroeste paulista: uma análise sociolinguística. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v.57, n. 2, 2013.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008 [1964].

CORDEIRO, Maryelle Joelma Cordeiro; CARVALHO, Simone Dornelas. Prótese no português rural mineiro. **Cadernos do CNLF**, vol. 20, n. 12. Rio de Janeiro. CiFEFiL, 2016.

COLLISCHONN, G. A sílaba no português. *In*: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 91-123.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Livraria acadêmica, 1972.

CORTESÃO, Antônio Augusto. **Nova Gramática Portuguesa**: acomodada aos programas oficiais para uso das escolas normais e dos institutos de ensino literário. 7. ed. Coimbra: F. França Amado, 1907.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CRISTÓFARO SILVA, Thais. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2016.

DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. **Syntaxe histórica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.

DUARTE, Antônio da Costa. **Compendio da Grammatica Portugueza**: para uso das escolas de primeiras letras, ordenado segundo a doutrina dos melhores grammaticos. Maranhão: Typographia Nacional, 1829.

DUQUE, Paulo Henrique. O Processo de Gramaticalização do Item agora. **Cadernos do CNLF**, v. 13, n. 04, p. 943-956, 2009.

FERNANDES, Patricia Damasceno; COSTA, Natalina Sierra Assêncio Costa. Metaplasmos por supressão na oralidade campo-grandense. **Revista Philologus**, [s. l.], ano 18, n. 54, p. 447-457, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed, Curitiba: Editora Positivo, 2004, 2120 p.

FREITAG, Raquel Meister Ko. MARCADORES DISCURSIVOS NÃO SÃO VÍCIOS DE LINGUAGEM!. Interdisciplinar-**Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 4, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. Aférese e prótese: verso e reverso fonológico. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, ano 1, v. 1, p. 65-77, 1992.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista, 2019 [2007]. Disponível em: <<https://www.alip.ibilce.unesp.br/>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 276-297, abr. 2019.

HORA, Dermeval; HENRIQUE, Pedro Felipe Lima. Como as restrições sociais e estruturais compõem a identidade do falante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, p. 96-104, dez. 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**/ Instituto Antônio Houaiss da Lexicografia (org.). São Paulo: Moderna, 2019.

HUBACK, Ana Paula. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 29, p. 79-94, 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEITE, Francisco José Monteiro. **Grammatica Portugueza dos Lyceus**. Porto: Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, 1887.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011 [1957].

LINS, Maria da Penha Pereira. Gramaticalização de agora. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 1, n. 1, 2007.

MACIEL, Maximino. **Grammatica Descriptiva**: baseada nas doutrinas modernas. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & C<sup>a</sup>, 1914.

MALDONADO, P.e Manuel Luis. **Fenix Angrence**. 1. v. Transcrição e notas de Helder Fernando Parreira de Sousa Lima. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira. 1989 [1711].

MENESES, Francisco de Oliveira. **Uma visão dinâmica dos processos de apagamento de vogais no português brasileiro**. 2016. 140 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012 [1933].

MOLLICA, Maria Cecília; FUNDO, Kátia Henriques; GOMES, Luciana da Silva; OLIVEIRA, Mônica da Silva Pinto; SILVA, Renata Flávia. Variação e função em aférese. **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 71-87, jul./dez. 1998.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

OITICICA, José. **Manual de análise**: léxica e sintática. 11. ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1955.

- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Historica**. 9. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 [1916].
- RABELLO, Laurindo José da Silva. **Compendio de Grammatica da Lingua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Typographia Esperança, 1872.
- RIBEIRO, João. **Grammatica Portuguesa: Curso Superior**. 19. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco. 1920 [1887].
- RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portuguesa*. São Paulo: Typ. de Jorge Seckler, 1885 [1881].
- RIO-TORTO, Graça Maria. Prefixação, sufixação e parassíntese no português: harmonia e competição. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 8, n. 2, p. 585-602, 2019.
- ROBERTO, Mikaela. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2016. 176 p.
- RAMOS, Jânia. A forma cê e a noção de gramaticalização. *In*: VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânio. **Gramaticalização: uma abordagem formal**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.
- SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1966 [1923].
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- SARMENTO, Flávia Rita Coutinho. **Português descomplicado: gramática e interpretação de textos para concursos públicos**. 4. ed. Belo Horizonte: Grupo Animus 2015 [2012].
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. *In*: Silva, Giselle Machline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marte Pereira (orgs). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996, p. 39-50
- SILVA, Thais Cristófar; SEARA, Izabel; SILVA, Adelaide; RAUBER, Andreia Schurt; CANTONI, Maria. **Fonética acústica: os sons do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SILVEIRA, Ana Amélia Menegasso. **As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista**. 2008. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SOUZA, Ricardo Fernandes Napoleão. **Redução de vogais altas pretônicas no português de Belo Horizonte**: Uma abordagem baseada na gradiência. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], 2012.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança linguística: observações no tempo real. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PAULA, Jéssica Nayara Sayão. O morfema al nas palavras da língua portuguesa: gramaticalização ou desgramaticalização?. *In*: COELHO, Sueli Maria. **Gramaticalização e mudança linguística**. Viva Voz. Belo Horizonte: FALE/UFMG. 2018 p. 141-152.

PAVEZI, Vanessa Cristina; TENANI, Luciani; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Vogais mediais pretônicas no noroeste paulista: o papel das variáveis sociais no alçamento vocálico. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.47, n.3, p.315-324, jul./set. 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003 [1986].

TENANI, Luciani. Considerações sobre a relação entre processos de Sândi e Ritmo. **Estudos da língua(gem)**, Vitória da Conquista, n. 3, p.105-122, 2006.

TENANI, Luciani. **Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A (poli) gramaticalização do verbo acabar. **Letras & Letras**, v. 20, n. 2, p. 21-56, 2004.

VIEIRA, Raquel Peixoto Ferreira. **Historiografia-linguística dos métodos de estudo sobre aférese no Brasil**. 147 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1975]

WILLIAMS, Edwin Bucher. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro, RJ: Tempo brasileiro, 1973. 325 p.

## APÊNDICE

A seguir, encontram-se os casos de aférese, com a palavra que sofre o apagamento, o número de ocorrências com aférese e um exemplo.

Palavra	N.º de ocorrências	Exemplo
Abafadas	1	“[...] e aqui em casa num tem...[Doc.: hum] [aqui:] nessa área é muito quente... aí elas ficam <b>Øbafadas</b> vai amarelan(d)o cai todas as folha (a)caba... morrendo [Doc.: uhum ((concordando))] então eu num tenho muita sorte com [...]” (AC-108)
Abandonar	2	“[...] dele né?... em vista da cidade que tava nuns bura::co precá::ria problema de á::gua cidade abandona::da que o Caboclo de(i)xô(u) <b>Øbandonada</b> e muita dívida eu acho que ele... pôs a cidade num nível muito bom mesmo num tem dí::vida [...]” (AC-139)
Abastecer	1	“[...] trase(i)ra tivé(r) fechada... se não tivé(r) abastecen(d)o... porque enquanto tivé(r) <b>Øbastecen(d)o</b> a gente não pode fechá(r) a porta do avião a diante(i)ra principalmente... porque pode sê::(r) que... tem o risco de explosão mas graças a Deus num/ se tem caso [...]” (AC-51)
Abertura	1	“[...] então prime(i)ra coisa é o planejamento... depois do planejamento tem:: éh:: abertu::ra... de(i)xa eu vê(r) aqui <b>Øbertura</b> visual... é isso mesmo abertura visual cê fez um planejamento depois faz abertura visual dos equipamentos que são as chaves [...]” (AC-139)
Abordá-lo	1	“[...] porque ele/ foi vê(r) que que era os cara... queren(d)o fugí(r) tinha saído do IPA pa/ pra fazê(r) um passeio à noite... e o:: e o:: V. foi lá... <b>Øbordá-lo</b> pra vê(r) quem é eles meteram fogo no rapaz... ALGUÉM foi LÁ... esse tempo eu tava na ativa... ALGUÉM FOI LÁ [...]” (AC-147)
abrigar	1	“[...] n/ no começo ainda do Monte Carlo... a gasolina da moto (a)cabô(u)... choVEN(d)o... pararam deba(i)xô de chuva porque num tinha lugar pa se <b>Øbrigá(r)</b> ... a sorte... que passô(u) um um ônibus... conheceu um desses amigos meu... e o motorista [...]” (AC-107)

Absurdo	2	“[...] é diversão... e/ e/ eles vem ganhá(r) vinte trinta quarenta cinqüenta... mil reais... isso é um:: <b>Øbsurdo</b> :... e quanto as Marias chute(i)ras e isso aí é mulher:... mulher:: éh::... e homem também né? [...]” (AC-147)
Acabamento	2	“[...] são coisas maciça né? [Doc.: hum::] o piso é cla::ro... da cozinha::... o <b>Øcabamento</b> é tudo clarinho... e:: no nos quarto também TUdo cla::ro nas duas salas já é um po(u)co mais escuro [...]” (AC-139)
Acabar	147	“[...] tanto empecilho ali na na na hora da divisão e::... e enrolando na justiça sabe?... que as irmã <b>Øcabô(u)</b> fazen(d)o acordo::... e dan(d)o uma fazenda a mais pra ele pra ele podê(r)... pa acabá(r) logo com isso porque [...]” (AC-100)
Academia	1	Inf.: ali na sede tem tem sala de <b>Øcademia</b> que é muito bom... tem salas de de ginástica de <b>Ølongamento</b> tem a piscina que a gente faz tam(b)ém... hidroginástica... tem piscina de criança tem umas três né? (AC-136)
Acalmando	2	“[...] vim hoje vi/ hoje eu sei que foi:: realmente muitos não acreditam mas hoje eu acredito... realmente foi a voz de Deus::... <b>Øcalmando</b> éh:: dan(d)o conforto falando ao meu ouvido é interessante isso... acho que se uma pessoa passa por esse/ por esse [...]”(AC-57)
Aceitaram	1	“[...] porque:: Deus não desampara ninguém... desde que a gente creia nele”– e:: só foi naquele momento que elas ficaram apreensivas... depois todas <b>Øceitaram</b> muito bem meu marido foi um grande companhe(i)ro meus filhos meus irmãos [...]” (AC-134)
Acerola	1	Inf.: é na parede aquelas... feita de tijolo 7 [sabe?] [Doc.: ah]... e::... tem uns pé de árvore assim mas num é/ num é arvore é pé de fruta sabe? [Doc.: hum] tem pitan::ga... <b>Øce [ro::la]</b> ” (AC-104)
acobertado	1	“[...] em... em ma::la... onde já se viu um negócio desse aí? num existe um negócio desse no pa/ existe existe né? mas era tudo <b>Øcobertado</b> agora um abriu a boca... e:: aonde vai prejudicá(r) todo mundo e tem que í(r) atrás mesmo porque:: o Brasil como diz? [...]” (AC-67)

Acompanhou	2	“[...] a gente... FOI... fui começan(d)o e fui... fui in(d)o bem fui gostan(d)o... fiz amizade c’a turma tudo... e a gente <b>Øcompanhō(u)</b> eles MUlto... os campeonato eu tenho medalha tem tudo... tem medalhas que eu já ganhei já já tive no São Paulo [...]” (AC-97)
aconchegante	2	“[...] dan(d)o/ que dá retorno pra gente né? que tem como diz? tem que preservá(r) o que é da gente... que é um local bem::... <b>Øconchegante</b> como diz?... é quente (na época de calor) né? movimento que num/ como diz? só tem um ventilador mas num:: refresca muito [...]” (AC-67)
Aconselhável	2	“[...] e aonde ele passō(u) esse veneno:: daqui::... se ele dão/ dão controle no mato de seis mês o mato nasce e morre [Doc.: uhum] a pessoa passa descalça (gu/ du/) num é <b>Øconselhável</b> andá(r) descalço mas cê num sabe né? [...]” (AC-63)
Acontecer	123	“[...] –“mata... mata... mata”–... e ela com aquilo na mente... e aquela briga aquela discussão que deve sê(r) que eu num vi... mas isso pode tê(r) <b>Øcontecido</b> na hora do desequiLÍbrio emocional... as coisas que você coloca [...]” (AC-106)
Acordar	5	“[...] ia chegá(r) a outra semana mas nunca ia chegá(r) terça-fe(i)ra [Doc.: ((risos))]. ai vai... <b>Øcordei</b> de manhã:: vim::... vim terça-fe(i)ra aqui pra UNESP... fui vê::(r) [...]” (AC-87)
Acostumar	5	“[...] fica um be::/ fazê(r) a física agachamento e:: levantamento e::... assim vai treinan(d)o um com o(u)tro vai <b>Øcostuman(d)o Øcostuman(d)o</b> até:: chegá(r) na::... na ponta amaREla que eles fala dePOIS que passa pa o(u)tra a fa(i)xa amarela [...]”(AC-97)
Acreditar	18	“[...] se você vê(r) meu filho hoje... eu levei ele numa neurologista por causa de dor de cabeça... ela não <b>ØcrediTava</b> que ele teve lesão de plexo braquial... eu nunca... imagina... ((ruído)) cento e dez por cento bom... ela falô(u) [...]” (AC-106)
Acrescentando	1	“[...] uma::... uma consistência bem... bem::... cremosa mesmo se eu vejo que num tá... (inint.) tá muito::... ou muito durinho... ou muito::... líquido... eu vô(u) <b>Øcrescentando</b> ... até ficá(r) cremoso até quando cê puxá(r) com a colher... e senti(r) que tá cremoso [...]” (AC-50)

Acumular	1	“[...] conseguí(r) ganhá(r) me/ mesmo dividin(d)o com mais um num precisaria sê(r) com muitos não [Doc.: é:] mesmo na época... <b>Øcumulada</b> ... mas eu tenho assim vonta::de de de tê(r) uma chá::cara né? (AC-149)
Adiantar	9	Inf.: então não <b>Ødianta</b> muito falá(r) com o moleque... o moleque todo dia que ia pa escola ia lá pa fazê(r)/ pa brigá(r) pa::... pa arrumá(r) briga né? [...]” (AC-15)
Adolescentes	1	“[...] isso aí que eu acho que tinha que tê(r) tê(r) mui::to um estudo muito bom pra pra molecadinha pros <b>Øadolescentes</b> porque os pais num tão dando conta não [...]” (AC-152)
adulta	1	“Inf.: ai hoje em dia pra tê(r) um namorado cê tem que escolhê(r) BEM... não assim escolhê(r) deMAIS... tem que sê(r) uma pessoa um po(u)co <b>Ødulta</b> tem que escolhê(r) uma pessoa que é esforça::da que traba::lha que faz uma faculda::de que pensa no futuro [...]” (AC-24)
Aeroporto	3	“Inf.: (inint.) eu tava sain(d)o do servi::ço meu namorado foi me buscá(r)... aí a gente tava ali na:: na avenida do <b>Øeropor::to</b> ... na hora que/ de MOto... aí eu tava na garupa... [Doc.: uhum ((concordando))] aí na hora que chegô(u) assim bem perto do <b>Øeroporto</b> uma:: em frente assim uma mulher que tava na nossa frente do nada ela brecô(u) [...]” (AC-44)
Agachamento	1	“[...] física que o mai/ o mais difícil né?... fica um be::/ fazê(r) a física... <b>Øgachamento</b> e:: levantamento e::... assim vai treinan(d)o [...]” (AC-97)
Agarrar	1	“[...] e ela chora::va e chora::va porque ela num queria mordê(r)... M. ela num queria... que que a minha tia fez ela... <b>Øgarrô(u)</b> minha irmã levantô(u) a blusa e falô(u) –“J. morde... morde” [...]” (AC-56)
Agora	18	“[...] entrô(u) a vi::ce... vamo(s) vê(r) se vai né?... ele já uma vez ganhô(u) mas num fez nada nada... <b>Øgora</b> ele tornô(u) ganhá(r) mas foi cassado... então Mirassol tá [...]” (AC-98)
Agradecer	3	“[...] esperava com muita ansiedade... e:: nós... recebemo(s) ele com muita alegria e <b>Øgradecendo</b>

		a Deus por nada tê(r) acontecido... e depois... que ele tomô(u) um banho a gente começô(u) a conversá(r) [...]” (AC-91)
Aguardar	1	“[...] e costuro e ponho assá(r) no papel alumínio ou:: algum o(u)tro tipo de papel que teje pa assá(r) que agüente caloria... e se/ e <b>Øguardá(r)</b> uma uma hora uma hora e meia e está pronto [...]” (AC-67)
Aguentar	24	“[...] lê(r)... então cê me dá licença porque agora eu vô(u) ficá(r) lendo aqui” – e aí eu num <b>Øgüentei</b> e chamei a coordenadora da escola e falei – “vai dá(r) uma olhada no fulano né? [...]” (AC-88)
Ainda	53	Inf.: ah eu gosto mais... aqui em casa Eles gostam mais tam(b)ém... <b>Øinda/</b> ainda mais depois desse do Habib s aí cê... né::?... num sei no começo quando... eu ia lá em Jundiáí eu gostava de í(r) lá depois que veio aqui pa Rio Preto ai [...]” (AC-96)
Ajoelhar	2	“[...] tava brigan(d)o já... aí mi/ minha mãe falava pra num fazê(r) i::sso né? <b>Øjoelha::va</b> pedia por favor::... aí eles tava brigan(d)o e o meu irmão mais velho né? [...]” (AC-15)
Ajudar	4	“[...] ou ajunta mais gen::te aí a gente sempre usava a viziNHANça os parente né?... vem fazê(r) <b>Øjudá(r)</b> a gente mexê(r) c’a pamonha... e éh um tempo gostoso que a gente passa ali... fazen(d)o [...]” (AC-140)
Alaranjado	3	“[...] um azul escuro vai fican(d)o verme::lho... um vermelho... assim... não um vermelho <b>Ølaranja::do Ølaranjado</b> vai fican(d)o vermelho vai escurecen(d)o é LINdo demais [...]” (AC-87)
Aliás	1	“[...] então aí eu sô(u)... aí eu posso falá(r) que eu sô(u) espírita... <b>Øliás</b> eu não sô(u) espírita... eu sô(u) espiritista [...]” (AC-100)
Alienação	1	“[...] só que:: é por exemplo... é:: essa C.P.I. essas coisa que tão acontecen(d)o é tudo...como dizem né?... é pizza:: é laranja é tudo é:: desviação de foco... é <b>Ølineaçã/</b> é:: alienação de... de massa... pelo fato do quê?... eles... dizem né? que por exemplo dizem que o Lula num sa::be Lula num viu is::so que aconteceu aqui::lo todo esse tipo de [...]” (AC-87)

Alongamento	1	Inf.: ali na sede tem sala de <b>Øcademia</b> que é muito bom... tem salas de de ginástica de <b>Ølongamento</b> tem a piscina que a gente faz tam(b)ém... hidroginástica... tem piscina de criança tem umas três né? (AC-136)
Alugar	2	“[...] nos prime(i)ros meses depois eu vi que num dava certo eu já vim pra Rio Preto felizmente graças a Deus... lá tinha dois moço... que:: <b>Ølugaram</b> um cavalo... pra í(r) lecioná(r) a noite no sítio [...]” (AC-147)
Amaciamento	1	“[...] a parte que CORta que corta a made(i)ra tudo e VEM:: depois o processo de:: lixamento... <b>Ømaciamento</b> aí que vem a parte da pintura... depois a forração... e depois a... onde carre::ga descarre::ga... as urna... [Doc.: hum] pronta [...]” (AC-59)
Amanhã	3	“[...] –“olha se eu dé(r) uma:: dosagem normal pra ele... de de antibiótico num vai resolvê(r)... <b>Ømanhã</b> esse menino tá morto... de uma mane(i)ra ou de o(u)tra [...]” (AC-143)
Amanheceu	1	“[...] e foi assim a noite toda... ele ouvin(d)o passos... quando foi no dia seguinte... que <b>Ømanheceu</b> o dia ele:: foi::... numa casa lá chamá(r) um... um senhor [...]” (AC-98)
Amarela	2	“[...] as parede aí da... da sala é branca... por fora é:: <b>Ømarela</b> ... tem cozinha de azulejado né? azulejo [Doc.: uhum ((concordando))] tem a varanda que é grande [...]” (AC-95)
Amarrar	8	“[...] aí eles pegaram tipo d’um cabide assim e ponharam uma camisa assim né?... e <b>Ømarram</b> né?... aí... amarraram assim né? numa camisa branca... aí eles descia corren(d)o com a camisa assim né? quando vinha um ca::rro [...]” (AC-15)
Amendoim	4	“[...] daqui:: três quatro ano... ele num vai tê(r) mais um pé de <b>Ømendoim</b> ... <b>Ømendoim</b> que se/ que é uma arve né? [Doc.: uhum] ele num vai mais tê(r) um pé de farinha seca [...]” (AC-63)
Amiga	5	“[...] inclusive teve um dia que eu tava lá que... ele falô(u) que tinha... passado na casa do <b>Ømigo</b> dele... tinha deixado a roupa dele lá que tinha sujado de barro num sei se ele [...]” (AC-103)

Amoitado	2	“[...] num cabide... aí amarrava uma linha no cabi::de... passava por cima da árvore assim e ficava... <b>Ømoitado</b> ... aí eles (ficava) ven(d)o se tinha um ca::rro ou um cara de bicicle::ta ou uma mo::to algum::/ se alguém passasse ali eles descia né? [...]’ (AC-15)
Amortecedor	1	“[...] fica um monte de moleque na esquina assim né?... aí os moleque lá/ o meu tio tem uma bicicleta que é de <b>Ømortecedor</b> né?... bonita pa caramba [...]” (AC-15)
Anarquia	1	“[...] ficaram a noite inte(i)ra amarrado... foram nas casa da (Sé)... fizeram a maior <b>Ønarquia</b> levaram tudo [na casa da é] 19[Doc.: levaram o que queria] e ele fazia e o homem fazia parece que festa junina então ele queria [...]” (AC-63)
Anestesiar	1	“[...] tratamento... se era pessoa mais cuidadosa num tinha nada disso cê já... começava o direto... então <b>Ønestesiô(u)</b> ... você... pegava o dente cariado... você ia com/ com/ com um instrumento [...]” (AC-147)
Anexar	1	“[...] até ele ia dançá(r)... eu falei – “lógico tem que tê(r) o vestidinho caipira depois eu vô(u) tirá(r) fo::to vai filmá(r) a:: a gente vai <b>Ønexá(r)</b> no painel da escola né?... e num vai ficá(r) bonito se tivé(r) uma menina [...]” (AC-88)
Anotações	1	“[...] que aí a/ a polícia chega aí a hora que já tá tudo:: resolvido ela chega faz as <b>Ønotaçõezinhas</b> dela lá e pronto e o perigo maior quem passa é a gen1 [te (ainda)] [Doc.: são vocês] [...]” (AC-78)
Aonde	19	“[...] vai aqui por que isso vai te adiantá(r)...e daí você pode tê(r) uma profissão em cima disso e chegá(r) até <b>Øonde</b> você qué(r)” – eu fiz colegial normal e na escola pública [...]” (AC-80)
Apaixonada	2	“[...] então ele conta a a gente tem fotograFlas... da Época... e:: eu sô(u) <b>Øpa(i)xonada</b> por fotografia né?... a quantidade de gente na frente da casa dele [...]” (AC-146)
Apanhar	3	“[...] algoDÃO... pra fazê(r) essa colhe(i)ta rápida e uma/ e::... muitas vezes é:: num:: se fazia numa só <b>Øpanha</b> ... tinha uma <b>Øpanha</b> ... a principal a principal de(i)xava o algodão abrí(r) bem e depois tinha uma o(u)tra colhe(i)ta uma o(u)tra é <b>Øpanha</b>

		de algodão com o restante que fica/ que fica/ que ficava mais atrasada [...]” (AC-141)
Aparecer	8	“[...] vê(r)... ela dentro d’um ca(i)xão do que casá(r) comigo... e eu tinha medo de de casá(r) com ela e o seu F. <b>Øparecê(r)</b> pra mim... o seu C.”—... aí minha mãe falô(u) —“ah porque num era destino”— [...]” (AC-130)
Aparelho	3	“[...] com a capa vinho... televisão::... a o o:: rack a televisão o... o vídeo cassete... <b>Øparelho</b> de som... é:: tem um telefone... e:: e tem uma uma mesinha de centro [...]” (AC-135)
Apartamento	3	“[...] e... um... todos os dois quarto tem armário embutidos né?... e o quarto nosso que é o quarto <b>Øapartamento</b> ... tá? na cozinha é uma cozinha copa e cozinha conjugada... (lá) só tem uma mesa um armário [...]” (AC-119)
Apaziguando	1	“[...] mas aí um ligô(u) pra o(u)tro cara lá ia buscá(r) o pastor aí buscô(u) o pastor eu peguei ele leu começô(u) orá(r) lá:: até que... acabô::(u)... <b>Øpaziguan(d)o</b> sabe? aí eu quando/ quando saiu assim eu peguei [...]” (AC-45)
Aperfeiçoando	2	“[...] porque ela tinha pegado a primeira vez que ela tinha pegado a muleta... depois ela foi se aperfeiçoan::do <b>Øperfeiçoan::(d)o</b> e agora ela:: ela andava depois de três meses ela começô(u) a andá(r) dá(r) os passos [...]” (AC-08)
Apertar	5	“[...] assim... ela quase a/ parô(u) mais de vim aqui em casa... e ela era gorda e ela usava uma ro(u)pa... <b>Øpertadinha</b> que ninguém falava que tava grávida não... aí... bom quando faltava três/ aí a minha mãe teve um sonho falô(u) [...]” (AC-140)
Apesar	14	“[...] éh aqui da região chamada:: prainha de Sales na cidade de Sales... é cidade legal... <b>Øpesar</b> de termos ido só na na na na... na praia mesmo... mas legal reunimos ali o pessoal alugamos um ônibus... né? (AC-57)
Aplicar	2	“[...] se ele num gastá(r) ele vai <b>Øplicá(r)</b> aqui no Brasil como deve tá... <b>Øplican(d)o</b> muito... agora oitocentos mil reais por mês... por quê?...o [...]” (AC-147)

Apodrecer	1	“[...] pra podê(r) pegá(r) as bolas que vão pará(r)... teve uma vez que uma bola <b>Øpodreceu</b> lá em cima... aí a gente va::i é legal bastante bem legal... lá eu gosto de í(r) pra lá eu adoro í(r) pra lá [...]” (AC-01)
Apontar	2	“[...] se dirigisse ao banco de trás c’uma arma... né? <b>Øpontada</b> pra cabeça dela pediu que ela se:: [...]” (AC-138)
Aposentar	2	“[...] armada::... que eu tive::/ eu estive na polícia militar (inint)... eu sei/ eu sei que eu fui::... eu <b>aposentei</b> no dia cer::to na hora certa... não num teve problema nenhum... e ele não conseguiu paPEL NENHUM [...]” (AC-147)
Aprazível	6	“[...] então pra comprá(r) determinados mantimentos... eles tinham que í(r) até Monte <b>Øprazível</b> ...[e] pra í(r) a Monte <b>Øprazível</b> eles iam com o carro de boi... então falava que demorava vá::rios dias pra chegá(r)... até:: Monte <b>Øprazível</b> ... [Doc.: sé::rio ((concordando))] eu num lembro bem quantos dias... mas aí reunia [...]” (AC-149)
Aprender	7	“[...] também... num é santo... é que nem ele... [Doc.: éh::] eu tenho também isso na família mas tam(b)ém já era pa tê(r) <b>Øprendido</b> né?... então [...]” (AC-39)
Apresentar	8	“[...] entrô(u) no lugar dela né?... e aí eles acabaram <b>Øpresentan(d)o</b> no mesmo dia deu tudo certo e até hoje eles tão assim... meio incompleto aí ele também acabô(u) sain(d)o do teatro né? [...]” (AC-48)
Aprontar	3	“[...] pra tentá(r) batê(r) só que eles levaram a pior... agora... como ele... só bagunça::va saía farrea::va... <b>Øprontava</b> ... ele era muito cismado... ele sempre achava que:: tinha alguém queren(d)o... entregá(r) ele po pai dele... e:: [...]” (AC-103)
Aproveitar	5	“[...] a mãe dela já num queria que ela chegasse cedo em casa e/ no começo eu achava até bom né? que::... <b>Øproveitava</b> ((fala rindo)) e:: dava o(u)tras voltas por aí né? ia divertí(r) com meus amigo [...]” (AC-67)
Aproximar	3	“[...] cê qué(r) fazê(r) um:: pra::to assim::... cê pega um:: pra::to ou alguma pane::la assim <b>Øproximadamente</b> ... um prato assim... cê vai::



Arrepende	1	Inf.: [ah já]... no::ssa eu peguei amor nele ele era muito bom pra mim né?... [Doc.: uhum] tadinho... <b>Ørrependo</b> até hoje... [Doc.: ((risos))] a gente num tinha culpa né? (AC-130)
Arrepiado	1	“[...] eu lembro q/ até hoje éh a ro(u)pa nunca mais me desfiz eu faço doação de ro::(u)pa... tudo mas essa ro(u)pa eu num::.... fico até <b>Ørrepiado</b> ... a::í:: essa ro(u)pa eu não desfiz eu PASSEI coloquei minha ro(u)pa [...]” (AC-51)
Arruaçado	1	então que que eu tinha que fazê(r)? eu num sei né? eu nunca tinha paSSAdo por isso né? ele tava lá era um japonês... e japonês falam que quando dá pra sê(r) <b>Ørruaçado</b> ele... é... num é? [...]” (AC-81)
Arrumar	15	“[...] nada o moço já tinha ido embora fugido... aí:: ele falô(u) –“bom... quem sabe cê <b>Ørruma</b> um casamento e se casa”– ela falô(u) –“eu num vô(u) ficá(r) vô(u) arrumá(r) serviço”– ... aí deixô(u) ele aqui [...]” (AC-140)
Assim	80	“[...] o M. falô(u) que é da altura da porta um po(u)co pra cima da porta... então:: éh entrô(u) água no carro eu falei <b>Øssim</b> – “olha só... a gente luta tanto pra tê(r) alguma coisa [...]” (AC-86)
Assistir	10	Inf.: não... fu::i... fui ne no no cam::po... <b>assistí(r)</b> o jo::go fui... foi no no na... no trabalho d’um primo meu que era uma fábrica de alumínio né?... [e aí nos/] [...]” (AC-65)
Assoalho	1	Inf.: ah uma casa gran::de espaço::sa <b>Øssoalho</b> de made(i)ra... geralmente eu dormia no assoalho de made(i)ra emba(i)xo da mesa ouvindo meu pai contá(r) histó::ria [...]” (ac-143)
Assombração	2	Inf.: teve uma coisa que:: meu primo ((risos)) só que essa é engraçada né? e isso num é de:: <b>assombração</b> assim essas coisas [Doc.: aham ((concordando))]... é ARte... vô(u) contá(r) po cê... é uma coisa que:: eles fizeram né?... ele mora ali no Jardim do Lago ali mesmo né? (AC-15)
assoviar	2	“[...] aí depois a ambulância foi vê(r) aí:: começaram a:: assoviá(r) que era:: lá na casa né?... na casa deles começaram <b>Øssoviá(r)</b> ... aí tô lá aí a:: ambulância chegô(u) lá pediu pra levá(r) no hospital mas meu pai:: (num) me levô(u)... aí depois fui

		chegá(r) no hospital o médico me atendeu... e me/ e eu levei oito pontos na cabeça [...]”(AC-09)
Assustar	3	“[...] só descia só a camisa branca no cabide então ninguém via o cabide... [Doc.: ((risos))] só via só a camisa branca só e todo mundo <b>Øssustava</b> né? todo mundo saia corren::(d)o... [Doc.: ((risos))] é aque::/ aquele susto que o povo passava né? [...]” (AC-15)
Atrarracar	3	“[...] o barco viROU... e eles é:: quase que morreram mas eles... <b>Øtarracaram</b> ... nas be(i)radas do barco o barco num afundô(u) esses barco moderno né?... e::les <b>Øtarracaram</b> peGÔ(u) conseguiram pegá(r) na be(i)rada eles não sabiam NADÁ(r) [...]” (AC-141)
Até	89	“[...] temperá(r) o:: o:: o frango... então cê vai lá frita o frango (precisa)... de(i)xa o frango fritando... <b>Øté</b> ficá(r) do(u)radinho bonitinho... aí você vai colocan(d)o aos po(u)cos o/... cê coloca a ceno(u)ra que a ceno(u)ra [...]” (AC-87)
Atirar	2	“[...] maquiavélico... ele... ele já programô(u)... pegô(u) o oitão na casa dele... foi lá no bar e <b>Øtirô(u)</b> no moço... só porque o moço namorô(u) c’a mulher dele?...[mas a] culpada é ela entendeu? [...]” (AC-39)
Atrapalhar	2	“[...] assim tem uma elaboração bem esperta sabe? a mesa bem no centro da cozinha pra podê(r) <b>Øtrapalhá(r)</b> todo mundo que for passá(r) pela cozinha tem que dá(r) a ((risos)) volta pela mesa [...]” (AC-50)
Atrás	1	“[...] olha... fazia SEis meses que a gente num se via... né? há mui::to tempo... então ele foi <b>Øtrás</b> da minha mãe que a minha mãe tinha ligado q/ pra ele í(r) [...]” (AC-22)
Através	2	“[...] colocá(r) os cateter... é retirado... então é feito uma compressão... porque é:: é (puncionado a) artéria é tudo in/ éh <b>Øtravés</b> de artéria que é feito o exame... [Doc.: uhum ((concordando))] [...]” (AC-105)
Atravessar	17	“[...] encontramos a cidade de Xava/ Nova Xavantina... de Nova Xavantina éh dentro de Nova Xavantina nós <b>Øtravessamos</b> o Rio das Mortes que

		passa ali em Xavantina... depois nós andamos mais oitenta quilômetros [...]” (AC-93)
Atropelar	1	“[...] estava rendendo... que eu também não podia... <b>Øtropelá(r)</b> ela... né? bem que eu queria né? [porque] [Doc.: hum] meus alunos já tavam lá no: [...]” (AC-86)
Atualmente	1	“[...] desde mil-no-ve-cen-tos-e-se-ten-ta-e-quatro essa casa foi financiada pela Ca(i)xa mas <b>Øtualmente</b> ... graças a Deus há muito tempo que ela tá paga... minha casa era pequena [...]” (AC-139)
Avenida	2	“[...] aí:: eu subi por uma rua e eu percebi que tinha muito ‘PA::re’ era uma rua que num... que eu tinha que ficá(r) parando toda hora e resolvi descê(r) de volta pra... <b>Øvenida</b> ... pra Cenobelino... a hora que eu voltei... na/ pra avenida [...]” (AC-50)
Educação	9	“[...] comprá(r)... é:: tem dois banhe::(i)ros é:: um palco um pátio enorme... tem três quadras... uma quadra que a gente é feito <b>Øducação</b> Física que é a coberta e que ela (contém) festa e a:: e uma quadra aberta pra quando... né? [...]” (AC-37)
Emissora	1	“[...] como... como falô(u) um locutor um comentarista de uma <b>Ømissora</b> de televisão aí... né? o:: Osmar de Olive(i)ra... agora achá(r) [...]” (AC-147)
Emocionar	3	pra:: pra carregá(r) né? as coisa assim... eu fiquei assim... <b>emocionada</b> porque uma pessoa fazê(r) isso é tão difícil né? as pessoa... quem quem tem essa coragem [...]” (AC-136)
Enorme	1	“[...] o fundo da casa dela parece o fundo da:: d’um::... de/ dessas casa de revista que cê vê sabe? [Doc.: ham]... a piscina DEla é <b>Ønor::me</b> ... tem um desenho assim no fundo da piscina sabe? [...]” (AC-104)
Equipamento	3	“[...] subestação::... com uma câmara já equipada num num::... numa perua... cê::... olha todinho o <b>Øquipamento</b> que tem dentro da subestação ali você vai detectá(r) se tem vazamento[...]
Evaporar	3	“[...] pra que o arroz continue fervendo... e a água possa <b>Øvaporá(r)</b> ... geralmente... éh:: essa água

		né? até ela evaporá(r) evaporá(r) toda e até o arroz né? ficá(r) cozido [...]” (AC-88)
Evita	1	“[...] eu nem entro lá porque a gente/ perigoso pisá(r) numas coisa que num deve né? que tá tudo... fora do lugar mas... então a gente <b>Øvita</b> entrá(r) lá pa num passá(r) por isso né? [...]” (AC-103)
Exatamente	1	“[...] cê ia procurá(r) num fazê(r) aquilo ali... então a gente tem o esquecimento... <b>Øxatamente</b> ... pro nosso crescimento... certo? porque a gente tem que crescê(r) a gente tem que evoluí(r) [...]” (AC-120)
Hemorragia	1	“[...] uma criança que eu tinha extraído um dente... de manhã... estava lá me esperan(d)o que estava com <b>Ømorragia</b> ... oito hora da noite... aí eu até ... prepará(r)... até esterilizá(r) [...]” (AC-147)
Higiênico	1	“[...] porque é ve::lho sabe? anti::go... só tem um vaso e:: o lugar de pôr papel <b>Øgiênico</b> ... e umas bagunça assim sabe?... assim... uns pote de amacia::nte [...]” (AC-16)
Homicídio	1	“Inf.: das o(u)tras vezes ele::... ele tentô(u) matá(r) acho que um:: um moço... ele foi preso tam(b)ém... tentô(u)... <b>Ømicídio</b> ... que mais? ele::... tam(b)ém assaltô(u)... que mais? [...]” (AC-39)
IBILCE	1	“[...] pessoa... depois de lá eu saí da Moto Rio e comecei a::... a::... a:: a limpá(r) particular... aí eu... eu já era de lá do <b>ØBILCE</b> lá em cima... do do IBILCE da::...da faculdade que era aqui [...]” (AC-97)
Ignorante	1	“[...] então eu decido hoje em dia minhas amizade... muitos fala que eu sô(u) chato que eu sô::(u)... metido:: sô::(u) <b>Øgnorante</b> mas NÃO... porque:: eu acho que num::/ num é essa a realidade [...]”(AC-29)
Igreja	1	“[...] era um bocado grande tinha um punhado de primos nós éramos em:: aproximadamente uns quinze... e quando havia assim festas... festas da <b>Øgreja</b> lá que juntava assim aglomerava bastante gente [...]” (AC-93)
Igualitária	1	“[...] ane(i)ra... seria... melhorando a educação em níveis... éh... fazen(d)o uma educação... <b>Øqualitária</b> ... em níveis que não o nível

		universitário... mas no nível fundamental... né? [...]" (AC-82)
llibada	2	"[...] que é minha pessoa uma pessoa conhecida que fui bancário em Mirassol por vários anos... tinha uma imagem... <b>Ølibada Ølibada</b> ... então:: essas você colocô(u) algumas fotos a gente colocô(u) pra propaganda mas... as demais a gente tirô(u) e de(i)xô(u) a:: perfeita sozinha com [...]" (AC-145)
Imaginar	24	Inf.: <b>ØmaGlna</b> ... a gente/ você avisa uma duas três vezes por fim o que que você faz... quando você não toma a frente de fazê::(r)... cê vai fazê(r) o quê? [...]" (AC-86)
Imediato	2	"Inf.: olha no <b>Ømediato</b> ela falô(u) que ficô(u) deses/ éh um colega até dele que ligô(u) deu [...]" (AC-67)
Inacabado	1	"[...] uma gradinha de ferro mas era uma grade... daquelas grade anti::ga ba(i)xi::nha... ela tinha na frente... um::... um jardinzinho que tava... <b>Ønacabado</b> (com::)... até tinha até um... um holofote... o forro da casa... era forro de::... de made(i)ra... tá? [...]" (AC-119)
Inofensiva	1	Inf.: e eles [Doc.: é] e E::les [Doc.: hum] que morô(u) no sítio [Doc.: uhum] eles num (inint.) tá certo é uma:: coisa <b>Ønofensiva</b> [Doc.: é] num te ataca... mas tem muita... bicho [...]" (AC-63)
Isolar	1	"[...] e de saída pra ele isolá(r) o equipamento... [Doc.: ((tosse))] e ele <b>Øsola</b> ... aí pra você trabalhá(r) cê viu que tá aberto... isso aí é o segundo passo o terce(i)ro pa::sso [...]" (AC-139)
Obrigação	1	"[...] tanto homem na vida pra sê(r) amigo do meu namorado vai justamente Esse?" –... já pensô(u) se ele realmente fosse muito amigo eu acho que ele ia a <b>Øbrigaçã</b> o dele era chegá(r) no C.... que era o namorado dela e falá(r) – “olha... é o seguinte a sua namorada [...]" (AC-46)
Obrigado/a	12	"[...] mensagem pra ele no celular dele assim – “ai” – éh::... – “valeu mancada” – sabe? falan(d)o assim – “ai <b>Øbrigada</b> pela mancada que cê me deu” – e::... o/ e/ a/ e ele mandô(u) o(u)tra mensagem... pro:: celular dela falan(d)o assim – “ai sua porca” [...]" (AC-16)

Ocasião	1	“[...] no::... como eu falei antes nós tin/ tinha problema econômico na/ na/ na <b>Øcasião</b> uma fase... mais o menos difícil... e::... eles compraram a bicicleta ali na rua Coronel Spínola [...]” (AC-147)
Ocupava	1	“[...] na oitava-série era assim né? porque tinha uma lousinha pequenininha tinha três lo(u)sa né? que a professora <b>Øcupava</b> só uma... que as o(u)tras era pra professora colá(r) algum trabalho que os aluno faz [...]” (AC-15)
Odontologia	1	“[...] vinte trinta mil reais... éh:: entra naquela porcentagem... que diziam na <b>Øodontologia</b> ... que dois por cento tinha condição de tratá(r) o dente... como a/ o/ o:::/ os meus colegas da Odontologia [...]” (AC-147)
Oficina	1	“[...] até que a gente ficô(u) no::ivo... e nesse tempo que eu tava namoran(d)o ela eu trabalhava na oficina... <b>Øoficina</b> num era oficina mecânica uma oficina de solda né? [...]” (AC-139)
Omelete	2	Inf.: n/ não... cozi/ bom... cozinhá(r) a gente sabe né? por exemplo fazê(r) um <b>Ømelete</b> Doc.: como que faz omelete?
Oportunidade	4	Inf.: olha eu:: sei fazê(r) bem um churrasco... e:: como diz? eu até um dia quero te convidá(r) ocê/ <b>Øoportunidade</b> né?... pa [até] [Doc.: obrigada] te ensiná(r)... a como se fazê(r) não só pa comê(r) também pra fazê(r) né? [...]” (AC-67)
Utopia	1	“[...] você vota no ‘sim’... porque::... você tá votan(d)o assim óh bom vai tirá(r) a arma do povo e aí quem eles pegá(r) com arma eles vão prendê(r)... pode sê(r) verdade ou pode sê(r) <b>Øtopia</b> né? aí aí tem que acreditá(r) né? [...]” (AC-45)
Abaixar	7	“[...] perto da da chácara lá... do homem... Aí lá tinha um monte de cana... aí eu PEGUEI <b>Øba(i)xei</b> o meu pipa... e:: quand/ eles dois tava lá/ só:: lá catan(d)o cana só né? aí... catei aba(i)xei meu pipa... fui lá... tam(b)ém peguei um monte de cana tam(b)ém levamo(s) tudinho pra casa da minha avó [...]” (AC-07)
Abobrinha	3	“[...] entrá(r) família no meio... –“você vai po sítio cê vai passá(r) fo::me você vai comê(r) <b>Øbobri::nha</b> você vai::”–... e eu engolin(d)o... aí um dia ((risos))... um dia chegô(u) um cidadão assim na minha

		menina na J. mais velha falô(u) assim –“você... vai bebê(r) leite de seringue(i)ra você só vai falá(r) borracha... você vai comê(r) <b>Øbobrinha</b> ... só vai falá(r) <b>Øbobrinha</b> ” –... éh:: eu engoli aquilo... [Doc.: No::ssa (é duro)] e eu engoli aqui::lo [...]” (AC-63)
Abrir	1	“[...] e ela comeu comeu ficô(u) tão ruim a noite foi no esto/ no hospital... abriram... o estômago dela... <b>Øbriram</b> tudo ela tinha dentro da vesícula pedaços de repolho... morreu... foi pro U.T.I. morreu [...]” (AC-152)
Acelerador	1	“[...] engatô(u) a segunda o ônibus ele vai/ vai dan(d)o aquela sentada né?... tirá(r) o pé do <b>Øcelerador</b> (cê vai reduzin(d)o)... ele foi reduzin(d)o reduzin(d)o foi pegan(d)o (mais fria) até que nós chegamos na parte reta [...]” (AC-109)
Anomalia	1	“Inf.: olha... porque é assim éh em caso de feto [Doc.2: uhum ((concordando))] (que apresentam) <b>Ønomalia</b> ... seria favorável em caso de estupro... seria favorável tam(b)ém.” (AC-85)
Avião	1	“[...] internacional né? [de São] [Doc.: uhum ((concordando))] Paulo que é de Guarulhos e que assim... de cinco em cinco minutos tava... decolan(d)o <b>Øvião</b> ... foi a prime(i)ra vez que vi um avião giGANte na minha vida nossa foi muito dez... aí nós chega::mos::... em São Paulo de novo [...]” (AC-87)
Ofereceu	1	“[...] aí... beleza falei – “num vô(u) mais” – aí... melhorei... aí na hora de í(r) embora esse amigo <b>Øfereceu</b> carona falei... – “ótimo né?” – eu chego mais cedo em casa assim dá tempo de corrê(r) no cursinho Alternativo antes da cinco e vê se eu pego ela lá [...]” (AC-85)
Ocorrido	1	“Inf.: olha isso já é um fato <b>Øcorrido</b> ... no trabalho já... adulto né? apesar de ter outras passagem anterior né?... e eu no serviço que eu trabalhava até de carro-forte... a gente::... viajava né? [...]” (AC-103)